

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN

DEPARTAMENTO DE ARTES E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

CAMPUS DE BAURU

KATHERINE PERCHES

**ALEXANDRE HEBERTE: INSPIRAÇÕES PARA TECER A VIDA EM SALA DE  
AULA**

**BAURU**

**2021**

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN

DEPARTAMENTO DE ARTES E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

CAMPUS DE BAURU

KATHERINE PERCHES

**ALEXANDRE HEBERTE: INSPIRAÇÕES PARA TECER A VIDA EM SALA DE  
AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais - Licenciatura, Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, UNESP/Campus Bauru, como requisito parcial para conclusão da graduação, sob orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Tarcila Lima da Costa.

**BAURU**

**2021**

KATHERINE PERCHES

**ALEXANDRE HEBERTE: INSPIRAÇÕES PARA TECER A VIDA EM SALA DE  
AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais - Licenciatura, Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design UNESP/Campus Bauru, como requisito parcial para conclusão da graduação, sob orientação da Profª Drª Tarcila Lima da Costa.

BANCA EXAMINADORA

: \_\_\_\_\_

Profº Drª Tarcila Lima da Costa

FAAC UNESP Bauru - Orientadora

\_\_\_\_\_

Profª Drª. Regilene Sarzi Ribeiro

FAAC UNESP Bauru – Membro da banca

\_\_\_\_\_

Profª Me. Laís Lacerda

FAAC UNESP Bauru - Membro da banca

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer imensamente ao artista Alexandre Heberte, que desde o início, foi muito doce e acessível, cedendo seu tempo e dando a oportunidade de conhecer mais profundamente e de perto seu trabalho, através das entrevistas. Esse momento foi de grande aprendizado, onde ele compartilhou sobre sua história e de como a tecelagem chegou em sua vida. Esse contato, tornou, sem dúvidas, a experiência de conclusão de curso, muito mais especial e enriquecedora. Foi um prazer imensurável poder escrever sobre esse artista que admiro tanto e aprender ainda mais a partir de seus conhecimentos.

Aos meus pais, agradeço por terem me proporcionado a grande experiência de estar cursando uma Universidade Pública que me trouxe tantas oportunidades, aprendizados e vivências. Ao meu pai, por me ajudar a colocar os pés no chão e ir de encontro ao meu racional, obrigada por me mostrar que precisava também estar em contato com esse lado para que fosse possível concretizar as etapas de minha vida e obrigada por sempre ter me ensinado a importância dos estudos, de me realizar como pessoa e principalmente de buscar minha independência.

À minha mãe por sempre nos rodear dos seus afazeres artísticos, que realizava com tanta maestria e leveza. Obrigada por ter trazido a arte e os trabalhos manuais para minha vida, de uma forma tão leve e natural. Eu sempre busco lembrar da artista incrível que você é, porque desde pequena eu ficava encantada com suas criações que pareciam surgir de suas mãos com a maior facilidade e naturalidade do mundo. Obrigada por me ensinar que eu poderia ser quem eu quisesse e que ninguém poderia me dizer ao contrário, obrigada por me incentivar sempre a ir em busca dos meus sonhos.

Agradeço também aos meus irmãos, por todo amor, carinho, parceria e acolhimento. Obrigada por estarem sempre ao meu lado me incentivando, acreditando em mim e fazendo as coisas serem mais possíveis. Obrigada por serem essa parte leve de minha vida, essa parte de segurança também, vocês me trazem paz e segurança e sempre estão comigo em todas minhas decisões. Todos sabemos da importância que tiveram nesse meu processo para entrar na Universidade, se não fosse vocês, talvez isso não teria sido possível.

Obrigada também à família que construímos, meus queridos amigos que tive a sorte de cruzar nessa vida. Vocês estiveram comigo em todo o processo, me mostrando novas idéias, caminhos, me acolhendo, me incentivando. Sem vocês, sem o apoio, amor, carinho, nada disso teria sido como foi, e foi maravilhoso. Fico muito grata por terem me ajudado nos dias de muito trabalho, por não terem me deixado desanimar nos momentos difíceis, por trazerem o riso em meus dias e por serem essa segunda família querida. E em especial à minha amiga de infância Mariane, irmã que a vida me deu e que sempre esteve ao meu lado me apoiando em tudo e me dando forças, só eu sei da importância disso em minha vida.

Às minhas tias Marlene, Maria e Jamile, que ajudaram minha mãe e meu pai no meu cuidado e educação. Vocês fazem parte do que sou e de toda a minha história, sei da sorte de ter vocês sempre ao meu lado, me fazendo buscar o que realmente quero na vida e enchendo ela de muito amor, companheirismo e carinho. A toda a minha família tão querida e tão presente, que eu amo tanto e tenho a sorte de fazer parte.

Um agradecimento a minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tarcila Lima da Costa, que me ajudou a clarear e a encontrar um caminho para seguir dentro do TCC. Foi um processo confuso, ao início e ela sempre esteve disposta em me ajudar a encontrar o melhor caminho que deveria seguir para poder realizar a finalização desse período da melhor forma possível. Obrigada pela parceria.

E finalizo agradecendo a minha banca, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Regilene Sarzi e Prof<sup>a</sup> Me. Laís Lacerda, gratidão eterna por todo o carinho e presença durante a graduação e por estarem comigo nesse momento tão especial.

“A arte é importante porque ela celebra as estações da alma, ou algum acontecimento trágico ou especial na trajetória da alma. A arte não é só para o indivíduo; não é só um marco da compreensão do próprio indivíduo. Ela é também um mapa para aqueles que virão depois de nós.”

**Clarissa Pinkola Estés**

## **RESUMO**

Tendo como tema “Alexandre Heberte: inspirações para tecer a vida em sala de aula”, a atual pesquisa busca investigar o trabalho do artista mencionado no título, relacionando a tecelagem com as vivências de quem a produz, ressaltando sua potencialidade como proposta para sala de aula. Como objetivo geral, busca analisar a produção em tecelagem artística de Alexandre Heberte e como esse trabalho manual pode contar trajetórias de vida, de como as tramas são permeadas por bagagens de quem as faz, criando, ao final, uma oficina com base na pesquisa realizada. É uma pesquisa em arte-educação, envolvendo a proposta triangular de Ana Mae Barbosa, que busca ressaltar a valorização desse fazer ancestral e contemporâneo dentro da sala de aula.

**Palavras-chave:** Alexandre Heberte; tecelagem; arte têxtil contemporânea; arte têxtil na educação; trajetórias de vida;

## ABSTRACT

With the theme "Alexandre Hebert: inspirations to weave life in the classroom.", the current research seeks to investigate the artist's work expressed in the title, relating weaving to the experiences of those who produce it, highlighting its potential as a proposal for the classroom. As a general objective, it seeks to analyze Alexandre Hebert's artistic weaving production and how this manual work can tell life trajectories, how the plots are permeated by the baggage of those who make it, creating, in the end, a workshop based on the research carried out. It is a research in art education involving a triangular proposal by Ana Mae Barbosa, which seeks to emphasize the appreciation of this ancestral and contemporary doing within the classroom.

**Palavras-chave:** Alexandre Hebert; weaving; contemporary textile art; textile art in education; life trajectories.



## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - “Tear de pedal”. A tecelagem era prática comum na rotina doméstica do Brasil colonial, notadamente em Minas Gerais. Foto: Marcio Sallowicz/ Oficina dos fios. (Fonte: PEZZOLO, Dinah Bueno. Tecidos: história, tramas, tipos e fios.)
- Figura 2 - Fragmentos de bandagens de múmia feitas de linho e decoradas com um capítulo do *Livro dos mortos*. Museu Departamental de Antiguidades de Rouen. (Fonte: PEZZOLO, Dinah Bueno. Tecidos: história, tramas, tipos e fios.)
- Figura 3 - De cima para baixo: esquemas e desenhos de tramas, tafetá, da sarja e do cetim. Desenhos: Dinah Bueno Pezzolo. (Disponível em: PEZZOLO, Dinah Bueno. Tecidos: história, tramas, tipos e fios.)
- Figura 4 - Registro fotográfico por Marcos Muzi - “Exposição Entre-laçados” com participação dos artistas Alexandre Heberte, Mariana Godoy Moreira, Renato Dib e Marta Meyer. (Fonte: facebook do artista Alexandre Heberte)
- Figura 5 - Norberto Nicola. Barroco. Escultura com objetos e tapeçaria. 80cm x 110cm. (Disponível em: [https://www.catalogodasartes.com.br/cotacao/obrasdearte/artista/Norberto%20Nicola/ordem/avaliacao\\_mais\\_recente/pagina/1/](https://www.catalogodasartes.com.br/cotacao/obrasdearte/artista/Norberto%20Nicola/ordem/avaliacao_mais_recente/pagina/1/))
- Figura 6 - Edith Derdyk, Enredo. 2020 (Foto: Divulgação Galeria ARTE / FORMATTO). (Disponível em: <https://blog.artsoul.com.br/arte-textil-contemporanea/>).
- Figura 7 - Arthur Bispo do Rosário.” Grande Veleiro”. Montagem, carpintaria, escrita, revestimento, bordado, costura, pintura, perfuração. 118x158x65 cm. (Disponível em: <https://museubispodorosario.com/acervo/>).
- Figura 8 - Rosana Paulino. Série Bastidores, 1997. Imagem transferida sobre tecido, bastidor e linha de costura. 30,0 cm de diâmetro. (Disponível em: <https://www.ufrgs.br/arteversa/rosana-paulino/>).

- Figura 9 - Leda Catunda. :”Siameses”, 1998, Acrílica s/ tecidos, 165x180/167 x 180cm. (Disponível em: [http://www.ledacatunda.com.br/portu/comercio.asp?flg\\_Lingua=1&cod\\_Artista=91&cod\\_Serie=16](http://www.ledacatunda.com.br/portu/comercio.asp?flg_Lingua=1&cod_Artista=91&cod_Serie=16)).
- Figura 9 - Alexandre Herbert tecendo em uma praça de São Paulo, 2016. (Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/50173-alexandre-heberte>).
- Figura 10 - Alexandre Heberte. “Tecido Assum Preto”. Fita VHS. (Fonte: facebook do artista Alexandre Heberte)
- Figura 11 - Alexandre Heberte. Trama São Paulo. Montagens do tear pente liço em casa e na rua/ Performance: Live TRAMA SP. Exposição SP- Arte, 2017. (Fonte: facebook do artista Alexandre Heberte)
- Figura 12: Alexandre Heberte tecendo em uma praça de São Paulo, 2016. (Fonte: facebook do artista Alexandre Heberte)
- Figura 13: Alexandre Heberte tece em seu tear, São Paulo, 2016-2017. (Disponível em: <https://www.oxereta.com/noticia-1495665414-artista-cearense-leva-tear-para-33-regioes-de-sao-paulo-e-produz-tecidos-para-exposicao>).
- Figura 14: Aluna criando uma tecelagem. Foto tirada pela autora.
- Figura 15 - Alexandre Heberte tecendo. Projeto Trama SP, 2017. (Fonte: facebook do artista Alexandre Heberte)
- Figura 16: Alexandre Heberte. Performance Live Trama SP, 2017. SP-Arte. (Fonte: facebook do artista Alexandre Heberte)
- Figura 17: Lygia Pape, “Divisor”, 1968. Pano de algodão, fenda, 20x20 cm. (Disponível em: <https://www.galerialuisastrina.com.br/artistas/36628/>).

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1.0 TECELAGEM.....	18
1.1 Tecelagem de tradição .....	19
1.2 Tecendo a vida .....	23
2.0 ARTE TÊXTIL: TECELAGEM CONTEMPORÂNEA.....	28
3.0 ALEXANDRE HEBERTE - PRODUÇÃO E PENSAMENTO.....	36
4.0 ARTE EDUCAÇÃO.....	47
4.1 Arte têxtil na educação.....	51
4.2 O ensino da tecelagem no ambiente escolar.....	56
5.0 OFICINA: TECIDO DAS VIVÊNCIAS E DESEJOS.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	66
REFERÊNCIAS .....	71
APÊNDICE A - Entrevista: Alexandre Heberte.....	76

# **INTRODUÇÃO**

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu com a necessidade pessoal de compreender melhor a minha prática como docente, buscando investigar possibilidades da arte têxtil como conteúdo dentro de sala de aula. Como professora, tendo passado por uma escola Waldorf e atuando em uma disciplina de trabalhos manuais no momento, compreendo a importância dessa prática na formação humana. Ainda que a pedagogia Waldorf, elaborada por Rudolf Steiner não seja o foco deste estudo, é importante salientar que a inquietação inicial surgiu da minha experiência prática. Passei por uma formação Waldorf, onde pude ter uma maior contato com essa pedagogia que valoriza e reconhece esse campo de conhecimento das artes manuais, incluindo a tecelagem e sua importância na história da humanidade.

A tecelagem surge com a necessidade do homem de se proteger, para construções de moradias e vestimentas. Acredita-se que a técnica da tecelagem tenha nascido da cestaria e com o tempo foi se desenvolvendo, criando outras técnicas e surgindo novas formas de se tramar os fios. Através de pesquisas, acredita-se que a tecelagem tenha surgido no Período Paleolítico. Também foram descobertos tecidos, na antiguidade, no Egito, Escandinávia, Suíça e mediterrâneo.

A partir disso, essa técnica foi se difundindo por toda Europa e através da colonização, chega ao Brasil. Importante ressaltar que a tecelagem chega ao Brasil através dos Portugueses e imigrantes, mas também, pelos povos indígenas, que também praticavam essa técnica, como por exemplo, os povos Huni Kuin, com seus estampados chamados “kenê”. Essas técnicas vão sendo disseminadas pelo Brasil, a qual se integra com cada cultura local, criando uma tecelagem com suas características particulares.

Em meio a história da tecelagem manual, ocorre a industrialização. Em 1785, os teares manuais (Figura 1) são substituídos pelos teares mecanizados, e a partir desse momento se cria a indústria têxtil moderna. Isso faz com que a tecelagem manual perca parte de sua importância na sociedade, mas ela resiste, em diversos lugares do mundo, trazendo em si, muito da cultura de cada povo que a pratica.



Figura 1 - exemplo de tear manual; Tear de pedal. Foto: Marcio Sallowicz/ Oficina dos fios.

A arte contemporânea abre espaço para a arte têxtil, que ressignifica essa técnica. Abre espaço para novos experimentos, quando se fala de campos, meios, linguagens e procedimentos. Artistas, através de novas concepções estéticas, criam suas peças, se utilizando de novas bases, estruturas e materiais. O artesanato comumente é atualmente visto como uma arte menor ainda, porém a partir do modernismo e principalmente na arte contemporânea brasileira, ganhou alguma visibilidade, através de muitos artistas como Renato Imbroisi, Rosana Paulino, Arthur Bispo do Rosário, Leda Catunda, Edith Derdyk, entre outros, os quais serão comentados em capítulo apropriado, e que, de alguma forma, abriram espaço para outros.

Mais recentemente, na história da arte têxtil contemporânea, surgiu o artista Alexandre Heberte, foco central deste estudo, sendo ele, inspiração e conteúdo para uma proposta em sala de aula. Nascido em Juazeiro do Norte, município localizado na Bahia, trabalha com a tecelagem e suas chamadas *tramas experimentais*, onde se utiliza de materiais diversos e alternativos em seus processos de criação. Heberte consegue ultrapassar os limites do tear e de suas materialidades, tramando vivências, trajetórias e cotidiano. Em entrevistas que ocorreram durante o processo

de escrita do atual trabalho, Alexandre conta que em suas tramas, entrelaçam não só suas trajetórias de vida, mas também as histórias que cruzam seus caminhos. O artista traz uma nova proposta para a tecelagem, inovando as técnicas tradicionais e explorando novas concepções estéticas, que ultrapassam a ideia de utilidade e funcionalidade.

Inspirada nas tramas de Alexandre Heberte, a atual pesquisa busca relacionar como a tecelagem está carregada da cultura do povo que a pratica, como ela conta a história dessas pessoas e também como conta sobre a trajetória de vida de quem entrelaça os fios. Através da entrevista realizada com o artista, é possível perceber como ele incorpora em seus teares, suas emoções, reflexões e ideias próprias, suas histórias e histórias que se cruzam com as suas. E como a partir dessa reflexão é possível levar a importância dos trabalhos manuais para dentro da sala de aula, como processo de desenvolvimento do cognitivo, da consciência estética, motor, criativa e autoconhecimento de cada educando e educanda.

Esta, é uma pesquisa em arte educação, de abordagem qualitativa e exploratória quanto aos seus objetivos. A bibliografia coletada foi de dados primários e secundários, com o intuito de definir conceitos primordiais à pesquisa “Alexandre Heberte: inspirações para tecer a vida em sala de aula”. Como base de coleta bibliográfica foi utilizada as obras “O fio do trabalho manual na tessitura do pensar, sentir e agir humanos: e seus princípios no Ensino Waldorf do 1º ao 5º ano” (ORTEGA, 2017), e “A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos” (BARBOSA, 2005). Houve também uma entrevista semiestruturada. Têm como técnica e instrumentos de observação a análise interpretativa dos dados coletados e observação indireta.

Como a atual proposta, busca compreender como a tecelagem pode contar histórias, no capítulo **tecendo a vida**, busco uma reflexão de como a tecelagem é carregada de simbolismos, considerada por muitos como uma memória ancestral da humanidade. Através de muitos mitos, é possível observar isso, eles são como exteriorizações do inconsciente coletivo e contam as histórias sobre o início de todas as coisas. Durante a história da humanidade, os indivíduos sempre buscaram compreender o mundo e também a si mesmos. E é passado de geração para geração, assim como as técnicas artesanais. O fio , por exemplo, é carregado de

simbolismos, representa o passado, presente, futuro e também a ideia de conectividade, pode-se perceber isso na linguagem, como por exemplo “amarrar o texto”, “costurar suas idéias”. O fio, o tecer e a costura estão presentes tanto no vocabulário, como histórias, lendas e mitos. Um grande exemplo é as Moiras, na mitologia grega, que eram responsáveis por tecer e cortar o que seria um fio da vida de todas as pessoas. Esse caráter simbólico e ancestral torna essa técnica uma possibilidade rica dentro da sala de aula.

Através da arte e suas diversas linguagens, como por exemplo, as artes manuais, o ser humano pode desenvolver o saber sensível, possibilitando entender melhor o seu próprio corpo e também o contexto social o qual está inserido. A arte também ajuda a desenvolver a consciência estética e cultural do indivíduo, além da coordenação motora e conseqüentemente o cognitivo. No capítulo sobre arte têxtil na educação, é apresentado que as mãos são compostas por complexos sistemas de inervação e vascularização, além também de sensores de temperaturas e pressão, fazendo com que o cérebro capte o ato e se aproprie dele.

Através dos trabalhos manuais também é possível que as pessoas contem suas histórias através de suas criações. Por mais que sigam uma técnica, os gestos feitos com as mãos, são muito particulares e isso se expressa. Quando o aluno ou aluna está no processo de criar alguma peça têxtil, ele está ao mesmo tempo trabalhando concentração, paciência, ritmo harmônico, minúcia, delicadeza, atenção e persistência para conseguir chegar ao final de seu trabalho.

Buscando conectar o trabalho do artista Alexandre Heberte, a tecelagem ancestral, simbólica e suas inovações na contemporaneidade como potencialidade dentro da sala de aula, o atual projeto apresenta uma oficina de tecelagem, pensada para alunos terceiro ano do colegial, com o intuito de trazer à eles esse contato com a tecelagem de tradição e contemporânea, através das obras do artista em foco. Será utilizada a proposta Triangular de Ana Mae Barbosa (**ver/fruir arte, contextualizar e fazer arte**). No primeiro momento será feita a **contextualização**, onde os alunos terão contato com a história da tecelagem de tradição e tecelagem contemporânea através do trabalho do artista Alexandre Heberte. No segundo momento será o **ver/fruir arte**, onde serão comparadas duas obras de Alexandre Heberte, a *Trama São Paulo* e sua *performance Live Trama SP*, buscando a



reflexão sobre individual e coletivo. No terceiro momento, o **fazer arte**. Através dessa prática, será possível uma conexão com suas vivências, autoconhecimento e desenvolvimento cognitivo, motor, estético, criativo. A proposta será que cada aluno crie seu próprio tecido individualmente, buscando, através dos materiais escolhidos, texturas e cores, tecer alguns períodos importantes da vida e ao final algum desejo para o futuro. Todos os pequenos tecidos serão conectados por amarrações e formarão um grande “Tecido das Vivências e Desejos”. Ao final, uma volta ao **ver/fruir arte**, porém agora da própria produção. Os participantes poderão falar sobre como se sentiram nessa experiência de tecer individualmente e coletivamente. Para que todos possam levar um pouco dessa história para casa, esse tecido, após a experiência de compartilhamento, será separado novamente, em suas partes individuais.

# **CAPÍTULO 1**

## **TECELAGEM**

## **CAPÍTULO 1: TECELAGEM**

### **1.1 Tecelagem de Tradição**

Segundo Pezzolo (2017), a tecelagem surgiu por causa da necessidade do homem de se proteger, sendo um desenvolvimento da técnica de entrelaçar galhos e folhas para a construção de moradia, vestimenta e objetos, uma outra forma de resguardo. Pezzolo (2017) também explica que o homem inicialmente desenvolveu a arte da cestaria e da evolução desse artesanato, surgiu a tecelagem. Após a criação dessa técnica, outras foram sendo ampliadas, aparecendo novas formas de entrelaçar os fios, novas formas de tingimento e uso de materiais diversos.

Estima-se que as primeiras atividades com tecelagem aconteceram a mais ou menos 24 mil anos atrás, no Período Paleolítico, em possíveis tecidos e também na arte da cestaria. Já no Egito foram descobertos alguns tecidos feitos com o material linho (Figura 2) à 6000 a.C e por volta de 3000 à 1400 a. C., na Suíça, Escandinávia e países do mediterrâneo.

“A descoberta de Soffer e seu grupo deu-se em Pavlov, na Morávia, República Checa. Encontraram vasilhas de argila cozida, com marcas deixadas por tecidos ou cordas. As peças, depois de analisadas e datadas segundo técnicas avançadas, indicaram que possivelmente, ainda molhadas, tenham ficado apoiadas numa sacola, cesta ou corda.” (PEZZOLO, 2017, p.13)

Através dessa descoberta, que aconteceu em Pavlov, na Morávia, foi possível detectar a possibilidade de que cestas, cordas ou sacolas já eram feitas há muito tempo na história da humanidade.



Figura 2 - Fragmentos de bandagens de múmia feitas de linho e decoradas com um capítulo do *Livro dos mortos*. Museu Departamental de Antiguidades de Rouen.

A partir disso, essa técnica vai se expandindo por toda a Europa e para todo o mundo. Com o passar dos anos os métodos, técnicas, materiais e teares utilizados foram se aprimorando e diferenciando daqueles que deram início a prática, porém todos seguem a mesma essência e uma estrutura básica. O domínio e o aprimorando a técnica da tecelagem, trouxe a produção e a criação de tecidos esteticamente bem elaborados, que junto com a técnica do bordado e tingimento, chegaram a grandes obras artísticas e decorativas, possibilitando o uso da criatividade e trazendo o caráter de peça única para muitos.

Antes da industrialização dessas técnicas, a forma de se trazer esse caráter único para a peça era, principalmente, através da escolha de matérias de grossuras e texturas diversas e também explorando o tingimento de tais. Eles também buscavam explorar as técnicas de diversas formas. Segundo Pezzolo (2017, p.18) “O domínio da tecelagem permitiu as mais belas realizações têxteis coptas. A partir da trama de fios, eles criavam motivos bem elaborados que acabaram por identificar sua arte.”

Em sua pesquisa, Araujo (2018) explica que o tear permite um processo onde os fios escolhidos se entrelaçam em sentidos diversos. Os primeiros, chamados de urdume ou urdidura, são colocados longitudinalmente e o espaço que existe entre eles é denominado cala, que é exatamente onde passam os próximos fios, de forma vertical, chamados de trama. Para auxiliar na tecelagem existe também o pente, que abaixa e levanta os fios alternadamente e permite a abertura da cala para o entrelaçar da trama. A forma como a pessoa tece os fios é o que dá a estrutura básica da peça, o seu padrão. A partir dessa ideia, a tecelagem pode ser realizada de diversas formas, porém existem três ligamentos básicos do entrelaçamento entre os fios da trama e da urdidura, são eles: o tafetá, a sarja e o cetim (Figura 3).

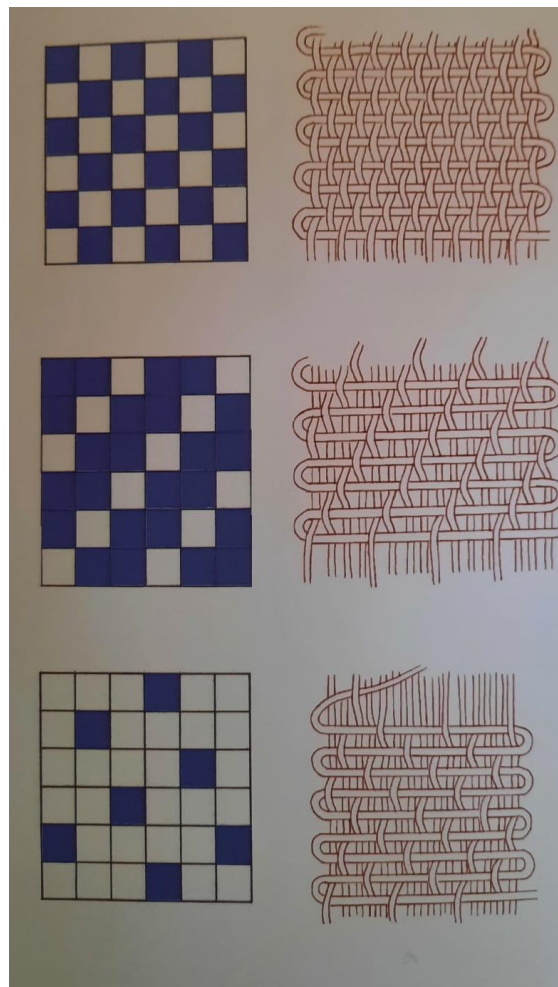


Figura 3 - De cima para baixo: esquemas e desenhos de tramas, tafetá, da sarja e do cetim.

Desenhos: Dinah Bueno Pezzolo

Com os avanços tecnológicos, em 1785, há a substituição dos teares manuais, pelos teares mecanizados, nascendo assim indústria têxtil moderna. Com isso a produção dos produtos têxteis toma uma dimensão muito mais rápida, prática e não braçal. Porém é importante ressaltar que essa técnica da tecelagem manual, apesar de ter perdido um pouco da sua importância dentro da sociedade industrial, ela continuou resistindo, em muitos lugares do mundo, como um artesanato que representa muito sobre cada cultura de cada povo.

No Brasil, alguns povos indígenas praticam a tecelagem, cada um com suas peculiaridades dependendo de qual tribo está se falando. Uma tecelagem indígena muito conhecida, é do povo Huni Kuin, que reside tanto no Brasil, quanto no Peru. É a maior população indígena no Acre e segundo Silva *et al* (2016, p.202) o artesanato é considerado a maior forma de renda dessas pessoas, sendo os principais produtos, a cerâmica e a tecelagem em algodão, tingida com tinta natural. Na tecelagem, é estampado o chamado “kenê”, o desenho de cobra, que é a marca da cultura Huni Kuin, que tem alguns significados, como coragem, força, poder e sabedoria.

A tecelagem também chega ao território Brasileiro a partir dos colonizadores Portugueses. Pezzola (2017) explica que no século XVIII e XIX, a indústria têxtil e principalmente estamparia, era uma das mais importantes em Portugal e supria tanto o mercado interno, como o externo. Boa parte de sua produção tinha destino para o Brasil.

Para Pezzola (2017) a partir desse contato, essa técnica se expandiu pelo Brasil e em Minas Gerais, particularmente, houve uma demanda de produção de chita, a qual tinha um preço muito acessível e era ótimo para o clima do lugar. Nessa região do Brasil, foi onde se concentrou uma grande quantidade de pessoas socialmente mais vulneráveis financeiramente, por causa da mineração. Essa mesma população, tendo contato com a técnica da tecelagem, começa a produzir esses tecidos, era muito comum ver nas casas tanto o tear como também a roda de fiar. Essa produção era, algumas vezes, realizada para consumo próprio, sendo produzido colchas e roupas para a família. O material mais utilizado era o algodão e a lã.

“Roupas tecidas em algodão e lã eram usadas tanto no trabalho diário no campo como em ocasiões festivas. O algodão era plantado, colhido, descaroçado num descaroçador manual, cardado e fiado. Para tingimento, utilizavam principalmente cascas e raízes.” (PEZZOLA, 2017, p. 53)

Com o passar do tempo, as técnicas de tecelagem foram se expandindo pelo Brasil e começaram a se integrar na cultura, tendo suas características particulares, além de existir como forma de renda familiar, virou também, um artesanato reconhecido por suas marcas culturais. Muitos artistas começaram a utilizar dessa técnica também para seus trabalhos artísticos. Pezzola (2017), em seu livro, cita o artista Renato Imbroisi, tecelão e design de artesanato, que é reconhecido internacionalmente, por suas obras que trazem muito das raízes da cultura Brasileira.

## **1.2 Tecendo a vida**

O ato de tecer é tão antigo quanto a história e não se sabe ao certo onde teve início. Alguns historiadores indicam que as primeiras tecelagens ocorreram ainda no período Paleolítico. Na Criméia, foi encontrado em cavernas placas de ossos crivadas com pequenos e estas foram identificadas como teares. Porém o tecido por, por ser um material mais frágil, não resiste tanto aos desgastes do tempo, sendo difícil a comprovação de quando realmente se iniciou a relação do humano com o ato de tecer (SILVEIRA, 2013).

Ainda segundo Silveira (2013), o tear é o meio mais antigo de produção de tecidos e as fibras mais antigas relatadas são a lã e o linho. Esse processo de tecelagem manual decaiu a partir da revolução industrial, pois nessa época histórica, houve grandes mudanças. A tecelagem é uma memória ancestral da humanidade. Considerando todo este contexto histórico entre os humanos e a tecelagem, podem considerar esta, uma atividade repleta de simbologias e que vai sendo passada de geração para geração, assim como os mitos.

Os mitos estão enraizados na cultura da humanidade e sobrevivem por séculos. Eles nascem, vivem e evoluem conforme as épocas. O mito é a exteriorização do inconsciente coletivo e este é constituído pela soma dos seus

instintos. Essas narrações de acontecimentos ocorrem durante o tempo e referem-se a histórias sobre o início de todas as coisas. Representam o que é passado de geração para geração, coletivamente. (JULIEN, 2002; BRANDÃO 2001;2009)

O ser humano necessita compreender tanto o mundo como a si mesmo, e o faz através de um conjunto de símbolos que passam por sua vida, porém é através de mitos que se faz um exercício mais complexo dessa necessidade de compreensão. Como diz Jung, “cada pessoa deveria descobrir o seu mito pessoal para compreender seu papel no mundo e seu destino” (BOECHAT, 2008).

O mito relaciona-se com deuses que geram realidades, costumes, instituições técnicas e fornecem o fundamento de toda vida social. O pensar imaginativo constrói pontes entre o conhecido e o desconhecido, concreto e não concreto, o céu e a terra por meio de símbolos (ELIADE, 1999).

O trabalho imaginativo vem direto de um lugar psíquico que desvia do controle consciente. Ao se materializar e tornar-se consciente, essa construção origina o símbolo e este pode ser expressado de diversas maneiras. O simbolismo do fio é essencialmente conectado à ideia de ligação e está em todos os estados da existência. O fio representa o passado, o presente e o futuro, a voz condutora de uma história. E nesse desenvolvimento temos a representação do fio na voz e na escrita, utilizando-se de termos como “amarrar o texto”, “cortar as pontas soltas”, “costurar suas ideias” ou “perder o fio da meada” (JUNIOR, 2015).

Como o fio representa um trajeto, um caminho ou como no fio de Ariadne, em que é o agente da ligação ao centro do labirinto e que conduz do mundo das trevas ao da luz. O fio, o tecer e a costura estão presentes nos mitos, nas histórias, no vocabulário, em toda uma cultura que se auto representa através dessa arte. O trabalho das fiandeiras sempre esteve atrelado ao sonho que era extravasado pelo serviço manual e através disso, o vínculo entre o abstrato e o concreto era feito. A arte de tecer e a revelação do interior, do inconsciente, das fantasias e desejos (JUNIOR, 2015). Ainda segundo Junior (2015), o fio torna-se um vínculo e caminho para a produção artística, o que é significativo porque as fiandeiras serviram de musas para a literatura, a pintura e a música, além de terem sido responsáveis pela fabricação do tempo e pelo desenvolvimento da vida humana, conforme atribuição das Moiras, Graças e Horas, na mitologia clássica greco-romana.



Para o processo de tecelagem é preciso tecer, tramar, urdir, produzir tecituras, dominar o fio e formar estruturas. Tecer é um meio de comunicar. Significa elaborar pensamentos, construir argumentos etc., e equivale a ordenar, articular, entrelaçar e apropriar-se do fluxo criativo e existencial. A tecelagem está tão atrelada ao imaginário do ser humano que encontramos nas mitologias ao redor do mundo. O simbolismo que encontramos na tecelagem é como uma metáfora das relações humanas que se entrelaçam, funcionando em rede e interagindo uns com os outros sendo que cada interação causa impactos nessas vidas (PHILLIPPINI, 2009).

Segundo VEIGA (2021) o ato de tecer é também um exercício, que busca o ritmo, de se encontrar no mundo e marcar um tempo. Quando você tece, é possível através das mãos, materializar um fazer no mundo “com esse ato, preencher o lugar que habito ou além” (VEIGA, 2021, p.228)

Através da criação artística revela-se elementos da realidade, fazendo novas combinações a partir da imaginação e produzindo novas formas. A obra é uma imagem do autor que pode ser reinventada de diversas formas e através dela encontram-se muitas possibilidades (VIGOTSKI, 1998).

“A arte é importante porque ela celebra as estações da alma, ou algum acontecimento trágico ou especial na trajetória da alma. A arte não é só para o indivíduo; não é só um marco da compreensão do próprio indivíduo. Ela é também um mapa para aqueles que virão depois de nós” (ÉSTES, p. 28, 1994).

Na entrevista realizada com o artista Alexandre Heberte (Apêndice A), ele fala sobre os trabalhos manuais, com enfoque em seu trabalho de tecelagem. Para ele, seu trabalho diz muito sobre as memórias de onde nasceu, e dos outros lugares que vivenciou e também sobre as pessoas e situações que se entrelaçam com seu dia-a-dia.

“[...]Então, cada cidade dessa, é tão significativo porque são décadas. Pra que você compreenda o que eu estou falando, quando eu saí do Juazeiro, a dezessete anos atrás, quem tinha dez anos eu não conhecia, hoje essas pessoas estão com vinte e sete, a uma passagem de tempo imperceptível todo ano, desse tempo de dez anos, quem é criança cresce, amadurece e assim, é muito interessante eu querer estar entrelaçado com essas pessoas. Quem são os adolescentes, os meninos, os jovens de vinte anos de Juazeiro? Então, precisamos ter esse cuidado de estar entrelaçando não só a nossa pessoa, mas como a gente se relaciona com o meio. Na minha obra, assim, além dessa memória, tem esse meu dia-a-dia

aqui no centro de São Paulo e suas problemáticas.”(HEBERTE, 2021, p.1)

Para Zanella et al. (2005), a criação artística é um ato de responsividade e o ser humano responde a um determinado contexto através de sua obra, utilizando-se de uma objetividade ou também uma subjetividade. Existe uma transformação de realidades e a criação de novos significados.

“Como seria de se imaginar, o trabalho com cada pessoa é extremamente individualizado, pois é verdade que não existem pessoas iguais. Esses fatores, no entanto, permanecem constantes no meu trabalho com pessoas; e eles são os fundamentos para todo o trabalho dos seres humanos, o meu assim como o seu. O ofício de perguntar, o ofício de contar histórias, o ofício de ocupar as mãos - todos esses representam a criação de algo, e esse algo é a alma. Sempre que alimentamos a alma, ela garante expansão” (ÉSTES, p. 28, 1994).

A obra de arte reflete e retrata o autor, que nela pode se ver ou rever, reinventando-se de *outras formas*, ou seja, se objetificando de forma estética como outro. A arte tem a potência para mediar essa relação fundamentalmente criadora frente à vida, como ao dizer que “a arte parece completar a vida e ampliar as suas possibilidades” (VIGOTSKI, 1998).

Através da arte, é possível equilibrar o ser humano com o mundo nos momentos mais críticos da vida. Através da vivência a arte é construída para que diversas vivências sejam compreendidas nela. Para a arte, os aspectos mais íntimos e pessoais do nosso ser vem de uma técnica social do sentimento e é a criação deste ser que o faz alguém que através de algo realizado no presente o projeta para o futuro. Isso faz com que se perceba uma transformação no olhar sobre si e sobre a vida. O desenvolvimento do olhar estético se fez pelo exercício dessas criações artísticas, o que propiciou a possibilidade de as pessoas vivenciarem novos mundos e se reinventarem no processo e essa criação traz recriações de si na vida e no cotidiano (VIGOTSKI, 1998; BAHKTIN, 2003).

Imaginar e criar são reinvenções de si, mas para isso é preciso que sejam dadas as condições necessárias. Toda a mudança é feita a partir das condições possibilitadas à pessoa dentro de seu contexto histórico-cultural. A arte é uma transformação que se dá por mudanças sutis que se materializam em conflitos e

afetos e que marcam e expressam a singularidade do ser (ZANELLA, 2006; PHILLIPPINI, 2013).

Através da arte é possível promover o crescimento pessoal de cada um, além de realizar mudanças que se trocam com a própria arte em uma via de mão dupla.

Em entrevista com o artista Alexandre Heberte (Apendice A), ele conta como a tecelagem proporcionou um novo rumo para sua vida e novas experiências, possibilitando também, o que ele chamou de cura. Ele conta que estava muito fragilizado, e quando adquiriu o primeiro tear, começou a tecer como hobby. Esse ato de tecer, foi organizando seu pensamento. Mas também enfatiza que esse processo de cura não é do dia para noite, vem através de um processo de comprometimento e paciência. Ele compara o tecer com a meditação, onde você pode procurar silenciar a mente em alguns momentos.

“O ato repetitivo do tecer, descompromissadamente, tecer por tecer, que leva um tempo, foi organizando meu pensamento sem eu saber. Há relatos de vários outros tecelões e de várias outras técnicas, o meu relato só se soma a esses relatos. Tecelagem como um processo de cura para os corajosos que se dão tempo, porque o processo de cura não é do dia pra noite. Então como hobby, este hobby me afetou de tal maneira, me deu um prazer em estar tecendo. Assim como eu posso relacionar, que as lives que eu fiz durante o tempo de pandemia, foram muitas lives, tive muitos feedbacks “obrigada, você me livrou de uma depressão” ou “não me deixou entrar numa”. Relatos espontâneos, muitos. De várias faixas etárias e lugares. Então, mostra que há uma força. O grande vilão do ser humano é o pensamento, a grande questão do que é que eu penso tanto, qual a qualidade desse pensamento. Quando eu teço, eu me ausento de pensamento.” (HEBERTE, 2021, p. 28)

A expressão artística revela a forma interior como em um reflexo, e é da natureza da arte a transformação. A arte, concebida como atividade criadora, recorta elementos da realidade, recombina-os a partir da imaginação e produzindo sua reconfiguração em uma nova forma (VIGOTSKI, 1990).

O encontro da arte com a tecelagem, é uma forma de expressão artística e a arte está em conexão com a interioridade do homem, assim como o seu modo de ser e sua visão de mundo. Em arteterapia, esta ação revela um suposto sentido e isto pode ser pela expressão por intermédio da arte, possibilitando o autoconhecimento, resolução de conflitos pessoais e de relacionamento e o desenvolvimento geral da personalidade (ANDRADE, 2000).

**Capítulo 2**  
**Arte têxtil: tecelagem**  
**contemporânea**

## CAPÍTULO 2 - ARTE TÊXTIL: TECELAGEM CONTEMPORÂNEA

A arte contemporânea aparece dando espaço para novas ligações e experimentos entre campos, linguagens, meios e procedimentos. Os campos na arte contemporânea se conectam e interagem entre si, permitindo então que abra espaço para a subjetividade. Os processos de criação exploram novas concepções estéticas, reconhecendo a fusão de cores, grafismos, fotografias, tipografias, técnicas diversas e sobreposições, transmitindo mensagens com um novo impacto. O contemporâneo está em constante movimento e exige uma maior rapidez em vários sentidos, e se liga a alterações nos fatores sociais, políticos e culturais. (VIEIRA, 2014)

Segundo Vieira (2014) a arte têxtil contemporânea possui aspectos sociais, políticos, econômicos, tecnológicos e culturais. A arte, a moda e o design se comunicam nessa produção contemporânea (figura 4) através de uma linguagem simbólica, se interligando um com o outro. Seus elementos compõem a imagem final através de forma, pontos, linhas, volumes, cores e texturas que se tornam as bases da linguagem visual.



Figura 4 - Registro fotográfico por Marcos Muzi - *Entre-laçados* com participação dos artistas Alexandre Heberte, Mariana Godoy Moreira, Renato Dib e Marta Meyer.

Essa prática em produzir tecidos é realizada desde os primórdios da civilização, seja com fios de lãs de ovelhas, ou no Egito, local que inovou a tecelagem assim como na China e na Pérsia por volta de 2.200 a.C. Na Grécia antiga, século IV a.C., é possível encontrar representações de mulheres tecendo em teares verticais, e detalhes da mitologia grega e romana em tapeçarias (CÁURIO, 1985).

Segundo Bahia (2002), a produção de fios e tramas apresenta-se pelo mundo de diversas formas e passou a ser uma atividade muito relacionada ao feminino com os seus bordados e costuras.

A arte têxtil, costuma ser vista, dentro do meio artístico, como algo menor, porém com o Modernismo, paradigmas foram quebrados e estilos que traziam um rompimento com a arte tradicional ganharam maior atenção. No Brasil, um dos principais nomes ligados à arte têxtil é o de Norberto Nicola. Ele realizou experiências diversas com cordas, tecidos e areia. A diversidade de seu material envolve sisal, nylon, palha, crina, lã, dentre outras. Antes fazia trabalhos com pinturas, mas o contato com as cores o fez migrar para a arte têxtil (MATTAR, 2013).



Figura 5 - Norberto Nicola. Barroco. Escultura com objetos e tapeçaria. 80cm x 110cm.

Bahia (2002) explica que nos anos de 1908 e 90 que os artistas brasileiros passaram a utilizar materiais como a lã e a linha de costura, e o material têxtil utilizado num contexto gráfico ganha mais significados.

Podemos citar diversos artistas como Leonilson Bezerra Dias, Arthur Bispo do Rosário, Ernesto Neto, Leda Catunda, Edith Derdyk e Lia Menna Barreto com trabalhos que contribuíram com esse desenvolvimento da arte têxtil contemporânea (ROSENHEIN; ZAMPERETTI, 2018).

O caráter decorativo que o têxtil carregava foi modificado com a arte contemporânea, pois trouxe um caráter instalativo. A inovação dos meios tradicionais também se reconhece ao nível da apropriação dos elementos que utiliza. Na arte contemporânea, não existe material previamente determinado, qualquer fragmento do mundo pode integrar uma obra de arte. Bausbam (2007) explica que a arte hoje precisa ser compreendida em sua natureza híbrida, como campo de entrecruzamento de diversas determinações. Existe toda uma complexidade, processos maleáveis e instáveis que estão em constante transformação. A proposta artística se sobrepõe a sua utilidade ou funcionalidade.

Alguns artistas contemporâneos que podem ser vinculados à arte têxtil, ao menos em parte de sua produção, serão apresentados como forma de visualizar os processos de conquista de território da arte têxtil dentro da arte contemporânea brasileira. Os artistas selecionados para esse breve panorama foram: Edith Derdyk, Arthur Bispo do Rosário, Rosana Paulino, Leda Catunda.

### **Edith Derdyk**

Edith Derdyk fez o curso de Licenciatura em Artes Plásticas pela FAAP e realizou inúmeros trabalhos gráficos. Seu foco de trabalho têxtil e gráfico (Figura 6) foi a linha de costura. Através da linha de costura ela expande o ato de desenhar, investigando a ocupação do espaço por meio de perfurações de superfícies com a agulha (BAHIA, 1999). Tem participado de exposições coletivas e individuais desde 1981 no Brasil e no exterior. Tem trabalhos em coleções públicas: Pinacoteca do Estado de São Paulo; Fundação Padre Anchieta/São Paulo; Câmara Municipal de Piracicaba; Museu de Arte de Brasília; Museu de Arte Moderna -São Paulo; Instituto Cultural Itaú – SP; Secretaria Municipal da Cultura – Santos; Museu de Arte de Santa Catarina, Museu de Arte Moderna da Bahia; Dragão do Mar- Fortaleza; CCSP; Porto Seguro Fotografia; De Paw Institute/Indiana; Prefeitura de Nuremberg/Alemanha (GUIA DAS ARTES, 2013) .

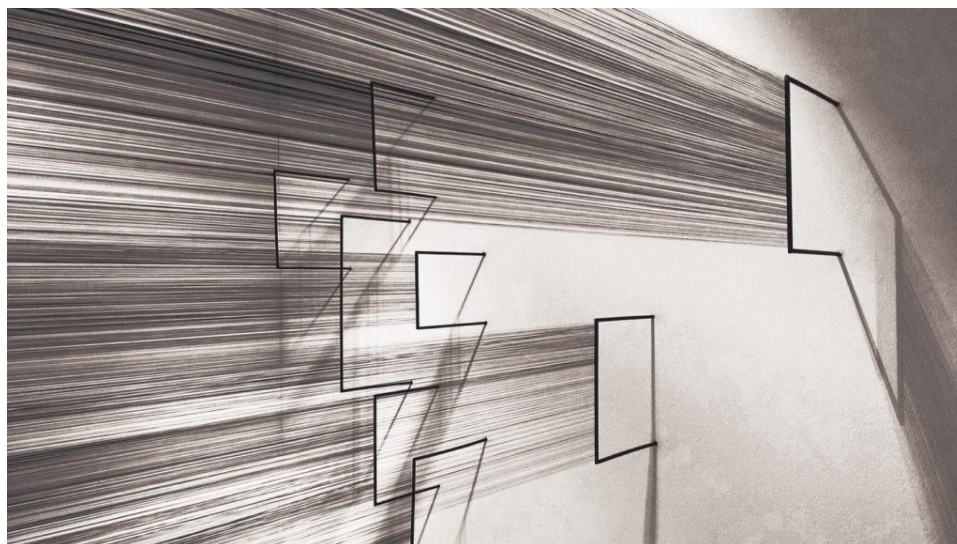


Figura 6 - Edith Derdyk, *Enredo*. 2020 (Foto: Divulgação Galeria ARTE / FORMATTO).

### **Arthur Bispo do Rosário**

Arthur Bispo do Rosário é um artista que destaca-se por ter desenvolvido, com objetos cotidianos da instituição em que viveu internado, uma produção em artes visuais reconhecida nacional e internacionalmente. Após um delírio místico, apresenta-se a um mosteiro, em 1938, que o envia para o Hospital dos Alienados, na Praia Vermelha. Diagnosticado como esquizofrênico-paranoico, é internado na Colônia Juliano Moreira, no bairro de Jacarepaguá. Faz seus trabalhos, criando, com materiais rudimentares, diversas miniaturas, como navios de guerra e automóveis, além de vários bordados (Figura 7). Os trabalhos de Bispo variam entre justaposições de objetos e bordados. Nas obras do primeiro tipo, geralmente usa itens de seu cotidiano na Colônia, como canecas de alumínio, botões, colheres, madeira de caixas de fruta, garrafas de plástico, calçados e materiais comprados por ele ou pessoas amigas. Para os bordados, usa tecidos disponíveis, como lençóis ou roupas, e obtém os fios ao desfiar o uniforme azul de interno, fichários, entre outros, nos quais borda desenhos, nomes de pessoas e lugares. Além de ter se tornado uma das referências para as gerações de artistas brasileiros dos anos 1980 e 1990, a obra de Bispo lega ao Brasil um fazer artístico que retrata e ressignifica, com uma estética e temática particulares, os objetos e experiências do mundo e da vida cotidiana. (ITAU CULTURAL, 2021).





Figura 7 - Arthur Bispo do Rosário. *Grande Veleiro*. Montagem, carpintaria, escrita, revestimento, bordado, costura, pintura, perfuração. 118x158x65 cm.

### **Rosana Paulino**

Doutora em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP, é especialista em gravura pelo London Print Studio, de Londres e bacharel em Gravura pela ECA/USP. Como artista vem se destacando por sua produção ligada a questões sociais, étnicas e de gênero (Figura 8). Seus trabalhos têm como foco principal a posição da mulher negra na sociedade brasileira e os diversos tipos de violência sofridos por esta população decorrente do racismo e das marcas deixadas pela escravidão. (PAULINO, 2021).



Figura 8 - Rosana Paulino. *Série Bastidores*, 1997. Imagem transferida sobre tecido, bastidor e linha de costura. 30,0 cm de diâmetro.

### **Leda Catunda**

Leda Catunda Serra, artista visual, pintora, escultora, artista gráfica e professora, nasceu em São Paulo, em 23 de junho de 1961. Formou-se em São Paulo na Fundação Armando Alvares Penteado (Faap). Um dos maiores talentos surgidos no âmbito da Geração 80, explorando os limites entre a pintura e o objeto. Em *Vedações* (1983), um dos seus primeiros trabalhos, Leda trabalha através de tecidos estampados já existentes e com uma tinta, cobre algumas partes, criando uma nova possibilidade de estampa. Nesse processo ela traz uma inovação tanto no material que utiliza como tela, onde busca materiais utilizados no dia-a-dia, como tecidos, cobertores e toalhas e também a tinta, para apagar, recriar, destacar e criticar. Esse interesse da artista pelo universo cultural e *kitsch*, vem do contato com sua avó, onde em sua casa era possível encontrar decorações mais artesanais, além dos passeios que realizavam juntas em comércios populares. Com o passar do tempo, Leda se distancia um pouco mais do figurativo. Nas suas obras abstratas ela ainda trabalha com a estampa e textura, porém explorando formas geométricas.

Durante essa técnica, surge também em seu trabalho o que chamou de pintura-instalação (figura 9), como por exemplo em sua obra *Siameses* (1998). E a partir dos anos 2000 a fotografia também começa a fazer parte de suas pinturas. Leda busca trazer para seu trabalho o que observa nas pessoas a sua volta, o que elas vestem, fazem e transforma isso em matéria prima. (Itaú Cultural, 2021)



Figura 9 - Leda Catunda. *Siameses*, 1998, acrílica s/ tecidos, 165x180/167 x 180cm.

Através das obras desses artistas e outros, é possível vincular a expansão do espaço tomado pela arte têxtil no Brasil. Será apresentado a seguir, um pouco mais sobre o trabalho do artista Alexandre Heberte, e sobre seu pensamento sobre a arte têxtil, obtido através de uma entrevista, que consta neste trabalho como "Apêndice A".

**CAPÍTULO 3:**  
**Alexandre Heberte: produção e**  
**pensamento**

### CAPÍTULO 3 - ALEXANDRE HEBERTE: PRODUÇÃO E PENSAMENTO

Artista nascido no Ceará, mas que faz seus trabalhos em São Paulo, busca este constante entrelaçamento de possibilidades na sua tecelagem. Apenas após os 30 anos que Alexandre descobriu sua paixão pela tecelagem e no começo ainda não tinha uma grande perspectiva sobre isso. Alexandre sobre seu início como tecelão diz: "Começou assim: era um hobby, que se transformou em produção, e um belo dia começou a atravessar a categoria do artesanal para categoria artística." A habilidade de Alexandre logo foi notada por pessoas do ramo e o encontro com essas foi possível com sua primeira exposição, Tenet - Tecendo na Net, realizada em 2011. A obra de Alexandre traz à tecelagem um caráter mais palpável. "O tear me deu uma consciência de missão. Eu sinto que eu posso contribuir para que o brasileiro compreenda melhor sua arte têxtil, compreenda melhor sua arte manual". Em *Tramas Experimentais*, ele reinventa nossas técnicas tradicionais. "É um híbrido onde eu estudo crochê, tricô, renda e filé. Renda que não é renda, tricô que não é tricô, filé que não é filé. Tudo isso em papelão, arara, parede", explica (SOUZA, 2019).

Através da mistura de diferentes técnicas e suportes em sua tecelagem, Alexandre têm em sua Arte sua trajetória e suas diversas formações, o artista revela em entrevista (Apêndice A) que 2011 foi o ano decisivo para sua carreira, é a partir daí que começa a ser convidado para expor, apresentar seus trabalhos de maneira artística e conhece nomes importantes por meio do projeto chamado TENET que quer dizer "Tecendo na net" do designer e tecelão Renato Imbroisi, Juan Ojea e Marta Meyer. Através desse projeto que Alexandre conhece Renata Meirelles, Silvia Ribeiro, Bia Cunha, Liana Bloisi entre outros nomes que marcaram sua história.

A partir desse momento de conexões e a mostra de seu trabalho para o mundo artístico, Alexandre entrou na SPFW – São Paulo Fashion Week com tecidos manuais, e em 2013, Renato Imbroisi voltou a convidá-lo para participar de um projeto no pavilhão das culturas brasileiras no parque do Ibirapuera, Heberthe conta na entrevista concedida (Apêndice A):

"[...] Uma exposição que abriu em janeiro de 2013 e foi até julho de 2013 e a missão que ele me deu foi, quem veio me convidar foi a Liana Bloisi que também estava fazendo a curadoria das oficinas. Ela disse, "Você vai ter espaço de 10 metros quadrados e você vai ter 16 teares, queremos que

“você construa uma obra que dialogue com estes teares onde os alunos terão aulas neles. Então você terá que dar uma oficina.” E eu tinha o dobro de desafio de criar uma obra nesse espaço gigante 10 metros quadrados, é muito grande e dialogar com estes teares e dar aula. Eu nunca tinha dado aula até então de tecelagem e eu topei o desafio e depois que eu disse sim, eu volto pra casa e digo “como é que faz isso?”. (HEBERTE, 2021)

A partir desse momento marcante que Alexandre inicia sua experiência na docência em um processo não formal e no formato de oficinas, ficando dentro do pavilhão das culturas brasileiras de março a junho dando aulas de terças e sábados, ele conta que precisou de uma preparação para aplicar, para descobrir uma metodologia de ensino e refletir como a aula seria conduzida:

“A minha reflexão foi que eu posso ensinar a coisa do jeito que eu faço, por mais que exista uma coisa orgânica no caminho, mas eu posso conduzir a pessoa a ir junto comigo para ela ver o nó, para ver como eu entrelaço. E foi lindo e deu super certo, imagina trabalhar no Parque do Ibirapuera naquele pavilhão das culturas brasileiras, dentro daquela exposição deslumbrante que tinha 1700 metros de tecido manual feito de algodão e palha transformado em árvores.” (HEBERTE, 2021)

Partindo disso, novos workshops surgiram, mais desafios e objetivos de passar o conhecimento para cada vez mais pessoas. Depois disso, em 2013/2014, a obra *o tecido assum preto* (Imagem 10) recebe destaque e o *tecido vhs* foi finalista do 27º prêmio do museu de design do museu da casa brasileira, um dos prêmios mais importantes e mais antigos que há no país. Outro marco da carreira de Alexandre que o artista comenta e conta um pouco na entrevista (Apêndice A), foram suas residências artísticas e os impactos e possibilidades que essas experiências proporcionaram no seu trabalho e a experimentações que ele se propôs a fazer utilizando diversos materiais, como a construção de um tecido com corda de violão, nylon, arame de bijuteria, palha, algodão, fios diversos. Posteriormente dessa construção, um dos curadores chamado Rafael Machetti, conectou esses tecidos em um programa, e, foi realizada uma exposição interativa a céu aberto, as crianças podiam passar os dedos no tecido que emitia notas, estabelecendo novos diálogos com o público, o trabalho pôde ser repetido posteriormente com Marcelo Armani, que batizou a obra de *tear noise*.

“Na residência artística o mais importante é que eu entendi que o que era um hobby foi se transformando em uma profissão e depois dessa categoria artesanal eu adentrei nesse universo artístico e fiz este passeio pelo design [...] Mas aí me veio a reflexão de que se o tecido está em todo lugar, eu quero estar em todo lugar, que minhas tramas estejam em todo lugar, então

que meu tecido manual possa ser destinado a moda, a arte, ao design, a parede, ao chão, ao seu pescoço, onde você tem toda a liberdade de dar um destino, é uma trama que pode ter função ou não mas isso já são reflexões atuais.” (HEBERTE, 2021)



Figura 10 - Alexandre Heberte. *Tecido Assum Preto*. Fita VHS.

Entre os diversos caminhos que a tecelagem de Alexandre Heberte se expandiu, a rua foi um espaço ocupado por ele e seu trabalho, o artista compartilhou na entrevista realizada (Apêndice A) a experiência de tecer na rua. Iniciando essa proposta desde 2011/2012, para apresentar seu trabalho, vendê-lo e compartilhar histórias, Alexandre conta seu início:

“Então, lá fui eu pra rua, estou tecendo no minhocão, as pessoas começam a passar e a perguntar o que é isso, e eu precisava responder as pessoas. Na primeira vez eu conto de um jeito, na segunda vez eu conto desse jeito, mas acrescentando outra informação e na terceira vez eu conto como das duas vezes anteriores, mas acrescento mais informação. Você vai construindo o seu repertório, sua língua, seu discurso, seu texto, sua história. Eu comparo com uma produção de um espetáculo de teatro, de dança que usa uma linguagem, que usa um roteiro. Se hoje quando eu volto na rua, a pessoa vai precisar ficar comigo no mínimo dois dias comigo porque tenho muita história pra contar. Mas assim, eu vou selecionando histórias, vou explicando o que é o tecido manual, que era assim, que era assado, que tece desse jeito, que tece daquele, muito legal isso, passei a tecer na rua.” (HEBERTE, 2021)

Posteriormente, entre realizações de exposições individuais em 2014, o ano de 2016 também é marcante na trajetória do artista, é nesse ano que ocorre seu retorno para os estudos, ingressando na licenciatura em Artes Visuais:

“Em 2016, eu voltei a estudar, fui fazer minha licenciatura em artes visuais. Eu senti necessidade de levar a tecelagem pra academia, de criar este processo múltiplo com outras linguagens, com argila, com cerâmica, com a gravura, com a contemporânea, com tridimensional, com a pintura, e foi um desafio porque cada disciplina, cada professor, eu estava sempre tentando um jeito de entrelaçar o que eu faço com o que eles estavam me ensinando.” (HEBERTE, 2021)

É nesse ano que o artista participa do projeto chamado Meio-Fio, da empresa de calçados Melissa, que tinha como objetivo contar a história de São Paulo, nesse projeto a tecelagem de Alexandre e sua vontade já realizada anteriormente de tecer nas ruas aumenta, ganhando dimensões e novas experiências através da realização de obras coletivas, um tecido sendo criado por pessoas ao mesmo tempo, pessoas e teares nas ruas, públicos espontâneos e a interação que a obra causa, o artista chamou de *tecido humano* a ação com 60 pessoas tecendo na rua um grande tecido, o artista relata (Apêndice A):

“[...] no dia 12 de outubro de 2016 fazer pela primeira vez a ação *tecido humano* onde eu tinha ali 60 pessoas fazendo um grande tecido, além das pessoas que estavam passando no Minhocão, Festa! Super divertido, super emocionante.” (HEBERTE, 2021)

Dentro desse projeto, Alexandre escreveu e foi vitorioso com o *Trama São Paulo*, sua proposta era, como ele conta:

“Eu tinha 2 meses pra realizar isso que era, ir para 33 lugares em São Paulo com o meu tear de ônibus, trem e metrô, e eu passava o dia tecendo lá e cada tecido que eu tecia lá ia se transformar numa tessitura, que de uma maneira subjetiva, imagética, estaria falando daquele lugar.” (HEBERTE, 2021)

O artista elaborou um cronograma de atividades, selecionando lugares para tecer, mapeando locais, e assim ele compartilhou essa experiência:

“[...]Eu chegava às oito horas da manhã, montava o tear. Eu começava a tecer e as pessoas começavam a chegar, chuva, frio, calor, metrô lotado, ônibus lotado, onde é que come, como é que não come, você pega uma maçã lá no Capão e as crianças olham pra sua maçã como se fosse uma barra de chocolate e você já dá a maçã pra elas, você é bem aceito, não é bem aceito, você começa, nomes que só eram nomes no metrô começam a ter história. Eu chego no Jardim Romano onde passa o Rio Tietê, e as mulheres “eu tinha ido morar com as minhas amigas, mas a enchente levou tudo e a água ficou aqui”, você já pede pra pessoa sentar e a pessoa



começa a contar história e eu já começo a contar a história da tecelagem e a mãe já deixa o seu filho debaixo do tear e vai para não sei aonde no Largo da Concórdia. Fui tecer na FAU, ali naquele prédio lindo da arquitetura e depois de 1 hora sou expulso de lá por que não podia estar tecendo lá dentro. Vou tecer no Parque Augusta, no meio daquelas manifestações para que o parque não fosse vendido. Vou tecer ali no Grajaú, onde você pega uma balsa pra ilha do Bororé, que atravessa, daí to tecendo em cima da balsa conversando com pescadores. Vou tecer no Perus e você chega e tem um monte de bêbados às 8 horas da manhã, e cada bêbado faz questão de perguntar “o que você tá fazendo?” e você explica o que é o tecer. Então, você começa a perceber, começa a olhar quem tá carregando um monte de coisa também, quem tá no metrô carregando carrinho, essas pessoas se tornam invisíveis você nem olha pra elas, o espaçamento do trem, do metrô, se dá pra sair, esforço, estações que tem elevador ou não tem elevador. É a vida, a experiência, é o sentir.” (HEBERTE, 2021)

Após percorrer e sua proposição habitar 33 lugares, a exposição dos tecidos e obras produzidas ocorreu na SP- Arte (Figura 11). No dia, Alexandre foi convidado a realizar uma performance, na qual se preparou, e, assim, teceu em silêncio por 42 horas, aproximadamente 12 horas seguidas por dia tecendo em silêncio. O artista colocou sua franja no rosto e, de cabeça baixa, não via as pessoas, apenas seus pés. O artista compartilhou essa experiência e ressalta como os processos dentro de um mesmo trabalho foram opostos complementares, Heberte (2021) conta que “se o processo na rua foi um processo super intenso de doação, na SP Arte foi um processo de entrar dentro, de mergulhar pra dentro.”



Figura 11 - Alexandre Heberte. *Trama São Paulo*. Montagens do tear pente liço em casa e na rua/  
Performance: Live TRAMA SP. Exposição SP- Arte, 2017.

O tecer de Alexandre o acompanha em meio a processos pessoais e se expande para o coletivo, e dentro de seu tecer acontece o desdobramento de outras linguagens, nesse contínuo de ações e de trajetórias de vida do artista que soma ao tecer, ele deseja ir além e ultrapassar os limites estruturais do próprio tear e de suas materialidades:

“E esse tear que eu não tinha nenhuma expectativa em relação a ele, estava me fazendo viver experiências demais. E minha trama tem uma linguagem de processos múltiplos, porque assim como o tear queria que eu fosse tecer na rua, o tear queria que eu ultrapassasse, a sua estrutura cartesiana. O tear tem seu limite da largura, você pode fazer o comprimento que quiser dependendo do tear. Eu comecei a expandir o tipo de material. Na minha cabeça é assim, tudo que eu posso colocar no uridume e na trama, eu vou tecer. Então papel, madeira, aviamentos, vhs, plástico, arame, tecido, tudo. E essa brincadeira de testar fez com que a minha trama ganhasse mais relevo, textura, corpo, gordura, estrutura, forma, e é isso que eu ensino nas minhas oficinas, este movimento.”(HEBERTE, 2021)

Sendo chamadas de Tramas Experimentais, a tecelagem manual de Alexandre com materiais diversos é uma das características principais de suas obras. Heberte (2021) relata que “as tramas experimentais acontecem quando eu teço na parede, no papelão, no arame, quando teço na arara, na árvore, no corpo”

Alexandre tem sua tecelagem intimamente relacionada e inspirada em suas próprias vivências, trajetórias e cotidiano.

“Mas especificamente sobre o meu trabalho, eu costumo dizer que a minha tecelagem, ela é minhas memórias do Cariri, minhas memórias de fortaleza, da capital do Ceará, onde eu morei dez anos. Então se eu for colocar cronologicamente, até meus dezanove anos é no Cariri, dos vinte aos trinta em Fortaleza, eu volto e passo novamente pelo Cariri e pra São Paulo venho aos trinta e dois, mais ou menos isso. Então, cada cidade dessa, é tão significativo porque são décadas.” (HEBERTE, 2021)

O artista reforça em suas falas (Apêndice A) o cuidado de estar entrelaçando através de seu trabalho não só a si mesmo, mas como ele se relaciona com o meio, além da memória que suas obras carregam, Alexandre compartilha que sua obra tem muito do seu dia – a – dia no centro de São Paulo, problemáticas e situações que ele se depara, sentimentos que são despertados e que influenciam diretamente em suas obras.

“[...]eu teço para encantar o outro, eu teço para entreter o outro, eu teço porque é um modo de cura ou um modo de vida, eu teço para criar uma nova realidade. É trazendo a tecelagem manual como uma linguagem artística e dentro desse processo artístico e da arte tentando me entender

como pessoa, dentro dessas reflexões que a gente faz aqui, de uma maneira acadêmica, que é muito legal.” (HERBERTE, 2021)

Em sua relação com a tecelagem e trazendo – a como uma linguagem artística, Alexandre fala da sua experiência de querer retornar à Universidade, agora cursando Artes Visuais, e, compartilha de sua vivência com a docência dentro de ambientes não formais (SESC, centros culturais), além de trabalhos voluntários em escolas. A experiência de ser um artista docente, e como essa vivência de ensinar traz novas possibilidades dentro do seu próprio trabalho e linguagem. Alexandre conta em entrevista que:

“[...]eu descobri que a partir dos alunos e os caminhos que elas tomam nas tramas são caminhos tão interessantes que não daria tempo de eu também percorrer aqueles caminhos e já estou vendo ali nelas, ou caminhos que eu nunca tinha imaginado percorrer e elas me acenam. É como essa gostosura de ver um filme, de ler um livro, que você vai vivendo outras vidas na sua própria.” (HEBERTE, 2021)

Dentro das propostas coletivas, novas maneiras de pensar a tecelagem e ações, a vivência de artista docente e das diversas trocas, Alexandre também traz as suas ações realizadas nas ruas para dentro da sala de aula, como é o caso da ação que ele chama de tear vivo, quando o artista transforma pessoas nessa ferramenta, nesse instrumento de trabalho, e, depois leva isso para a sala de aula, possibilitando que, antes da prática em teares, os alunos entendam o processo.

Através dessas propostas ele ultrapassa os limites da tecelagem, em materialidade, e dentro do próprio processo, que costuma acontecer de forma individual. São propostas coletivas que expandem a linguagem por meio de outras, de ações, performances e arte sonoras. Através disso, ele proporciona que as pessoas se integrem, em encontro, movimentos, criando um grande tecido, material que está presente no dia-a-dia de todos.

Sua obra *Tecido Humano*, que contou com mais de 60 pessoas tecendo um mesmo tecido com seus corpos, demonstra a potência da poética e o alcance que a tecelagem de Heberte chega. A expansão de algo inicialmente individual, para um coletivo que faz com que ocorra a construção conjunta de um grande tecido, em meio a tramas, pessoas e seus movimentos.

O artista com suas propostas, aproxima as pessoas dos processos de tecer, além das interações, também traz um tear que se expande, que se desmaterializa e parte para os corpos, para uma grande ação em coletivo de pessoas. Há também, o alcance ao público espontâneo que andava pela rua e se propôs a participar.

Os desdobramentos da tecelagem de Alexandre vão para ações, performances, coletivos de pessoas, numa possibilidade de ampliar sua obra e permear cotidianos juntamente com o seu próprio. Estar nas ruas, em todo lugar, torna o processo de tecer visível e mais acessível, aproxima do dia a dia das pessoas. Em sua obra já citada *Trama São Paulo*, o artista consegue conectar à locais sua visão e tece histórias, passagens, observações, interações e relações com pessoas. Ao tecer na rua, o artista entrelaça passagens e pessoas, retratando visões sobre os 33 locais de São Paulo escolhidos por ele.



Figura 12 – Alexandre Herbert tecendo em uma praça de São Paulo, 2016.

Resultando em 33 tecituras, uma por local, o artista remonta locais, ponto a ponto, onde as tramas se formam. Uma trama entre os encontros com o público movido pela curiosidade e que interage, ou então um tear que desperta em pessoas, lembranças da infância, dos trabalhos manuais na escola, múltiplas sensações e formas de interações acontecem, se formam. Atribuindo às regiões

paulistanas vozes que ecoam nos pontos a serem tecidos através dos movimentos das mãos do artista e seus olhos atentos.



Figura 13 – Alexandre Heberte tece em seu tear, São Paulo, 2016-2017

Alexandre Heberte incorpora em sua tecelagem, emoções, a vida cotidiana, história de pessoas, reflexões próprias e sentimentos. O tear é uma extensão de seu corpo, na manutenção dessa técnica milenar como uma resistência na contemporaneidade, o artista tece vivências.

## **CAPÍTULO 4:** **Arte educação**

## CAPÍTULO 4: ARTE EDUCAÇÃO

A arte nas suas diversas linguagens possibilita desenvolver no ser humano o saber sensível, para com o próprio corpo e para com o mundo, num todo. Esse saber traz a capacidade de entender o próprio corpo dentro de um contexto social, permeado pela sensibilidade, intuição, sentimentos e experiências corporais. O saber sensível se registra no corpo, vira uma memória corporal, a qual jamais é esquecida, transcende ao racional, como por exemplo quando o indivíduo aprende a andar de bicicleta e nunca mais esquece, o corpo tem a capacidade de assimilar aquele aprendizado, uma ação que se torna natural. (ROSENHEIN E ZAMPERETTI, 2018)

Com a revolução industrial houve a supervalorização do racional, com o intuito de que as coisas se tornassem mais práticas e ágeis. Era possível, através das máquinas, a superprodução de produtos em pouco tempo, diminuindo também o trabalho braçal. Porém com esse contexto, começou também a desvalorização do saber sensível, do lazer e das vivências das criações artísticas.

“Ocorre, porém, que o primeiro desses postulados nos conduz à uma civilização racionalista, isto é, que hipertrofia a razão em detrimento das dimensões básicas da vida: os valores e emoções. O segundo nos leva a renegar o lúdico (o jogo, o brincar) e o estético a posições inferiores; relegá-los a se tornarem meras atividades de lazer, quando se tem tempo para tal. Enquanto o terceiro gera um sistema de produção que se deve manter em perpétuo crescimento; não se produz para suprir as necessidades humanas, mas, pelo contrário, deve-se criar novas necessidades nos homens, para então vender-lhes os novos produtos”. (DUARTE, 1994, p.63-64)

Dentro desse processo onde apenas o racional e o prático são valorizados, onde o intelecto ganha destaque e o saber sensível cai em esquecimento dentro da sociedade e conseqüentemente, dentro da educação como um todo, a sociedade se depara com a expressão das emoções de uma forma mais individualista e também mais agressiva, diante do estresse causado por uma vida automática e repetitiva.

A arte-educação traz, dentre muitas coisas, a possibilidade de trabalhar as emoções e o saber sensível, um meio para que os educandos consigam acessar e expressar seus sentimentos e emoções. “A arte é, por conseguinte, uma maneira de despertar o indivíduo para que este dê maior atenção ao seu próprio processo de

sentir.” (DUARTE, 1994, p.65). A partir da arte, o ser humano consegue elaborar sua própria “visão de mundo”, através do seu próprio sentir diante das coisas observadas.

O termo arte educação, a sua importância e o que realmente é, vem sendo cada dia mais discutido. No Brasil, ele começou a ser realmente trazido à tona com o advento da Lei 5.692/71, que buscou modificar e atualizar a estrutura educacional, consolidando suas diretrizes e bases. Mesmo tendo pouco tempo para reflexões sobre o ensino de arte, foi a partir dela que os cursos superiores para formação de arte-educador começaram a aumentar, possibilitando que aos poucos as “aulas de artes”, comesçassem a ter uma fundamentação teórica e filosófica e saíssem do âmbito de “aula lazer” ou até mesmo apenas profissionalizante.

Ainda há um longo caminho para que as aulas de arte saiam do tradicional conhecido, onde acabam entrando para algo mais mecanizado dentro de técnicas e estudos geométricos, ou até mesmo teorias que não acessam a vida do aluno e acabam se tornando mecanizadas.

Quando um aluno entra em contato com o estudo da arte, ele começa a ter um maior desenvolvimento da sua experiência estética, lembrando que todo indivíduo já traz consigo algumas experiências, cabe ao educador ampliar esse olhar. Por isso é de grande importância que se busque o repertório desse aluno, incluindo o artesanato, cultura popular, para que se possa fazer uma ponte com o aprendizado que será trazido até ele pelo educador. A aprendizagem só é realmente possível quando o que é trazido para o educando faz sentido diante de sua realidade. Aprender não é apenas decorar, segundo Duarte (1994), “Já, decorar, é algo assim como o que ocorre com o animal: uma resposta fixa, sem criatividade, a um estímulo fixo.” Aprender requer um aproveitamento completo daquele conteúdo, processando tanto seus significados, como seus símbolos e os sentimentos ali percebidos.

A arte educação não se limita a apenas ensinar uma técnica ou transformar os alunos em grandes artistas, ela supera isso, ela é mais que isso. Ela tem o poder de reforçar no aluno e valorizar a cultura a qual ele está inserido, segundo Barbosa (2012) “A Educação poderia ser o mais eficiente caminho para estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo reconhecimento e apreciação da



cultura local.” Vivemos ainda sob uma educação colonizadora, onde dentro da educação escolar, ainda é valorizada, muitas vezes, apenas a arte europeia. É necessário que se traga esse conhecimento ao aluno, já que a arte-educação é um importante meio de trazer o acesso ao conhecimento de diversas culturas através de seus feitos artísticos, porém é importante o contato com as outras culturas, que carregam consigo grande importância na história da humanidade, assim como a local.

“Os arte-educadores têm estado mais preocupados em importar e decodificar modelos estrangeiros do que em analisar as condições propícias à aprendizagem e em se assenhorar da herança cultural da nação, para embasar seu ensino, e torná-lo instrumento de reflexão crítica, extensão e aprofundamento do universo cognitivo, afetivo e social de seus alunos.” (BARBOSA, 2002, p.171)

Cabe ao educador, fazer essa ponte entre a arte popular vivenciada já pelo indivíduo, com a arte local e as artes de outros países, buscando despertar nele um olhar sensível e dar continuidade ao desenvolvimento das experiências e consciências estéticas visuais. Através do contato com diferentes obras e experiências artísticas, o educando pode aprender e compreender o que é uma apreciação, tendo uma maior possibilidade de ocupar seu lugar dentro dos ambientes culturais e artísticos, que na sociedade de hoje, acabam sendo frequentados apenas por uma parcela mais rica da sociedade. Segundo Barbosa (2012), a arte educação tem como uma de suas inúmeras funções a de mediar a arte e o público. Os museus e centros culturais deveriam ter como um de seus deveres a preparação do público para que eles possam ter uma maior compreensão do trabalho artístico. E vai além disso, essa consciência estética traz ao aluno um olhar mais harmonioso e equilibrado sob o mundo, onde pode trabalhar seus sentimentos, imaginação, razão, se entendendo melhor naquele espaço e no seu dia-a-dia. O indivíduo desenvolve um olhar crítico sobre o mundo, aprimorando sua capacidade de escolha, por isso é importante que haja uma arte-educação que traga ao aluno o poder de reflexão, não reprodução.

“E consciência estética, aí, significa muito mais do que a simples apreciação da Arte. Ela compreende justamente uma atitude mais harmoniosa e equilibrada perante ao mundo, em que os sentimentos,

a imaginação e a razão, se integram; em que os sentidos e valores dados à vida são assumidos no agir cotidiano. (...) Em nossa atual civilização (ante estética por excelência), consciência estética significa uma *capacidade de escolha*, uma *capacidade crítica*, para não apenas se submeter a imposição de valores e sentidos, mas para selecioná-los e recriá-los segundo nossa situação existencial.” (DUARTE, 1994, p.73)

Não se pode esquecer que o contato com a arte, se feito de uma forma correta, traz ao indivíduo a capacidade de desenvolver sua criatividade. Quando um aluno aprende a apreciar uma obra de arte de forma crítica e reflexiva, avaliando com qualidade as imagens e objetos realizados por algum artista, ele desenvolve em si a livre-expressão, desenvolvendo também originalidade, o que o torna apto a produzir de forma criativa, inovando a partir de um conhecimento básico. Ao ter contato com novas realidades, o educando também tem acesso a novos sentimentos e experiências não vividas ainda. Quando assiste um filme, ele pode sentir um pouco do que aquele personagem está vivenciando, quando tem contato com uma obra, é despertado nele um sentimento (seja pelas cores, pinceladas, etc), despertando seu lado imagético, lúdico e estético. Para Duarte (1994, p.68) “A utopia é também uma forma tomarmos consciência do que existe atualmente, de tomarmos consciência do atual estado do mundo humano”. Isso desenvolve no ser humano, a capacidade de criar novas realidades diferentes da sua, pois é através da utopia que é possível um “novo”, uma atitude criativa.

#### **4.1 Arte têxtil na educação**

Os trabalhos manuais são um grande exemplo de saber sensível e da consciência estética, porém ele também é acompanhado do saber racional, pois ambos trabalham em conjunto quando se cria algo com as mãos, já que o cérebro está ligado a todo o corpo por circuitos elétricos.

“Por meio de um sistema neuromotor sofisticado, é possível controlar movimentos complexos e encadeados com precisão. Essa diversidade neuro-atômica das nossas mãos é que nos permite realizar uma multidão de tarefas, cotidianas ou não, e nos dedicarmos também ao nosso desenvolvimento anímico através, por exemplo, das artes e dos trabalhos manuais.” (ORTEGA, 2017, p 17)

Quando se fala sobre a evolução do ser humano, a primeira coisa a que se remete é a conquista da verticalidade, porém as mãos também tiveram um importante desenvolvimento também. Essa parte do corpo, foi adquirindo movimentos complexos, os quais tornaram possível a criação de diversos objetos. É através do uso das mãos, que o ser humano conquistou a possibilidade de registrar no mundo uma parcela de sua personalidade individual, a partir dela, ele pode transformar e criar diferentes coisas, contando um pouco de sua história.

As mãos humanas trabalham de forma cooperativa e segundo Ortega (2017 p.19), se difere das dos primatas e é mais desenvolvida, pois o polegar se encontra mais afastado dos outros dedos e é mais longo, permitindo assim uma maior manipulação e controle dos objetos, os tornando mais complexos e criativos. Elas são compostas por um complexo sistema de inervações e de vascularização, além de sensores de temperatura e pressão, que traz a possibilidade de sentir calor e frio, texturas, pesos e assim por diante. Quando o indivíduo cria algo com suas mãos, seu cérebro capta aquele ato e se apropria dele.

Segundo Schwartz (2009), citado no livro de Ortega (2017, p.34-35) afirma que através de pesquisas foi descoberto que o desenvolvimento da musculatura motora fina, principalmente as da mão, podem contribuir no desenvolvimento celular cerebral, possibilitando assim um trabalho também cognitivo. É importante ressaltar que o corpo está inteiramente interligado, através dos circuitos elétricos, o cérebro entra em contato com todo o corpo e também com as mãos.

“Assim como Steiner atestava que o homem que pensa habita todo o seu corpo, ou seja, que ele não pensa apenas com a cabeça, mas com todo o seu ser, também Wilson, a sua maneira, atesta que o cérebro não vive dentro da cabeça; Para ele o cérebro se estende por todo o seu corpo, através de seus circuitos elétricos, e com o corpo alcança todo o mundo. Para ele, mão e cérebro são entidades intrinsecamente interligadas, e desta íntima relação surgem profundas ramificações sobre a compreensão do desenvolvimento da inteligência, da aprendizagem, da fala, da linguagem, da autoconsciência, e até mesmo da nossa saúde e sensação interna de liberdade. Ele atesta que o desenvolvimento de uma conversa íntima e harmoniosa entre mão e cérebro faz surgir, internamente no homem, algo grandioso que ele identifica como autonomia.” (ORTEGA, 2017, p.36-37)

Além dessa interligação com o cérebro, os trabalhos feitos através das mãos também possibilitam que a pessoa conte sua história, se expresse. Através de um trabalho artesanal é possível encontrar muito da história daquela pessoa ou do

lugar onde reside, já que as técnicas são passadas de geração em geração e trazem consigo toda uma tradição, podendo ser modificada ou não pelas mãos de quem a criam. É nesse ponto que a personalidade de cada um é contada através do que ele faz, a partir dos gestos feitos com a mão, podemos entender muito sobre seu mundo interior. As criações são mistas do contexto histórico que a pessoa está inserida e também de sua própria personalidade. Por isso, através dos trabalhos realizados pelas crianças e adolescentes, é possível entender muito sobre como ela se encontra em seu desenvolvimento e como se sente, naquele momento.

Os trabalhos manuais trazem para os alunos a possibilidade de desenvolver melhor sua coordenação motora fina, aumentando assim sua capacidade motora e conseqüentemente atuando em sua inteligência, trabalha também sua capacidade de concentração, paciência, ritmo harmônico, minúcia, delicadeza, atenção e persistência diante de um objetivo final, trazendo aos poucos o sentimento de tranquilidade e calma. Desenvolve também sua lateralidade conforme atua em seu cognitivo, se auto percebendo e trazendo uma dominância para uma de suas mãos, obtendo consciência de seus dedos e uma maior percepção dos detalhes. Quando realizada em grupo, auxilia no momento dessa vivência, auxiliando nas relações sociais.

“De uma forma geral temos que os trabalhos manuais, presentes ao longo de todo o estudo Waldorf, atua de forma importante no desenvolvimento do sistema motor fino das crianças, ampliando suas capacidades motoras e influenciando no desenvolvimento de sua inteligência; produz um estado interior de calma, fomentando a concentração e a reverência por aquilo que é produzido pelas mãos humanas; possibilitando um pensar mais claro e um desenvolvimento cognitivo mais rico desenvolve lateralidade e ajuda a fixar a dominância de uma das mãos; traz consciência para os dedos e aprimora a perspicácia por meio da observação de detalhes; a auxilia na vivência em grupo, aprimorando as relações sociais.” (ORTEGA, 2017, p.58-59)

É importante que toda criança conclua seu trabalho e entenda qual a finalidade do que está produzindo. Ela precisa vivenciar todas as etapas da criação, início, desenvolvimento e finalização, para que ela trabalhe dentro dela a persistência e tenha a autoestima trabalhada ao ver seu trabalho final. Não tem como negar o sentimento de alegria quando uma pessoa finaliza algo que almeja e sente orgulho do que fez. Aqui se encontra outro ponto, é importante que se trabalhe também o estético do que está sendo produzido, ensinar as crianças e adolescentes as técnicas, buscando beleza diante do que se procura. A escolha das

cores é muito importante nesse processo, segundo Goethe (2011, p. 159) “O pintor deve ter profundo conhecimento tanto do dualismo geral quanto das oposições específicas e, sobretudo, do que foi dito a respeito das qualidades cromáticas”. Por isso, elas não devem ser escolhidas ao acaso, a professora deve mostrar aos seus alunos que as cores despertam diversas sensações diferentes em cada indivíduo, por isso, cada criança deve escolher diante do que deseja transmitir e diante de suas próprias percepções.

“Na Parte VI da sua Teoria – “Efeito sensível-moral das cores” – Goethe afirma que as cores têm caráter próprio, que cada cor tem uma atuação característica sobre o psiquismo humano: elas nos causam estados anímicos específicos e provocam em diferentes indivíduos sensações, reações e comportamentos similares. E ainda que se possa tomar a cor (na pintura, por exemplo) sob uma perspectiva simbólica, uma análise mais aprofundada revelará sempre um elemento objetivo, que é o caráter de cada cor, combinado ao simbólico denotado.” (POSSEBON, 2019, pg.15)

As texturas entram em conjunto nessa escolha das cores, dependendo do que escolhem podem dar a sensação de relevo, sensação de leveza ou firmeza e assim por diante. Para finalizar a criança deve saber o que está produzindo, sua funcionalidade ou aonde pretende chegar ao iniciar um trabalho, para que possa ver sentido no que faz, esses trabalhos tem que ser permeados de significado.

“Qualquer trabalho realizado pela criança, mesmo o mais simples, deve estar permeado pela atenção ao que ele vai servir. Este olhar atento, buscando um sentido profundo no seu fazer, executando com as próprias mãos, para si e para os outros, objetos funcionais e artísticos, promove na criança um senso crítico e prático que a fará enfrentar as situações da vida adulta de maneira positiva e confiante.” (ORTEGA, 2017, p.64/65)

Essas atividades artesanais tem suas grandes singularidades na aprendizagem, como por exemplo o contato com diversos materiais, como as linhas, madeira e o ferro, que trazem a possibilidade de trabalhar todos os sentidos, através das texturas, temperaturas e até cheiros diversos. Segundo Rosenhein e Zamparetti (2018, p.13) “Para formar seres humanos criativos e sensíveis ao mundo é preciso pensar num ensino de arte que permita aos estudantes a obtenção de experiências diversificadas e enriquecedoras.” A partir disso, o aluno usando diversas técnicas como a tecelagem, tricô, crochê, marcenarias, aprende a transformar aquela matéria em algo útil, artístico ou ambos. Ao ter contato com essa transformação através das

técnicas, ele aprende também a valorizar o trabalho do outro, entender os processos que são necessários para a criação de um objeto, seja ele artístico ou não, além também de entender o estético que existe nesses trabalhos e sua importância.

Hoje os processos artesanais, também chamados por muitos de trabalhos manuais, não são mais obrigatórios dentro das escolas, porém ele vem sendo resgatado, diante da compreensão de sua importância nos aprendizados. A pedagogia Waldorf sempre a manteve dentro de seu currículo. Steiner, criador da antroposofia, de onde nasce a pedagogia Waldorf, sempre demonstrou uma grande preocupação com uma educação integral, que trabalhasse os conteúdos por completo, e que fizessem sentido na vida do homem. Sua preocupação era que o ser humano aprendesse valorizando o que há na natureza e também buscando o autoconhecimento, o que há dentro de cada ser, produzir com as próprias mãos. Para Lanz (1986, p. 117):

“As atividades artesanais têm finalidades particulares. Em primeiro lugar, o contato com a matéria: fiando, tecendo, modelando, fazendo trabalhos gráficos ou de ourivesaria, o aluno tem um autêntico contato com o mundo real. Ele transforma a matéria, ele produz algo que dura.”

Por isso os trabalhos manuais tem grande importância dentro dessa pedagogia, as crianças e adolescentes, ao trabalharem na construção de um objeto, aprendem a valorizar o trabalho, a beleza das pequenas coisas, do dia-a-dia, entendendo também que podem ultrapassar dificuldades, com persistência e dedicação. Ainda segundo Lanz (1986, p.117):

“Disso resulta a importância das matérias artísticas, que apelam ao sentimento e à ação do aluno: ele tem de fazer algo com as mãos ou outras partes do corpo: ele tem de criar algo que seja resultado da sua fantasia, usando a vontade, a perseverança, a coordenação psicomotora, o senso estético. Por isso essas matérias têm alto valor pedagógico e terapêutico, quando exercidas com regularidade.”

O contato com os Trabalhos Manuais pode ser também uma forma de aproximação dos alunos com a cultura local, com o artesanato brasileiro, o qual é tão diversificado e traz muito sobre seus costumes. A partir disso o educando consegue apreciar e entender a cultura a qual está inserido e também a que não é de seu conhecimento ainda, podendo assim compreender mais sobre a diversidade da cultura brasileira. Um grande exemplo é o artesanato produzido por diversos

povos indígenas, as quais têm pouca visibilidade e respeito nos dias de hoje, segundo Barbosa (2012) “A cultura indígena só é tolerada na escola sob a forma de folclore, de curiosidade e esoterismo; sempre como uma cultura de segunda categoria.” Cada técnica ensinada estará aliada também com a história cultural de onde surgiu, fazendo com que o indivíduo adquira conhecimento amplo sobre várias culturas do mundo.

#### **4.2 O ensino da tecelagem no ambiente escolar**

A tecelagem, assim como várias outras técnicas, é passada a anos de geração em geração, tendo um caráter ancestral e é cheia de simbologias. Em nossa sociedade, quando pensamos a palavra “tecer”, ela nos remete a outros significados, como por exemplo, organizar pensamentos, entrelaçar das coisas, assim ocorre também com a palavra “fio”, que remete a coisas que seguem uma “linha” de raciocínio. Araujo (2018, p.42) “Tecer em nossa linguagem também significa elaborar pensamentos, construir argumentos.” É possível observar o tear e a tecelagem relacionados em várias simbologias em várias culturas, como por exemplo “O Fio de Ariadne” e também “As Moiras”, que determinavam o destino dos Deuses e dos Seres Humanos, cortando o “fio da vida”.

Podemos dizer que ela tem esse caráter simbólico e arquetípico, o qual traz significado por si só, durante sua prática. Em muitas culturas, essa atividade é usada de forma ritualista, por estar muito ligada a mitologias e suas divindades.

“No presente estudo, a proposta é que ao conhecer novas informações sobre a tecelagem, seja possível também ampliar as possibilidades de acesso aos conteúdos simbólicos presentes neste fazer criativo dos povos das Américas, permitindo que outras culturas ancestrais, além das europeias, integrem o campo de conhecimento dos arteterapeutas em relação a este tema.” (ARAUJO, p.42)

Além desse caráter simbólico e arquetipo que a tecelagem traz, temos também o seu lado que auxilia no desenvolvimento motor, da concentração e também da possibilidade de ter contato com diversas texturas de fios. A partir disso o aluno pode trabalhar seu tato, visão e até o olfativo.

No entrelaçar dos fios, os quais são primordiais na técnica de tecelagem, seja ela qual for, faz despertar no aluno um momento de concentração, esse cruzamento entre os fios tem um segmento dentro do que o aluno pretende fazer e isso necessita de atenção total, trabalhando em si sua concentração diante das atividades realizadas e também um momento de interiorização, de conexão consigo mesmo e com o trabalho que está sendo realizado. Por isso, mesmo baseando-se em uma técnica, o educando traz muito de si mesmo em suas tecelagens, seja nas cores escolhidas, que será conversado mais a frente, pelas formas criadas e também o quanto de força coloca nesse entrelaçar. Segundo Ortega (2017, p.22):

“Mãos expressam a personalidade dos seus donos. Através dos gestos feitos com a mão se diz muito sobre as intenções e sobre nosso mundo interior. Revela nosso estado de saúde ou de doença, nosso trabalho e nossa história. Com elas podemos criar coisas, promover cura e bem estar aos outros e a nós mesmos.”

É importante ressaltar também que cada cultura tem em sua tecelagem suas características particulares, por isso, ao ensinar uma técnica ao aluno, e falar sobre tecelagem, estamos também falando sobre povos. É um conhecimento técnico, criativo e também cultural. Criativo, porque como dito mais acima, cada indivíduo traz muito de si em seus trabalhos, mesmo seguindo técnicas específicas, seja nas formas, nas texturas e nas cores que utiliza.

As cores têm grande importância dentro desse processo da tecelagem, assim também como a escolha dos fios que serão utilizados. O educador tem que passar para os alunos como essa vivência da cor, traz uma diferença no resultado final de seu trabalho. Pensar nas cores não é apenas escolher os fios aleatoriamente, é preciso que a pessoa entenda que essa escolha de cores resulta em profundidade e relevos diferentes, despertando sentimentos em nós.

“A partir das sensações que a cor promove ela pode, em um trabalho, diferenciar o que está em “cima” do que está em “baixo”, despertar a sensação de leveza ou firmeza, e isso deve ser levado em consideração ao se pensar sobre o trabalho que a criança deseja realizar” (ORTEGA, 2017, p.62)





Figura 14 - Aluna criando uma tecelagem. Foto tirada pela autora.

A partir de um Trabalho Manual como a tecelagem, podemos também entender muito sobre aquele aluno, entendendo como ele se encontrou em seu processo de desenvolvimento motor, cognitivo, de concentração e visual estético. A estética é outro ponto que é explorado, quando falamos sobre tecelagem, seja na prática, nessa escolha de fios e cores, mesclados com as técnicas que deseja usar, como também na análise de diferentes tecelagens dependendo de qual povo ela pertence. Segundo Ortega (2017, p.63), “É fundamental fomentar essa busca pelo belo, pelo harmonioso, no trabalho da criança. A criança deve sentir orgulho do trabalho que fez”. E também observar o desenvolvimento daquele aluno diante do fazer manual, entendendo se ela desenvolveu um aprendizado durante o processo e ainda podendo perceber também o que ainda precisa ser trabalhado, sempre motivando o indivíduo e guiando para que ela veja sentido no que está fazendo.

**CAPÍTULO 5:**  
**Oficina - Tecido das Vivências e**  
**Desejos**

## CAPÍTULO 5: OFICINA - TECIDO DAS VIVÊNCIAS E DESEJOS

A proposta de oficina foi pensada para jovens do terceiro ano do ensino médio. Tem como objetivo trazer para os participantes a experiência de trabalhar com a arte têxtil, mas em específico com a tecelagem. Nessa atividade, eles poderão experienciar e contar um pouco sobre sua trajetória de vida através das tramas, finalizando com o que desejam para o futuro. Ao final, esses tecidos individuais, serão conectados por pedaços de lãs, com nós simples, formando um grande tecido das vivências e desejos.

Essa faixa etária foi escolhida, pois no terceiro ano os alunos estão concluindo um ciclo de estudos, vivenciado individualmente e coletivamente e se abrindo para novas possibilidades e oportunidades. Segundo Philippini (2009), citada no livro de Pina (2011), a tecelagem, em questão a sua prática, é carregada de simbolismos, onde os fios, ao se entrelaçarem, dão suporte e estrutura entre si, isso pode ser considerado uma metáfora em questão as relações humanas, onde também estão constantemente em rede, interagindo entre si, influenciando e sendo influenciados. Logo, a oficina propõe, utilizando os simbolismos que permeiam a tecelagem, uma prática de vivência onde os participantes poderão fazer um mergulho no seu individual, se interligando e interagindo com as vidas do coletivo, se intencionando aos desejos do futuro.

Para essa oficina, será utilizada a Abordagem Triangular (**ver/fruir arte, contextualizar e fazer arte**) de Ana Mae Barbosa. Considerando a realidade dos alunos na faixa etária escolhida a ordem proposta é: contextualização, depois a fruição de algumas obras, uma experiência prática e para finalizar uma nova fruição sobre a própria produção. Para BARBOSA (2005), o fazer é de grande importância nesse aprendizado artístico, ela explica que ele é insubstituível nesse aprendizado e no desenvolvimento pensamento/ linguagem presentacional, que se difere do pensamento/linguagem discursivo, pensamento científico e lógico. Porém também defende a importância de um conjunto para um resultado mais equilibrado de ensino da arte, o qual conseguisse conectar o fazer artístico, a história da arte e a análise de obra.

“Um currículo que interligasse o fazer artístico, a história da arte e a análise de obra de arte estaria se organizando de maneira que a criança, suas necessidades, seus interesses e de desenvolvimento estariam sendo respeitados e, ao mesmo tempo, estaria sendo

respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, suas estruturas e sua contribuição específica para a cultura. Teremos assim um equilíbrio entre as duas teorias curriculares dominantes: a que centra na criança os conteúdos e a que considera as disciplinas autônomas com uma integridade intelectual a ser preservada.” (BARBOSA, 2005, p.35)

A oficina se dará em quatro momentos, pensando no tripé que fundamenta a Abordagem Triangular, inicialmente visando a **contextualização**.

**Primeiro Momento:** os alunos terão um breve contato com a origem e história da tecelagem, onde será possível entender seu surgimento tanto no exterior como também no Brasil. Será também apresentado o conteúdo sobre a tecelagem contemporânea através dos trabalhos do artista Alexandre Heberte.

**Segundo Momento:** contemplando o momento de **ver/fruir arte** será discutida e comparada duas propostas artísticas de Alexandre Heberte, a *Trama São Paulo* (Imagem 15) e sua *performance Live Trama SP*, realizada na SP-Arte 2017, onde teceu em silêncio por 42 horas (Imagem 16). No primeiro projeto, o artista se propõe a tecer em 33 lugares diferentes de São Paulo, onde ele se conecta com os lugares e pessoas que por ali passam. Há um processo de doação, expansão, onde o artista em meio ao seu processo de tecer, também se depara com pessoas que ali se encontram e interagem com ele. Além de realizar esse processo em diferentes pontos de São Paulo, o que traz também diferentes públicos e contatos. Já na performance, foi um mergulho dentro de si mesmo, já que Heberte tece por muitas horas em silêncio, com seus cabelos cobrindo o rosto, focando em seu ato de tecer. Após apresentadas as duas propostas do artista, será aberto o compartilhamento de opiniões sobre as obras, direcionado pelaicineira em questão.

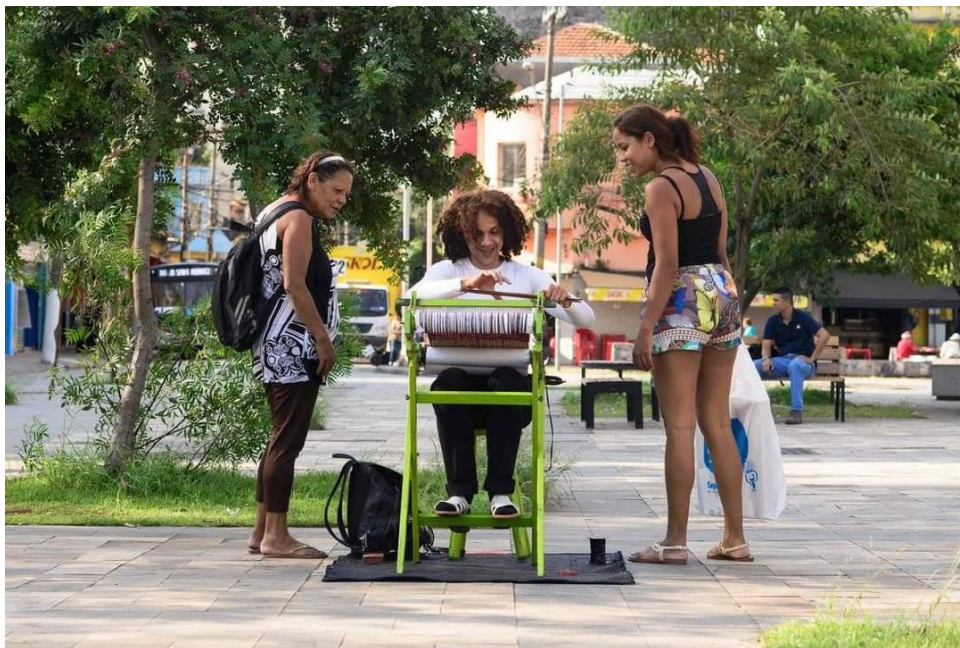


Figura 15 - Alexandre Heberte tecendo. Projeto Trama SP, 2017.



Figura 16 - Alexandre Heberte. Performance Live Trama SP, 2017. SP-Arte.

E também, com o intuito de buscar novamente essa ligação entre o individual e coletivo, será apresentado para os educandos, o trabalho de Lygia Pape, o *Divisor* (Imagem 17).



Figura 17 - Lygia Pape, *Divisor*, 1968. Pano de algodão, fenda, 20x20 cm.

Para Machado (2008) foi uma proposta com um caráter político sob um olhar estético, onde busca mostrar a necessidade de cumplicidade e proporcionar relações de interdependências entre os “espectadores”. Pape criou o *Divisor*, o qual era um enorme quadrado, cheio de fendas, que deixava apenas a mostra a cabeça dos participantes, cobrindo todo o resto do corpo. Era uma obra onde o público necessitava participar ativamente e ludicamente. “Lygia colocou na mesma proposta os dois lados do convívio coletivo: a liberdade de deslocamento de cada um e o movimento da maioria.” (MACHADO, 2008, p.41-42). Essa obra será apresentada com a finalidade de fazer uma ligação do individual e coletivo que será trabalhada na proposta do “Tecido das vivências e desejos”. Nesse momento de apreciação de leitura da obra, será também um momento de compartilhamento, onde os participantes poderão falar sobre como encaram e recebem as obras apresentadas.

Algumas perguntas foram pré elaboradas para guiar esse momento de **ver/fruir arte**:

- Pensando nas técnicas tradicionais da tecelagem, o que de inovador vocês observam nas duas propostas de Alexandre Heberte? Quais linguagens artísticas são possíveis encontrar dentro desses trabalhos?

- Pensando em “expandir” e “interiorizar”, “individual” e “coletivo”. Com qual das duas obras do artistas Alexandre Heberte vocês conectam essas palavras e porque? Vocês acreditam que existe alguma que caiba todas as palavras? Porque?
- Pensando no, o *Divisor*, de Lygia Pape. Porque vocês acham que pode ser considerado uma obra que trata tanto o coletivo, como o individual?

**Terceiro Momento:** No terceiro momento teremos o **fazer arte**. Será ensinado para os alunos a técnica da tecelagem e será realizada no papelão, como alternativa de tear. Os alunos aprenderão a criar suas urdiduras e depois a tramar. Cada participante irá produzir sua tecelagem individual, pensando nos períodos e vivências mais marcantes da sua história de vida. Para isso, será importante o processo de refletir sobre os períodos que gostaria de tramar em seu trabalho. Será disponibilizado para os alunos fios diversos, com texturas, espessuras e cores diversas. Para construir esses momentos em forma de tramas, cada pessoa deve escolher fios que possibilitem representar de certa forma aquele momento vivido. Para Ortega (2017) a cor transmite sensações e pode, em um trabalho, trazer a ideia do que está em “cima” e “embaixo”, sensação de leveza ou firmeza e é de extrema importância que esses detalhes sejam levados em conta. Além de expressar e transmitir sentimentos. Após finalizar essa etapa, a proposta traz mais um desafio, pensar em um desejo para o futuro e assim, finalizar o tecido. Após todos terminados, haverá o momento conexão desses, amarrados por fios de lã, formando um grande tecido das vivências e desejos.

**Quarto momento:** Como etapa final, será o compartilhamento da experiência, uma volta ao **ver/fruir arte**, agora voltada para a própria produção. O tecido final será exposto para que todos observem e será construída uma roda, onde quem se sentir à vontade, poderá compartilhar o que sentiu durante o processo e ao observar o resultado final. Para isso, algumas perguntas norteadoras serão preparadas, mas será um momento de livre conversa sobre o momento compartilhado.

- Como foi a experiência de tramar suas vivências?

- Houve alguma memória que se intensificou dentro de vocês ao ser tramada?
- Como vocês se sentiram tramando um desejo para o futuro?
- Olhando para seu tecido final, o que sente?
- E olhando para o tecido das vivências e desejos, qual sentimento vem à tona?

Para que cada aluno possa levar sua produção para casa, depois do quarto momento, de fruição, os tecidos serão desamarrados, voltando a estar separados. Cada educando e educanda poderá, através desse trabalho, aprender a técnica da tecelagem, tramando nela suas vivências e desejos, buscando ao mesmo tempo olhar para si e para sua trajetória de vida, de forma individual e coletiva, praticando a escuta, o olhar para o outro que o acompanha e entrelaçando histórias.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O atual trabalho teve como objetivo principal pesquisar e analisar a produção de tecelagem do artista Alexandre Heberte, buscando entender como essa prática está permeada de histórias de quem as cria e sua potencialidade no ensino de arte. Para isso foi estudado as origens da tecelagem e a tecelagem contemporânea têxtil. Foi realizada também, uma entrevista com o artista em foco, além de analisar a importância dessa prática na educação formal e como finalização, uma oficina, pensada a partir das conclusões deste estudo.

Acredita-se que a tecelagem tenha surgido a muito tempo, no período Paleolítico, com o intuito de criar moradias e vestimentas. Essa prática, com o passar dos anos, foi se desenvolvendo, surgindo assim outras técnicas. No Brasil, esse tramar dos fios, chega através dos colonizadores, mas também por povos indígenas, como por exemplo, os povos Huni Kuin, que criam seus tecidos chamados de “kene”. Essa técnica vai se expandindo e se costurando com as culturas locais brasileiras, ganhando particularidades.

Através da pesquisa realizada, foi possível entender que a tecelagem vem acompanhando a história da humanidade a muito tempo, podendo ser percebido um caráter ancestral e alguns simbolismos que a acompanham. No capítulo *tecendo a vida*, foi possível compreender melhor como essa prática é uma memória ancestral da humanidade, que é passada de geração para geração, através das técnicas, de mitos, lendas e até no vocabulário. Foi estudado que o fio e o tecer, traz dentro deles muitos simbolismos, como por exemplo, a idéia de conectividade e também de representação de passado, presente e futuro. Isso pode ser percebido tanto no vocabulário, “costurar suas idéias” e também através de mitos como “As Moiras”, da mitologia grega, onde eram responsáveis por tecer e cortar o que seria o fio da vida. No processo de tecer, urdir, tramar, dominar o fio e formar essas estruturas a pessoa, pode, ao mesmo tempo, elaborar pensamentos, ordenar, articular, entrelaçar e apropriar-se do fluxo criativo e existencial. Esse caráter simbólico da tecelagem, pode se fazer presente, também, numa metáfora das relações humanas, que se entrelaçam e formam uma rede. O que tem grande potencial como atividades que trabalham o coletivo dentro da sala de aula e traz, também, a possibilidade de tramar suas trajetórias de vida, assunto que foi explorado na

oficina aqui presente. Para que fosse possível criar a oficina final, também foi de extrema importância, estudar sobre a arte têxtil contemporânea brasileiras e os artistas que buscam trazer para ela um lugar de valorização, dentro do mundo da arte.

Artistas têxteis contemporâneos brasileiros, como Renato Imbroisi, Rosana Paulino, Arthur Bispo do Rosário, Leda Catunda e Edith Derdyk, com algumas de suas obras, foram precursores, buscando abrir espaço dentro das artes para a arte têxtil. Rosana Paulino com sua série *Bastidores* (1997), que destaca nessa produção questões sociais, étnicas, buscando uma reflexão sobre a condição da mulher negra dentro da sociedade brasileira. Arthur Bispo do Rosário e o uso de materiais do cotidiano, como alumínio, botões, garrafas de plástico, lençóis, roupas, fios de roupas. Leda Catunda que buscava trazer em seus trabalhos o que observava nas pessoas à sua volta e como elas se vestiam, trazendo isso para suas obras, e utilizando, em alguns trabalhos, o que chamou de pintura-instalação, como na obra *Siameses* (1998), explorando estampa e textura. E Edith Derdyk e seu foco na linha de costura, onde expande o ato de desenhar, possibilitando a ocupação de espaço, utilizando perfurações de superfícies com a agulha. A partir disso, houve uma ressignificação das técnicas tradicionais, trazendo a possibilidade de novos experimentos, falando em campos, meios, linguagens e procedimentos. Essas novas ideias, novas concepções estéticas, vão proporcionar o surgimento de novos artistas, como por exemplo, Alexandre Heberte, que é foco desse estudo.

Debruçando sobre a produção e pensamento de Alexandre Heberte, através de pesquisas e principalmente da entrevista realizada com o artista (Apêndice A). Foi possível encontrar uma arte têxtil contemporânea, através das suas chamadas *tramas experimentais*, que trazem novas possibilidades técnicas, de suporte e materiais. Heberte (2021) explica que “as tramas experimentais acontecem quando eu teço na parede, no papelão, no arame, quando teço na arara, na árvore, no corpo”. Além de conversar com outras linguagens artísticas, como em *performance Live Trama SP*, realizada na SP-Arte, onde o artista se propôs a tecer por 42h em silêncio, com os cabelos sobre o rosto e focado em seu processo.. Instalações e ações coletivas, como na proposta *Trama São Paulo* e em alguns casos, explorando o corpo e movimento, como na proposta *tecido humano*. Em *Trama São Paulo*, o artista visita 33 lugares diferentes da cidade, os quais ele foi mapeando. Em contato

com o público, ele consegue entrelaçar em sua tecelagem histórias, passagens, observações, interações, e a relação com as pessoas que por ali passavam. Já na proposta *tecido humano*, foi uma ação com 60 pessoas, com participantes espontâneos, onde eles criaram um grande tecido na rua. Nesses trabalhos é possível observar como ele ultrapassa os limites estruturais do próprio tear e de suas materialidades.

Alexandre, nascido em Juazeiro do Norte e que mora atualmente em São Paulo, ressalta em suas falas, que em suas obras, ele entrelaça não só a si mesmo, suas histórias particulares, mas também como ele se relaciona com o meio, além de suas memórias. Ele consegue ultrapassar os limites do tear, trazendo a tecelagem para o dia-a-dia das pessoas, a tornando mais palpável e também inovadora. Em suas tramas, ele incorpora suas emoções, vida cotidiana, história de pessoas que cruzam seus caminhos, sua história e reflexões.

Como objetivo específico e como uma busca particular de compreender ainda mais as potencialidades dos trabalhos manuais e, em específico da tecelagem, na sala de aula, busquei através da história da tecelagem e seu caráter simbólico, ancestral, inovador na contemporaneidade, com ênfase nos trabalhos de Alexandre Heberte, mostrar como essa prática tem muito a oferecer no desenvolvimento dentro de sala de aula. A partir desse estudo, e da análise de duas obras do artista, foi possível criar uma oficina que aplicasse o que foi descoberto até aqui.

Com esse caráter simbólico, ancestral e inovador, a tecelagem e os trabalhos manuais podem ser ricos no desenvolvimento do aluno dentro da educação escolar. Por meio dessas técnicas artesanais, é possível inserir neste ambiente, muito sobre a importância dessa prática como resistência cultural de um povo e também sobre a arte contemporânea têxtil e suas diversas possibilidades de expressão. No criar e no fazer com as mãos é possível realizar um processo de desenvolvimento do saber sensível, criativo, e da consciência estética, além de ajudar a entender melhor sobre cada aluno, já que cada pessoa se expressa de forma diferente através de suas mãos. Dificilmente uma peça será igual a outra, se feita de forma artesanal, e isso mostra como essas criações são carregadas de personalidade e história de quem as cria.

As mãos possuem um complexo sistema de inervação e vascularização, além de sensores de temperatura e pressão, que torna possível que o ser humano consiga sentir temperaturas diversas, texturas e pesos. Tudo que uma pessoa cria com as mãos, o cérebro consegue captar aquele ato e se apropriar dele. Esse desenvolvimento da coordenação motora fina, pode ajudar no desenvolvimento celular cerebral. É possível concluir que além do saber sensível, estético e criativo, esse fazer artesanal e criativo também pode proporcionar também um trabalho cognitivo, além de ritmo harmônico, minúcia, delicadeza, atenção e persistência no que se faz.

Levando em conta todos esses pontos, é possível perceber a importância que os trabalhos manuais e em específico a tecelagem têm dentro da educação. A partir de atividades com esse fazer ancestral, mas também tão inovador, é possível criar propostas, onde os alunos poderão ter um contato maior com essas técnicas milenares e também inovar a partir delas, trazendo novas possibilidades e visões dentro da arte têxtil.

Como objetivo específico final, foi criada uma oficina, onde será possível proporcionar aos educandos e educandas esse contato com a tecelagem de tradição, como forma de resistência cultural, mas também seu lado contemporâneo, de inovações. O público pensado foram alunos do terceiro ano do colegial, já que se encontram em uma fase de fechamento da vida escolar, abrindo-se a uma nova fase de possibilidade e oportunidades. Com base nas obras *Trama São Paulo* e *Performance Live SP*, de Alexandre Heberte, foi possível criar uma oficina, onde ligue os pontos estudados na atual pesquisa e explorando o individual e o coletivo. Como explicado mais acima, a primeira proposta do artista está em contato direto com o público, e entrelaça em sua tecelagem essa vivência própria e com quem cruza seu caminho. Já na proposta *Performance Live SP*, ele se propõe a tecer por 42 horas sem interação direta com o público. O artista compara as duas experiências dizendo “se o processo na rua foi um processo super intenso de doação, na SP Arte foi um processo de entrar dentro, de mergulhar pra dentro.”

A oficina terá como pilar a Proposta Triangular (**ver/fruir arte, contextualizar e fazer arte**) de Ana Mae Barbosa. No primeiro momento, na **contextualização**, será apresentado sobre a história da tecelagem durante a

história da humanidade e também a tecelagem contemporânea e suas novas possibilidades. Já no segundo momento, em **ver/fruir arte**, será apresentada as obras de Alexandre Heberte, citadas acima: *Trama São Paulo* e *Performance Live SP*. No terceiro momento, **fazer arte**, onde os alunos aprenderão a técnica de tecelagem e a partir de suas criações, os alunos poderão contar um pouco sobre suas histórias, tramando elas com seus desejos para o futuro. A oficina ainda contará com um quarto momento, **ver/fruir arte**, mas sobre suas próprias criações no individual e coletivo, já que ao final essas particularidades serão amarradas umas com as outras, fazendo com que esses alunos busquem entrelaçar e conectar experiências, formando um grande “Tecido das Vivências e Desejos”. Quando a proposta chegar ao seu fim, as produções individuais serão separadas, para que cada um possa levar um pouco de sua experiência para casa.

Como professora atuante na disciplina de Trabalhos Manuais em uma escola, compreendo a necessidade do fazer com as mãos e a potencialidade que essa prática traz dentro do desenvolvimento escolar da criança e adolescente. Através dessa pesquisa e proposta final, foi possível entender e mostrar, usando como base as *Tramas Experimentais* de Alexandre Heberte, como é possível conectar esse caráter ancestral, simbólico e inovador da tecelagem, tornando uma ferramenta dentro de sala de aula, para trabalhar o desenvolvimento do saber sensível cognitivo, motor e criativo, além de possibilitar um possível autoconhecimento e entrelaçamento de histórias.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ANDRADE, LQ. *Terapias Expressivas*. São Paulo: Vetor, 2000.

ARAUJO, Renata de Farias Fraiha. *Tecelagem, interculturalidade e saúde: a tessitura nos processos arteterapêuticos*. Monografia – POMAR/FAVI. Rio de Janeiro, 2018.

ARTHUR, Bispo do Rosário. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10811/arthur-bispo-do-rosario>. Acesso em: 24 de agosto de 2021. Verbete da Enciclopédia.

BAHIA, AB. *Bordaduras na Arte Contemporânea*. 1999. Disponível em: <<http://antigo.ceart.udesc.br/PosGraduacao/revistas/artigos/anabeatriz.doc>> Acesso em: 12 de maio de 2021.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, Ana Mae. *John Dewey e o ensino da arte no Brasil*. 5.ed - São Paulo: Cortez, 2002.

BARBOSA, Ana Mae. *Arte, educação e cultura*. Livro de Domínio Público: 2012. E-book Kindle.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BASBAUM, R. *Além da pureza visual*. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOECHAT, W. *A mitopoese da psique: mito e individuação*. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRANDÃO, JS. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 2001, v. II

BRANDÃO, JS. *Mitologia grega*. Vol. I. 18ª. edição. 2009.

CÁURIO, R. *Artextil no Brasil: Viagem pelo mundo da tapeçaria*. Rio de Janeiro, 1985

CIORNAI, S. *Percursos em arteterapia: arteterapia e educação, arteterapia e saúde*. Summus Editorial, 2005.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *Por que arte-educação?* 7º ed. Campinas: Papirus, 1994.

EDITH Derdyk. *Guia das artes*. 2015. Disponível em: <<https://www.guiadasartes.com.br/edith-derdyk/biografia>>. Acesso em: 19 de maio de 2021.

ELIADE, M; MALLA, JV. *Historia de las creencias y de las ideas religiosas*. Barcelona: Paidós, 1999.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Doutrina das cores*. apresentação, tradução, seleção e notas Marco Giannotti. São Paulo: Nova Alexandria, 2011.

HEBERTE, Alexandre. *Entrevista: Alexandre Heberte*. Entrevistador: Katherine Perches e Tarcila Lima da Costa. Bauru: 2021. Gravação Google Meet. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice “A” desta monografia]

HICKS, Sheila. In. Sheila Hicks. Disponível em: <https://www.sheilahicks.com/bio>. Acesso em: 24 de agosto de 2021.

JULIEN, N. *Minidicionário compacto de mitologia*. Trad. Denise R. Vieira. São Paulo: Rideel, 2002.

JÚNIOR, PAV. *A tecelagem lírica de uma Penélope moderna: a alquimia dos nós, de Yêda Schmalz*. Revista Criação & Crítica, n. 15, p. 136-159, 2015.

LANZ, Rudolf. *A Pedagogia Waldorf: o caminho para um ensino mais humano*. 4ª. ed. São Paulo: Antroposófica, 1986.

LEDA Catunda. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10215/leda-catunda>. Acesso em: 24 de agosto de 2021. Verbetes da Enciclopédia.

ISBN: 978-85-7979-060-7

MACHADO, Vanessa Rosa. *Lygia Pape: espaço de ruptura*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Área de Concentração, Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo: 2008.

MATTAR, D. *Norberto Nicola – Trama Ativa*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.

ORTEGA, Neli. *O fio do trabalho manual na tessitura do pensar, sentir e agir humanos: e seus princípios no Ensino Waldorf do 1º ao 5º ano*. 1 ed. São Paulo: 2017.

PAULINO, Rosana. *Biografia*. Rosana Paulino. Disponível em: [encurtador.com.br/ivwDX](http://encurtador.com.br/ivwDX) Acesso em: 12 de julho de 2021

PEZZOLO, Dinah Bueno. *Tecidos: história, tramas, tipos e usos*. 5.ed. São Paulo: Editora Senac, 2017.

PHILIPPINI, A. *Arteterapia: métodos, projetos e processos*. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

\_\_\_\_\_. *Linguagens e Materiais Expressivos em Arteterapia: Uso, Indicações e Propriedades*. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. *Para entender Arteterapia: Cartografias da Coragem*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2013.



POSSEBON, Ennio. *A teoria das cores de Goethe*. 2009. Disponível em: <http://www.sab.org.br/portal/images/Artigos/artes/teoria-das-cores-de-goethe/teoriadascorosenniopossebon.pdf>. Acesso em: 09 março. 2021.

RITA, Dora Iva. *Arte têxtil contemporânea e sustentabilidade*. 2016.

ROSENHEIN, Daiane Figueiredo; ZAMPERETTI, Maristani Polidori. *O têxtil no ensino de arte—corpo e tramas no saber sensível*. **Argumentos Pró-Educação**, v. 3, n. 8, 2018.

SILVA, Maria Antônia Moura da Silva; *et al.* *A tecelagem Huni Kuin e o Ensino de Química*. Química Nova Escola. São Paulo: 2016. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/308046022> > Acesso em: 11 de julho de 2021

SILVEIRA, MISC. *A tecelagem manual e o design têxtil: um diálogo entre o ancestral e o industrial*. 9º Colóquio de Moda, 2013.

SOUZA, R. *De volta a Fortaleza, tecelão cearense Alexandre Heberte partilha experiências no tear*. Diário do nordeste, 21 de jan. de 2019. <Disponível em: [encurtador.com.br/xKY48](http://encurtador.com.br/xKY48)> Acesso em: 12 de julho de 2021

VEIGA, Ana Lygia V. S. *A pesquisa do currículo dos trabalhos manuais na educação steineriana*. 1. ed. São Paulo: Hífen Editora, 2021.

VIEIRA, Liliana Bellio. *A estamparia têxtil contemporânea: produção, produtos e subjetividades*. 2014. 226 p. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

VIGOTSKI, LS. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1998

ZANELLA, A.V.; REIS, A.C.; CAMARGO, D.; MAHEIRIE, K.; FRANÇA, K.B.; DA ROS, SZ. Movimento de Objetivação e Subjetivação, mediado pela criação artística. *Psico-USF*, v. 10, n. 2, p. 191-199, 2005.

ZANELLA, AV.; DA ROS, SZ.; MAHEIRIE, K. (Orgs.). *Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e/em experiência*. Florianópolis: Editora da UFSC: NUP/CED/UFSC, 2006.

**APÊNDICE A -  
Entrevista: Alexandre Heberte**

## APÊNDICE A - Entrevista: Alexandre Heberte

Entrevistado: Alexandre Heberte.

Entrevistadores: Katherine Perches e Tarcila Lima da Costa.

Data: 14 de janeiro de 2021 e 19 de janeiro de 2021.

*Katherine: Meu tcc vai ser a análise de algumas obras suas e essa nossa conversa, que a gente vai ter. Fazendo uma conexão com a história de vida. Eu pensei bastante como cada trabalho manual que a gente faz, no caso, em específico, a tecelagem, a gente traz um pouquinho da gente. Tem essa particularidade de cada um. E também fazendo conexão com o ensino nas escolas, da tecelagem em específico. Tá bom?*

Alexandre: Tá bom.

*Katherine: Vou começar então com a primeira pergunta. Na verdade, eu gostaria de saber um pouquinho, da onde você veio, um pouquinho sobre a sua história de vida e como foi esse seu primeiro contato com a tecelagem. Como ela surgiu na sua vida, como ela iniciou.*

Alexandre: Legal, vamos lá. Eu me chamo Alexandre Heberte, sou natural do Juazeiro do Norte, interior do Ceará, de uma região chamada Vale do Cariri e a minha cidade foi fundada pelo Padre Cícero, no século XIX. E a chegada do Padre Cícero, entre os municípios Crato e Barbalha, que deu origem a minha cidade Juazeiro, por conta do Padre Cícero. Esse fenômeno começou a atrair muitos artesãos, do norte e nordeste. Então eu cresci cercado desse cenário, de todos os ofícios que você pode imaginar. Porque o Padre Cícero era muito perspicaz, inteligente. Por exemplo, chegou um senhor que fabricava lamparina pra ele e disse “ai Padre Cícero, vou embora da cidade porque ninguém está comprando os candeeiros” e o Padre Cícero disse “não meu filho, faça duas mil unidades” e o artesão indagou “mas Padre Cícero, eu não estou vendendo nenhum, você quer que eu faça duas mil?”. Na missa de domingo o Padre Cícero disse “olha meus

irmãos, eu vou instituir a procissão da nossa senhora das candeias e queria que cada um comprasse uma lamparina”

*(risadas)*

*Katherine: que legal.*

Alexandre: Claro que esse fenômeno manual, do trabalhar com os ofícios, foi algo muito mais forte até a década de 80. De 90 pra cá, eu acho que isso diminuiu bastante. Então eu venho dessa região, que é um celeiro cultural, uma região super rica de cultura popular e por exemplo, é uma região cheia de fósseis. Eu nunca tinha tido contato com a tecelagem manual na minha cidade, exceto com a memória que eu resgatei depois que eu comecei a tecer, que a primeira coisa que eu comprei independente da minha mãe, porque nossas roupas são compradas por nossos pais, foi uma sapatilha feita em tear manual de uma atriz chamada (perguntar o nome). Claro que mamãe não gostou nada.

*(risadas)*

Mas eu tenho essa lembrança, é muito legal isso. Então de alguma forma a tecelagem manual estava presente lá no meu entorno, na arte da cestaria produzida pelos artesãos que moravam na rua do porto, nas redes. Mas eu nunca tinha parado para olhar especificamente pra tecelagem, pra essa arte. E isso só vai acontecer aqui em São Paulo. Eu chego em São Paulo em 2004 e eu conheço o tear de pente liço em 2005, 2006 eu compro meu tear de pente liço. E no centro de São Paulo com um amigo, uma pessoa que eu não conhecia, depois se tornou meu amigo, José Donizete. Mas eu não tive aulas específicas com ele, na verdade, eu tive oportunidades. Ele abriu um tear na casa dele e disse você quer tecer agora a tarde?” E ai, eu digo que sim. Me apaixonei pela ferramenta, por essa máquina chamada tear, no caso era um tear de pente liço, mas na casa dele também eu tinha um grande tear de padronagem, teares mineiros que a gente consegue identificar, mas depois eu explico sobre os teares. Eu perdi contato com esse mestre, eu acho que nós ficamos sem nos falar uns três anos e esses três anos que 2008, 2009 e 2010, eu teço de uma maneira orgânica, eu teço de formação livre. A minha matéria

prima era o algodão e barbante, e nessa mesma época uso a fita vhs, que eram dos desfiles que eu havia gravado do *Morumbi Fashion*, *Temporada Fashion*, *São Paulo Fashion Week*, década de 90. Eu tive a sorte de ter um pai que, ele tinha *Direct Tv* na década de 90, então eu saía para trabalhar, mas eu deixava a fita cassete gravando seis horas, quando eu chegava do trabalho, eu via aquele material, e depois eu ia pra casa dos meus amigos para compartilhar essa informação. Era uma época que a gente não tinha isso (*se referindo a internet*). Isso que é tão maravilhoso, a tecnologia, esse meio virtual. Trabalhando de maneira orgânica e livre, sem nenhuma influência externa, eu pude me dedicar à leveza da batida, eu pude me dedicar a misturar todas as cores. Essa brincadeira de misturar o algodão com a fita VHS. Tem uma coisa que a gente pega do inconsciente coletivo, que eu comecei a entrelaçar coisas no meu tear, a fazer de uma determinada forma que isso começou a chamar a atenção dos mestres têxteis, que eu nem sabia que existiam. Mas até eu chamar a atenção deles, eu estava produzindo xales, cachecóis, toalhas de mesas.

Tem a historinha que sempre conto, que eu tinha um trabalho normal, assim normal, trabalhava das sete da manhã até uma da tarde. Mas eu fui cansando desse trabalho e eu voltei pra casa e não queria sair desesperado atrás de outro trabalho, então nos meus planos eu ia ficar um mês fazendo xale, pensando como é que eu ia conduzir, mas eu comecei a fazer, fazer, fazer e chegou o inverno, comecei a vender esses cachecóis e eu vendi mais de trezentos xales e cachecóis nessa brincadeira, e eu nunca mais fui atrás de trabalho fixo, que eu tivesse que estar ali todos os dias, aquela coisa.

E nessa mesma época, eu montei um blog, chamado *peixes em peixes*, esse blog, hoje em dia não tem uma força ou quase não posto. Ele ainda existe, mas eu apaguei todas as fotos e textos. Não me interessava mantê-los. A gente pode ter o acesso a um pequeno material disso, que foi a parte deletada desse blog, no meu canal do youtube.

Se já tinha os vídeos, eu não precisava ter esse material lá. Mas foi através do fotolog, acho que eram os primórdios de 2010, 2009, 2010, se não me engano. Transição do orkut pro facebook. No facebook, começou a ter a ferramenta dos grupos. Foi muito interessante, porque um dia eu recebi uma ligação de um mestre têxtil, chamado Henrique, eu não vou saber pronunciar corretamente o sobrenome dele, Schaumann. Depois eu fui entender que ele era um grande mestre têxtil, que

se apaixonou pela tecelagem, ele tinha uma pousada que chamava pouso do tapeceiro, perto de Floripa e a partir dele. E assim, qual era a função do blog? Desde o começo eu comecei de uma maneira muito amadora, com a câmera, não tinha celular, tinha celular, mas não era esse celular de fotos.

*Katherine: sim, era muito diferente*

Alexandre: Então assim, era aquelas máquinas analógicas, já estava na transição pro digital, mas era qualidades péssimas das fotos, mas mesmo assim eu sempre fiz milagres com as minhas mãos e eu comecei a postar os detalhes das tramas, os resultados e de alguma maneira isso chamou a atenção. Me encontrar a partir de um grupo chamado, como era na época? Ainda não era TENET, eu vou ficar te devendo o nome desse grupo. Mas esse grupo era formado por mestres, design e artistas e a maioria já se conheciam e eles viam ai de uma trajetória profissional desde a década de setenta, sessenta e oitenta. E a maioria eram mestres têxteis, que já tinham exposto na década de oitenta, tinha acontecido um grande encontro na loja do Renato Imbroisi e essas pessoas, assim o Renato Imbroisi, Juan Ojea, Marta Meyer criaram a exposição TENET, TENET significa tecendo na net, porque a partir de uma foto que eles publicaram nesse grupo do facebook, criou-se um clima de nostalgia, “ai como seria bom se a gente se reencontrasse”. E ai, o Juan e a Marta, eles organizaram a TENET. E a primeira TENET é um encontro, uma exposição, com artes manuais têxteis, mas tinham outras linguagens, não tinha só tecelagem manual, então, uma exposição têxtil, e ai fui convidado para participar dessa exposição coletiva. E então, eu que só vinha fazendo trabalhos mais comerciais, xales, cachecóis e panos de mesa.

Eu vou abrir um parêntese ai, até chegar o convite, eu já estava também trabalhando com a fita VHS, como eu te falei, a fita VHS já estava muito presente, mas também já tinha acontecido de eu ter ido para uma palestra da Chiara Gadaleta, que estava no começo do movimento dela, e ai eu tinha uma máquina de costura, que eu nunca tinha costurado nela, mas eu tinha ganhado de uma vizinha e a gente não recusa uma máquina de costura.

*(risadas)*

Então eu sentei na máquina, de maneira iluminada, e eu consegui fechar as duas laterais e colocar uma alça, e criar uma bolsa. Então, porque assim, quando eu termino de fazer no inverno os xales e cachecóis, eu penso “bom, o inverno foi lindo, mas qual vai ser meu produto de verão?” e a bolsa vhs veio como a resposta disso. A revista “bons fluidos” quis fazer uma nota linda sobre as minhas bolsas, sacolas que saiu. Então a partir das bolsas de vhs e das tramas com vhs, eu comecei a chamar atenção e também os meus xales e cachecóis, eles, eu acredito que eles já tinham um “q” de contemporâneo. Eu não tinha a imagem da tecelagem tradicional formada na minha cabeça, eu não, só depois voltando ao nordeste, a Juazeiro, muito tempo depois, que eu fui parar para olhar as redes.

Sou chamado para participar dessa exposição coletiva, eu chego lá, ia ter um café da manhã com todos e eu posso não parecer, mas sou super tímido, era, porque tem que se colocar no passado. Ai, cheguei nesse café da manhã e me dei conta de que devia ter cerca de cinquenta pessoas. E me dei conta que essas pessoas eram todos tecelões, e ai fui conhecendo um a um, mas eu era o mais novo daquela turma, eu lembro que o Renato Imbroisi chegou pra mim e disse assim “tipo, o mais moderno”, e eu olhei pra ele eu só sorri com um sorriso amarelo, porque eu não sabia se isso estava sendo um elogio ou se isso estava sendo um.

*(Tarcila entra na reunião)*

Tarcila: Bom dia. Eu sou a Tarcila, professora da Katherine.

Alexandre: Maravilha, seja bem vinda. E eu não sabia se isso estava sendo um elogio do Renato Imbroisi, ou se isso estava sendo alguma coisa, mas também não tirei essa dúvida com ele. E depois desse encontro com os tecelões, aconteceu a exposição, a minha primeira obra chama-se “salão de beleza”, é um livro. Ai quando eu volto pra casa, eu me dou conta que todos os anos anteriores, até aquele momento, que eu havia tecido de formação livre, eu não sabia nada, nada da tecelagem, ou seja, eu não sabia nada sobre a história da tecelagem, não sabia sobre a história dos meus pares, eu não sabia sobre a história do tecido, nada. E são reflexões mais atuais. Um artesão ou uma pessoa, pode desenvolver uma habilidade, passar um longo tempo com aquilo, no caso eu já tinha uns três anos, quatro anos e não refletir sobre sua produção, não refletir sobre aquela sua ação.

Enfim, estar num movimento muito mais do fazer, do que do teórico, da reflexão, e ai a partir de 2011 que eu começo a construir a minha história de livros, meus livros de referências, meu tcc, minhas bibliografias e o convite da exposição coletiva me levou a outra e assim, se a TENET acontece em maio de 2011, em setembro de 2011 eu estava sendo convidado pela tecelã Nadia Rezende, para participar de outra exposição chamada “grafismos têxtil no conjunto nacional”. Na época a Nádia Rezende também tinha um projeto chamado “visita ao ateliê”, e graças a esse projeto eu fui conhecer o ateliê da mestre têxtil Bia Cunha, que ela tem um tear maravilhoso, mas eu também conheci o Jacques Douchez, com noventa e dois anos, se não me engano, ele ainda estava vivo. E Jacques Douchez e Norberto Nicola são dois grandes artistas brasileiros. E em 1959, eles montaram, eles lançaram o manifesto “*forma tecida*”, mas ai, é uma outra história. Depois a gente conta essa. Então veio a TENET 2011, Grafismo Têxtil, ai vem, TENET 2012, só que nesse intervalo da TENET 2011 e TENET 2012, a Sílvia Ribeiro, uma das minhas mestres têxteis, que é mãe, amiga, irmã, companheira, assim sabe, um encontro de almas, ela teve.

*(Pausa para acertar a gravação)*

O ano de 2011 foi extremamente importante pra mim por que foi um divisor de águas, é quando eu começo a ser convidado para participar de exposições coletivas e a primeira vez que começo a apresentar os meus trabalhos de uma maneira artística. Em maio de 2011, teve a TENET que quer dizer “Tecendo na net” que é um projeto do designer e tecelão Renato Imbroisi, Juan Ojea e Marta Meyer e foi lá que conheci diversos artistas incríveis, designers como Renata Meirelles, Miriam Andraus Pappalardo, Silvia Ribeiro, Bia Cunha, Liana Bloisi entre outros.

Em 2011 depois que acontece a TENET, a tecelã mestre Silvia Ribeiro ela tem o sonho comigo tecendo na casa dela e ela pede a uma outra mestre têxtil, Ana Cordeiro que foi uma das primeiras professoras de tecelagem do Sesc Pompeia antes da Tiyoko Tomikawa que tá à 35 anos. É muita informação, mas é isso, depois vamos juntando estes fragmentos porque são nomes importantes.

E eu tenho a sorte que eu moro no começo da avenida São João quase esquina com a Duque de Caxias e a Silvia mora no final da São João que tem outro nome no final. Mas é como se fosse no final da São João, então dava para ir a pé.



Para os padrões de São Paulo, dava para ir a pé. Eu fui até a casa dela e ela começou a fazer perguntas e descobriu que eu tecia com tear de pente liço e ela tece no tear de padronagem então, é como se o meu tear fosse um fusquinha e o tear dela fosse uma ferrari, ela brincava na época. E na época na casa da Silvia ela tinha por exemplo um tear de 3 metros e ela estava tirando uma tapeçaria que precisava de 3 pessoas para carregar e é uma casa de mulheres, a Silvia, a Dalva e a Maria e eu estava entrando naquele núcleo e é uma casa de esquina que eu posso um dia levá-las lá, e ela vai amar a presença de vocês. E na época ela tinha 10% da visão, mas está regredindo, então acho que agora ela só tem 5% da visão, já é uma senhora, acho com os seus 75 anos. E a Silvia me perguntou se eu queria tecer na máquina de tear dela, pediu pra andar na ferrari dela, no tear de padronagem e eu disse “Claro que sim!”.

E foi muito interessante e ela me botou pra tecer e o tear de padronagem é diferente do tear de pente liço, ele além de ter um cálculo matemático do tear de padronagem é mais avançado para o pensamento e tem várias receitas e as pessoas geralmente colocam a receita e vão seguindo a padronagem. Eu não seguia as receitas e então ela dizia faça “132413241324” quando piso no pedal 1 e 3 e depois 2 e 4 e quando eu dominei esse 1324 que é quando você faz a tela no tear de padronagem, ela disse, “Posso complicar?” e agora faça “12233441” e dependendo do passamento de como passou os fios no tear de padronagem, quando você pisa no pedal, hora você tá levantando o fio 1,3 e baixando o fio 2,4 enfim, é probabilidade, é um tecer matemático e ela ficou impressionada como eu peguei rápido isso.

Como é que eu pego rápido isso? Ou eu fui muitos tecelões em várias vidas passadas. Como eu vim de uma formação livre, estava tecendo todos os dias no meu tear de pente liço, a compreensão do entrelaçamento torna-se mais fácil. Eu não tinha só aprendido a tecer no tear de pente liço, eu estava tecendo todos os dias na época da produção dos xales, cachecóis e tecidos vhs.

E com um mês a Silvia disse “vou colocar você pra tecer para o João Pimenta” e eu “Quem é João Pimenta, Silvia?”. E eu não sabia que o João Pimenta é um estilista que fez uma passagem pela casa dos criadores e agora já tinha feito um desfile na *São Paulo Fashion Week* e ele ia fazer outra coleção, e eu disse “Silvia, se você acha que com 1 mês tecendo neste tear eu estou capaz, se você confia em mim, então vamos em frente”. Ela conversou com o João e o João

também concordou, então eu passei 6 meses de junho de 2012 a janeiro de 2013 tecendo manhã, tarde e noite todos os dias na casa da Silvia e foram feitos mais de 100 metros de tecido manual no tear de padronagem.

Eu acredito que foi uma grande universidade porque quando você chega às 10 horas da manhã na casa da sua mestra e sai 20 horas, 21 horas da noite, domingo a domingo, você convive, você almoça, você janta, você tece, tece, tece insanamente, malucamente. Eu estava sendo remunerado por isso, eu estava aprendendo e eu que gravava os desfiles da *São Paulo Fashion Week*, como que te contei que eu era um admirador lá no Juazeiro, nunca pensei que fosse entrar na *São Paulo Fashion Week* com tecidos manuais, então foi muito lindo, muito especial isso. Depois eu já fiz vários outros tecidos para o João Pimenta, tecido de palha, de seda, mas aí já é outra história.

Mas foi lindo esse encontro com a Silvia, essa vivência durante 6 meses e até hoje eu ainda convivo com a Silvia e este tear, que tive muitas coisas, muitas experiências. Então, cada ano eu voltava na Silvia e nunca deixei de ir, agora este tear é meu. Ela me ligou no final de novembro e disse “Ale, eu vou vender o tear.” Por que ela já não tem mais tanta disposição física, ela tem outros teares e estava ocupando espaço e eu conversei com a minha família e conseguimos comprar o tear e agora este tear está aqui comigo e é muito histórico, muito interessante. Um projeto foi me levando ao outro.

*Tarcila: Ele ocupa quanto espaço, Alexandre? Ele é bem grande não é, o tear?*

Alexandre: A sala está ocupada com ele.

*Katherine: É muito especial, tem todo um significado pra você, onde você vivenciou tudo isso.*

Alexandre: Mesmo eu tendo ficado muito feliz com o resultado dos tecidos no tear de padronagem, até o final do ano passado posso dizer que sou muito mais especialista, se eu posso usar humildemente esse termo, no tear de pente liço do que no tear de padronagem. Eu sei tecer no tear de padronagem e não me intimido

com os seus caminhos, mas é outra história. E aí que a gente volta no presente, vou continuar nessa linha de pensamento.

Então vem a TENET, vem *São Paulo Fashion Week*, vem *Exposição Grafismo Têxtil* e o Renato Imbroisi me volta a convidar a participar de um projeto dele que seria o parque tecido à mão, no pavilhão das culturas brasileiras, no parque do Ibirapuera. Uma exposição que abriu em janeiro de 2013 e foi até julho de 2013 e a missão que ele me deu foi, quem veio me convidar foi a Liana Bloisi que também estava fazendo a curadoria das oficinas. Ela disse, “Você vai ter espaço de 10 metros quadrados e você vai ter 16 teares, queremos que você construa uma obra que dialogue com estes teares onde os alunos terão aulas neles. Então você terá que dar uma oficina.” E eu tinha o dobro de desafio de criar uma obra nesse espaço gigante 10 metros quadrados, é muito grande e dialogar com estes teares e dar aula. Eu nunca tinha dado aula até então de tecelagem e eu topei o desafio e depois que eu disse sim, eu volto pra casa e digo “como é que faz isso?”.

Então, eu tomei a decisão de que aquilo que eu havia fazendo com os tecidos VHS, com os xales, com a experiência que foi tecer na Silvia eu iria colocar todo este conhecimento em módulos têxteis, que eu construí e apresentei pra ela. Estes módulos têxteis tinham fita VHS, óculos que eu ia nadar, os rolinhos dos fios que eu tinha usado, arames e tinha a tecelagem, tinha começo da renda cariri. Uma trama com processos múltiplos, com múltiplas linguagens, o conhecimento do tradicional e do contemporâneo se entrelaçando nessa linguagem que eu estava apresentando. A Liana gostou, estes módulos se transformaram numa aranha que eu batizei de *aranha nave*. Arames bordados manualmente como um nó, um trabalho insano. Eles dialogavam com os teares que estavam num círculo, os teares já estavam urdidos então os alunos chegavam e já encontravam os teares urdidos.

E eu fiquei dentro do pavilhão das culturas brasileiras de março a junho dando aulas de terças e sábados e eu precisei me preparar para aplicar, para descobrir uma metodologia de ensino, eu precisei parar pra refletir como eu daria a aula. Então a minha reflexão foi como que eu posso ensinar a coisa do jeito que eu faço, por mais que exista uma coisa orgânica no caminho, mas eu posso conduzir a pessoa a ir junto comigo para ela ver o nó, para ver como eu entrelaço. E foi lindo e deu super certo, imagina trabalhar no Parque do Ibirapuera naquele pavilhão das culturas brasileiras, dentro daquela exposição deslumbrante que tinha 1700 metros

de tecido manual feito de algodão e palha transformado em árvores. As árvores que estavam do lado de fora no Parque do Ibirapuera eram as árvores tecidas que o Renato Imbroisi inventou.

Dentro desta exposição, eu conheci a Doutora Ana Mae Barbosa que elogiou o meu trabalho e foi uma honra ela ter visitado minha exposição e ter conversado comigo. E aí, conheço o Valdiqye Jatobá que é um designer, o Valdiqye Jatobá ia fazer a primeira edição da MAD, *Mercado Arte Design* que é uma feira de design que acontece no pavilhão da Bienal. E ele me convidou para fazer um workshop têxtil e eu aceitei este desafio e lá fui eu para o jockey club passar uma tarde lá e me vi naquele universo finíssimo, refinado e me perguntei “o que estou fazendo aqui?” Mas eu tinha um objetivo que era passar o meu conhecimento.

Depois disso, em 2013/2014, fiquei sabendo do 27º prêmio do museu de design do museu da casa brasileira então eu achei que tinha algo relevante pra apresentar pra eles, pra esse mundo do design, mesmo não sendo designer de formação. Então eu escrevi 4 trabalhos *a primavera agreste, o abajur aurora, a trama vhs e o tecido assum preto*. *O tecido assum preto* recebeu menção honrosa nessa edição e o *tecido vhs* foi finalista. E foi muito legal e muito importante quando você coloca o seu trabalho para outras pessoas avaliarem e recebe estes feedbacks porque o feedback pode ser positivo ou pode ser negativo, mas eu tive a sorte de sair com uma menção honrosa, por que o prêmio de design do museu da casa brasileira é um dos prêmios mais importantes, mais antigos que nós temos no país. Recentemente no 31º eu voltei a ganhar menção honrosa pela trama São Paulo mas daí eu já estou pulando de ano.

Então eu participo do prêmio de design e chego em 2013 e 2014 e me inscrevo na residência artística chamada *rural escape*, eu nem sabia o que era uma residência artística. Aliás hoje à tarde têm uma live que vou falar especificamente sobre esta residência, estou chamando de um projeto que batizei de *Live tbt*, que eu estarei falando sobre uma dessas minhas aventuras têxteis.

Era o último dia de inscrição para essa residência artística, me inscrevi e eu fui selecionado, então de 12 artistas selecionados, 4 eram brasileiros, 9 estrangeiros e lá fui eu com os meus teares para São José do Barreiro para uma aventura de 15 dias. Nós fomos a primeira turma da residência, então no espaço não tinha celular, era um telefone que tinha não sei o quê, para ligar era um babado, a comida era quase toda feita lá, isso era maravilhoso e tinha um céu estreladíssimo. E eu

cheguei para os curadores Rosalen e Rafael Marchetti. Olha, não é comum um tecelão tá pleiteando numa residência artística, mas eu to aqui, quero aprender, quero vivenciar isso, quero descobrir como é isso, foi muito linda essa experiência. E tive a oportunidade de trabalhar pela primeira vez com crianças especiais do grupo de *Queluz* do CRAS, eles foram para a fazenda um dia, passaram um dia comigo lá, depois eu fui para a sede deles em Queluz que era numa antiga estação de trem, foi muito especial essa vivência. O meu quarto era do lado da cozinha, fogão a lenha. Era mais quentinho porque assim, era maio, fazenda, frio. Você sabe que fui esperto em ficar no quarto ao lado da cozinha. E num dos momentos, um dos artistas, o Marcelo Armani estava na cozinha e me viu tecendo com vhs. Marcelo Armani é um artista sonoro e ele colocou uns microfones ali no tear e escutou a onomatopeia do vhs e ele “ah, escuta isso” e foi a primeira vez que ouvi isso amplificado e ficamos maravilhados com aquilo.

No dia seguinte eu ia tecer na praça São José do Barreiro, então nós chegamos cedinho, ele espalhou os microfones e umas caixas de som pela praça e conectou no tear. As pessoas iam chegando na praça e tinha aquele barulho de algo acontecendo, as pessoas não associavam que era tecido. Mas depois quando me viam as pessoas passavam o dedo nos tecidos.

Também nessa residência eu construí um tecido, sei lá, com corda de violão, nylon, arame de bijuteria, palha, vhs, algodão, todos os fios que eu levei, porque assim, se for pra residência artística eu vou experimentar, tudo que eu podia levar de matéria prima de tear, eu levei. E o Rafael Marchetti que era um dos curadores, ele comentou os tecidos no programa. Então no último dia do programa fizemos uma exposição a céu aberto, as crianças passavam o dedo no tecido que tocava, emitia notas, foi muito interessante.

Graças a esta residência artística depois eu voltei a repetir essa performance com o Marcelo Armani que ele batizou de *tear noise*, e nós fizemos o *tear noise* no espaço das artes dentro da USP, na exposição da residência. E depois a residência artística voltou a fazer uma exposição chamada, *campos alterados cubo branco cubo verde* dentro do MAC-USP, e de repente eu pude levar meu tear de pente liço para o museu de arte contemporânea numa exposição que ficou de 2015 a 2016. Eu fiz essa performance com o Marcelo na abertura da exposição e no final da exposição, foi muito significativo. Lá no MAC-USP, eu apresentei uma trama que tem 12 metros feita de vhs, bordado de superfície e tecido. Minha prova da

residência, né. Os tecidos sonoros, das experiências, caminho do ouro, que eu tinha feito um estudo da região que estava indo. Porque não dá pra ir pra uma região sem ter estudado, então lá fui eu estudar o que era o Vale do Paraíba o que era aquela região divisa de São Paulo com Rio de Janeiro. De uma maneira intuitiva eu fui desenvolvendo estes meus métodos e mecanismos de criar o mínimo de terra, de base para que eu possa caminhar, para não deixar que a minha timidez não me faça voltar pra casa, para me dar mais segurança.

Veio o edital Bolsa São Paulo e eu vi uma nota de jornal da Maria Helena publicada naquelas colunas sociais, e acho que era na coluna da Sonia Racy. Era o edital Bolsa São Paulo e ela dizia que podia mandar para o e-mail dela uma foto de uma obra e eu fui selecionado por este edital Bolsa São Paulo. Lá fui eu apresentar meu tecido, na *Transart* que é uma galeria que tem a Maria Bonomi como curadora, é uma grande gravurista brasileira.

Na residência artística o mais importante é que eu entendi, que o que era um hobby foi se transformando em uma profissão, e depois dessa categoria artesanal eu adentrei nesse universo artístico e fiz este passeio pelo design. Há uns 3 anos atrás, uma amiga minha disse, “Alexandre, as pessoas não sabem quem você é”. Ai eu digo “Como assim, Ludmila?” e ela disse, “É que as pessoas não sabem se você faz moda, se você faz design, se você faz artes...” e eu disse “Ah tá!”. Mas aí me veio a reflexão de que se o tecido está em todo lugar, eu quero estar em todo lugar, que minhas tramas estejam em todo lugar. Então que meu tecido manual possa ser destinado a moda, a arte, ao design, a parede, ao chão, ao seu pescoço. Onde você tem toda a liberdade de dar um destino, é uma trama que pode ter função ou não, mas isso já são reflexões atuais.

Esqueci de falar que ainda em 2011/2012, estava aqui em casa, adoro contar esta história. Eu escutei: “Vamos tecer na rua!” “Vamos tear!” “Vamos tecer na rua!”. Eu digo, “Como é isso?”. “É simples, você me leva pra rua e você me usa e se deleita comigo na rua.” Eu digo, “Ah, tá. Parece que é fácil, né?” E eu fui. Eu moro bem próximo do minhocão. Mas até chegar lá, eu tinha que pensar num tapete que funcionasse como palquinho, um banco, o tear de pente liço, os fios, o que eu ia levar e tudo isso exige uma logística. Por que é leve, mas não é leve, né? Como é que você sai de casa. Eu me coloquei muito naquela sensação de quem tem uma barraca de venda na rua, sabe assim uma pessoa que é ambulante, que é feirante que tá ali na labuta do seu dia a dia. Do meu processo dos cachecóis, eu precisei

colocar em caixas de sapatos e sair pra vender na rua porque ninguém sabia que eu estava tecendo e de alguma maneira eu tinha que apresentar. A minha sorte é que eu morei ali na quarta travessa da São Caetano, que é a rua das noivas, e eu conheci muita gente naquela rua, porque de tanto passar sobe e desce, pra cima e pra baixo, você vai falando com as pessoas. Eu pelo menos tenho o hábito de dar bom dia, de dar boa tarde, cumprimentar, se eu vejo uma pessoa três vezes naquele mesmo lugar, eu não vou fingir que ela não existe, eu falo, eu cumprimento. Há pessoas que gostam dessa atitude, há pessoas que estranham esse jeito nordestino de ser, não sei nem se é um jeito nordestino, pelo menos foi a educação do meu pai e da minha mãe, eu sempre fiz isso no Juazeiro em sair de casa e cumprimentar as pessoas.

Então, lá fui eu pra rua, estou tecendo no minhocão, as pessoas começam a passar e a perguntar o que é isso, e eu precisava responder as pessoas. Na primeira vez eu conto de um jeito, na segunda vez eu conto desse jeito, mas acrescentando outra informação e na terceira vez eu conto como das duas vezes anteriores, mas acrescento mais informação. Você vai construindo o seu repertório, sua língua, seu discurso, seu texto, sua história. Eu comparo com uma produção de um espetáculo de teatro, de dança que usa uma linguagem, que usa um roteiro. Se hoje quando eu volto na rua, a pessoa vai precisar ficar comigo no mínimo dois dias comigo porque tenho muita história pra contar. Mas assim, eu vou selecionando histórias, vou explicando o que é o tecido manual, que era assim, que era assado, que tece desse jeito, que tece daquele. Muito legal isso, então eu passei a tecer na rua.

Em 2014, eu vi o edital da mostra Sesc Cariri de culturas abertas que é na minha região. Então em 2014 eu fiz a minha primeira exposição individual na minha região no Cariri, que não foi na minha cidade Juazeiro, mas foi no Crato, que é há 10km. Eu não faço distinção entre Crato, Juazeiro e Barbalho, por que pra mim é tudo a mesma coisa. Então lá fui ocupar uma estação de trem antiga, a galeria RFFSA, e foi incrível por que foram seis dias de exposição dentro dessa mostra nessa estação de trem. Na abertura, com toda a minha família, minha mãe, meu pai, meus irmãos, meus amigos, muita gente que eu não conhecia, mais de mil pessoas visitaram essa exposição e eu ficava lá o tempo todo, abria as 10 horas e fechava 20h. Era muito gostoso este processo de estar lá dentro explicando e também muito

gostoso, permitir de que as pessoas toquem naqueles objetos, nas tessituras e nas tramas artísticas, porque têxtil tem essa coisa do toque no convite.

Volto pra São Paulo, em 2015, *cubo branco cubo verde*. Em 2016, eu voltei a estudar, fui fazer minha licenciatura em artes visuais. Eu senti necessidade de levar a tecelagem pra academia, de criar este processo múltiplo com outras linguagens, com argila, com cerâmica, com a gravura, com a contemporânea, com tridimensional, com a pintura. Foi um desafio porque, cada disciplina, cada professor, eu estava sempre tentando um jeito de entrelaçar o que eu faço com o que eles estavam me ensinando. Nesse mesmo período, o Gustavo Silvestre que tem o projeto, o *Ponto Firme*, um projeto lindo que ele trabalhou com presidiários que resultou num desfile na *São Paulo Fashion Week*.

O Gustavo Silvestre me liga e me diz assim “olha, vou te indicar para um projeto, mas não vou te dizer para o que é, mas se der certo vai ser ótimo” e ele me pediu portfólio. Então, eu recebi uma ligação da Melissa, a fábrica de sandálias. “Olha, você foi selecionado para participar de um projeto, são 9 selecionados e você é um deles e vai ter curadoria da Érika Palomino.” E ela é jornalista, produtora de moda, etc e tal, fera no que faz. Ela marcou minha década de 90, quando eu li o livro babado forte e é aquela escritora do livro que marcou minha vida e vou conhecer ela. E daí na primeira reunião, eu conheci Linn da Quebrada, que hoje é uma referência, uma cantora.

E daí eu estava participando daquele projeto da Melissa que não me pediu nada demais. O projeto seria dividido em duas etapas e os primeiros 6 meses a gente tinha a missão de estar escrevendo sobre o nosso processo numa plataforma que nem tá mais no ar. A gente tinha essa assessoria de jornalista então, toda semana eu escrevia um texto e publicava alguma coisa. Simultaneamente fazendo faculdade. Juntei um desejo que vinha desde 2011, que eu participei de uma oficina com o mestre Henrique e ele me falou que na década de 80 tinha o Lô Borges, um artista ;”macrameiro”, fez no centro cultural vergueiro, uma grande performance das pessoas fazendo esse macramê juntas. Eu fiquei com essa ideia de como seria tecer com um monte de gente, já que eu estava tecendo na rua e aí coloquei minha cabeça pra funcionar e gente, um tecido humano, um tecido coletivo para as pessoas se transformarem num tear e eu tinha meus amigos de faculdade e eu tinha o projeto com a Melissa que eu podia conseguir água e lanche, juntei essas duas coisas, convidei meus amigos e lá fomos nós. No dia 12 de outubro de 2016



fiz, pela primeira vez, a ação *tecido humano*, onde eu tinha ali 60 pessoas fazendo um grande tecido, além das pessoas que estavam passando no Minhocão, Festa! Super divertido, super emocionante. Tem um videozinho que uma amiga, aluna, amiga de faculdade fez, a Leticia Verissimo, chama tecido coletivo, só colocar no youtube. E aí chegou a hora da segunda parte do projeto, que a gente tinha que apresentar um projeto pra Melissa, e esse projeto iria entrar em votação e eu com 44/45 anos não tenho milhares de seguidores como Linn da quebrada tem, Liniker, tinha a Daniela Tenório, uma galera jovem, cheia de seguidores e as votações deles bombando, o máximo que eu fiz foi divertir minha família ligando pro Juazeiro, pedindo pro povo do Juazeiro votar em mim, e aí ligaram na rádio pedindo votação. Mas no meio do caminho eu não sei o que aconteceu no projeto que mudaram a maneira de selecionar os três projetos vencedores. Decidiram que seria um projeto pelo voto do público, um projeto seria pelos curadores Paula Garcia, Erika Palomino e os diretores da Melissa e o outro projeto seria entre nós. A gente votaria em cada um, o que eu achei super justo.

Quando eu escrevi o projeto trama São Paulo, que ainda não tinha essa nova maneira de votação, eu escrevi tipo não vou ser eleito, vou fazer um projeto lindo, tá ótimo, já adorei essa primeira etapa. Mas meu projeto saiu vencedor. E a gente tinha de dezembro a março para realizar isso. Eu tinha 2 meses pra realizar isso que era, ir para 33 lugares em São Paulo com o meu tear de ônibus, trem e metrô, e eu passava o dia tecendo lá e cada tecido que eu tecia lá ia se transformar numa tessitura, que de uma maneira subjetiva, imagética, estaria falando daquele lugar. E tempo pra fazer isso? Por que primeiro eu precisei fazer um estudo pelo google, por que eu nunca tinha ido ao Capão Redondo e onde que eu vou tecer dentro do Capão Redondo? Eu nunca tinha ido a São Mateus, onde eu vou tecer em São Mateus? Jardim Romano, Perus, Parelheiros, etc e tal. Eu passei três dias voando sobre São Paulo pelo Google Maps, selecionando onde seria interessante tecer, fiz esse mapa, essa cartografia, é um projeto super sério. Eu tinha que ter as informações muito seguras do que eu estava fazendo, eu tinha que ter um cronograma de atividades. A Melissa me deu um fotógrafo para acompanhar o processo e foi lindo. Ou ele já ia comigo direto ou chegava sem eu saber, porque era muito natural, eu não posei pra foto. Eu chegava às oito horas da manhã, montava o tear. Eu começava a tecer e as pessoas começavam a chegar, chuva, frio, calor, metrô lotado, ônibus lotado, onde é que come, como é que não come,

você pega uma maçã lá no Capão e as crianças olham pra sua maçã como se fosse uma barra de chocolate e você já dá a maçã pra elas, você é bem aceito, não é bem aceito, você começa, nomes que só eram nomes no metrô começam a ter história. Eu chego no Jardim Romano onde passa o Rio Tietê, e as mulheres “eu tinha ido morar com as minhas amigas, mas a enchente levou tudo e a água ficou aqui”, você já pede pra pessoa sentar e a pessoa começa a contar história e eu já começo a contar a história da tecelagem e a mãe já deixa o seu filho debaixo do tear e vai para não sei aonde no Largo da Concórdia. Fui tecer na FAU, ali naquele prédio lindo da arquitetura e depois de 1 hora sou expulso de lá por que não podia estar tecendo lá dentro. Vou tecer no Parque Augusta, no meio daquelas manifestações para que o parque não fosse vendido. Vou tecer ali no Grajaú, onde você pega uma balsa pra ilha do Bororé, que atravessa, daí to tecendo em cima da balsa conversando com pescadores. Vou tecer no Perus e você chega e tem um monte de bêbados às 8 horas da manhã, e cada bêbado faz questão de perguntar “o que você tá fazendo?” e você explica o que é o tecer. Então, você começa a perceber, começa a olhar quem tá carregando um monte de coisa também, quem tá no metrô carregando carrinho, essas pessoas se tornam invisíveis você nem olha pra elas, o espaçamento do trem, do metrô, se dá pra sair, esforço, estações que tem elevador ou não tem elevador. É a vida, a experiência, é o sentir.

E depois que eu terminei esses 33 lugares, a exposição estava marcada pra ser na galeria Melissa mas a Melissa, vendo a potência do projeto, nos levou pra SP Arte 2017. Cada artista, eu, Linn da quebrada e a Tasha, os vencedores, tinha o seu cubo branco. Nesse meu cubo branco estava apresentando os tecidos, é linda essa instalação, com um livro de artista com esse processo com texto meu, da Erika Palomino e da Verena Smith. E tinha um vídeo. A Paula Garcia e a Erika Palomino, que fez a curadoria da apresentação, na SP Arte. a Paula Garcia que trabalha com a Marina Abramovich, e elas tem a performance de resistência. Paula me propôs tecer 42 horas em silêncio, não eram 42 horas em silêncio seguidas por que a SP Arte fecha, mas seria tipo no primeiro dia, quarta feira só para convidados, começa às 11 da manhã até 11 da noite seguido, e na performance de resistência, bebe a mínima água. Ela deu a opção de ir ao banheiro ou não, e o que implica isso é que é assim, quando você interrompe uma coisa pra fazer outra você para o processo, você quebra a energia e eu optei por ter uma castanha escondida, uma água escondida e não ir ao banheiro. E me preparar para ficar essas 42 horas tecendo

em silêncio, eu botei o cabelo aqui como se fosse as franjas da Oxum ... e eu não via as pessoas, só via os pés. Foi lindo, que minha mestre têxtil chegou assim “Ale, tá incrível” e nessa hora lágrimas caíam e então minha professora da faculdade chegou e ela não sabia que era em silêncio e falou “Ale, fale comigo, sou eu sua professora Luisa, fale comigo”. Muita gente me buzinou muita coisa, muita gente me comunicou que estava incrível. Se o processo na rua foi um processo super intenso de doação, na SP Arte foi um processo de entrar dentro, de mergulhar pra dentro. Foi muito gostoso isso e paralelamente, desde 2013, quando eu passo a dar aula, o processo da docência me acompanha, 2014 eu vou dar aula com o Renato Imbroisi no Sesc Consolação e depois começo a dar aula no Sesc Pompeia, só parei agora por conta da pandemia.

### *Pausa para a água*

Onde estávamos? Estávamos na SP-Arte e foi emocionante fazer este trabalho na SP-Arte, o feedback pra empresa Melissa foi lindo porque uma revista especializada de arte colocou entre as 10 coisas que deveria ser vista na SP-Arte e na edição seguinte da SP-Arte eu sei que o trabalho que eu desenvolvi gerou uma nova maneira que se apresentou performance lá.

E eu estava falando sobre a docência a partir do momento que eu dou aula no parque do Ibirapuera e dou aula com o Renato Imbroisi, sou assistente dele no Sesc Consolação, fui assistente do Gustavo Augusto Serba Rocha, Casulo Feliz, que é uma empresa linda que faz palha de seda, assistente do Henrique, os SESCs começaram a me chamar pra fazer trabalhos. E que delícia, muito obrigado pelos SESCs, Sesc Santo André, Osasco, Pinheiros, Pompéia, Consolação, Piracicaba, Campinas. Olha isso, como é que aquele tear que estava me curando (...). Tem uma coisa que eu não falei pra vocês, comecei a tecer por que eu estava perdido na vida, estava num processo de fundo do poço, mas é outra história podemos depois falar sobre isso.

E esse tear que eu não tinha nenhuma expectativa em relação a ele, estava me fazendo viver experiências demais. E minha trama tem uma linguagem de processos múltiplos, porque assim como o tear queria que eu fosse tecer na rua, o tear queria que eu ultrapassasse, a sua estrutura cartesiana. O tear tem seu limite da largura, você pode fazer o comprimento que quiser dependendo do tear.

Eu comecei a expandir o tipo de material. Na minha cabeça é assim, tudo que eu posso colocar no urdidume e na trama, eu vou tecer. Então papel, madeira, aviamentos, vhs, plástico, arame, tecido, tudo. E essa brincadeira de testar fez com que a minha trama ganhasse mais relevo, textura, corpo, gordura, estrutura, forma, e é isso que eu ensino nas minhas oficinas, este movimento. Da primeira vez que fui chamada para o Sesc Pompeia, eu cheguei lá muito na dúvida porque lá já tinha a Tiyoko Tomikawa. Bom, Tiyoko tá aqui no Sesc, ela já dá aula então não é pra dar aula de tecelagem. Mas queremos que você dê as coisas que você posta no Facebook. Mostraram as fotos e eu expliquei o que era. E quem batizou de *Tramas Experimentais* foi a Beatriz Giosa, que na época era a gerente das oficinas. E desde 2015, eu tenho como carro chefe este caminho da tecelagem manual das *Tramas Experimentais*. E as *Tramas Experimentais* acontecem quando eu teço na parede, no papelão, no arame, quando teço na arara, na árvore, no corpo, tramas experimentais. E essas tramas criaram a renda cariri, que é uma maneira de fazer renda. Por que eu aprendi o tear de papelão com a mestre têxtil, com a Lala Martinez Corrêa e que é irmã do grande diretor de teatro José Celso. Lala usa o tear de papelão pra tecer de maneira mais tradicional, eu voltei a usar o tear, aprendi com ela. Deixei o papelão de molho e então pensei, posso fazer uma renda com o papelão que era um trabalho com bordado e superfície que eu já vinha fazendo no tecido que expliquei lá no parque do Ibirapuera. E paralelamente no meu TCC eu vou contar pra mim mesmo, quer dizer, não posso dizer dessa maneira, mas é. Um dos objetivos principais de eu ir fazer a faculdade, era contar a história da tecelagem para mim, estudar dos tempos imemoriais até hoje, a tecelagem manual e o artista docente. Tem esse mote, que eu entrelaço isso. E eu super feliz, da Katherine ter me convidado para falar dos meus trabalhos, das minhas obras. Eu tenho muita informação pra passar, então assim, tem a experiência da exposição entrelaçados, que tem a experiência da exposição *Entre-laçados*, que eu utilizei para fazer o estágio da faculdade...

*(Pausa para café)*

E as 200 horas de estágio. Estava expondo no museu *A Casa* com Renato Dib, Marta Meier, Marina Godoy. A Joyce Pascowitch vem, faz um super elogio a exposição e eu fico dentro da exposição todos os dias, muitas horas naquele lugar

lindo, recebendo escola, recebendo as pessoas. Volto a fazer o que tinha feito no Crato, que é uma experiência linda, do museu vivo, do artista próximo do público, faço o tecido humano na porta do museu que as pessoas adoram. Antes da pandemia fui para Teresópolis, coordenando uma residência artística, com 20 pessoas lá de Teresópolis, artistas, professores, designers, pessoas apaixonadas pela tecelagem. Está montada agora uma exposição minha no Sesc que foi interrompida por causa da pandemia. E é muito especial tudo que a tecelagem proporciona. Fiz um tecido com 10 mil metros de fitinha do padre Cícero, para a apresentadora Ana Maria Braga e o João Pimenta fez a roupa, passei o dia com a Ana Maria Braga num estúdio fotográfico e isso foi muito especial. E eu acho que ainda não falei de uma maneira mais focada no teu objeto de pesquisa que é obra e como você vai entrelaçar isso com o ensino aprendido dos alunos.

Duas dicas, acabei de gravar uma Live que vai participar do segundo congresso de arte visuais. E olha o título “tecelagem manual como modo de existir”. O que é dar aula?

Foi muito legal voltar a fazer faculdade depois de adulto, então se eu já tinha feito uma faculdade que eu abandonei, quando eu tinha 21/22 anos que era faculdade de administração, quando eu chego naquela primeira aula matemática, segunda aula economia, terceira aula estatística....ai, chato! Não era pra mim, essa coisa de você fazer algo que não gosta realmente é sério.

## **Entrevista Part II**

Sim, vamos começar pela última colocação. A partir do momento que a gente se compromete estar inteiro em um trabalho, eu acredito que isso em qualquer profissão. Você está não só a pessoa física, mas a profissional, envolve todas as suas esferas. Vamos colocar da seguinte maneira, nossa formação enquanto pessoa, ela é em nosso primeiro núcleo, a nossa família, depois ela é a escola e nesse meio tempo tem o entorno, bairro, por onde nosso corpo transita. É muito curioso uma observação que eu faço.

Quando a gente tem vinte anos as conversas com nossos amigos de vinte anos são sobre qualquer coisa, porque ainda não temos um repertório formado, então assim, vai ser sobre música, vai ser sobre cinema, sobre aquela amizade, sobre o que aconteceu no dia anterior. Quando a gente tem quarenta anos, a gente

já tem um repertório, então, com os nossos amigos, a gente pode estar falando sobre muitas coisas que aconteceram em nosso passado e é esse repertório, quanto mais estiver presente, quanto mais a gente trama o nosso passado, com o nosso presente, vamos estar construindo um futuro mais significativo, porque nós estamos atentos a isso.

Mas especificamente sobre o meu trabalho, eu costumo dizer que a minha tecelagem, ela é minhas memórias do Cariri, minhas memórias de fortaleza, da capital do Ceará, onde eu morei dez anos. Então se eu for colocar cronologicamente, até meus dezenove anos é no Cariri, dos vinte aos trinta em Fortaleza, eu volto e passo novamente pelo Cariri e pra São Paulo venho aos trinta e dois, mais ou menos isso. Então, cada cidade dessa, é tão significativo porque são décadas.

Pra que você compreenda o que eu estou falando, quando eu saí do Juazeiro, a dezessete anos atrás, quem tinha dez anos eu não conhecia, hoje essas pessoas estão com vinte e sete, a uma passagem de tempo imperceptível todo ano, desse tempo de dez anos, quem é criança cresce, amadurece e assim, é muito interessante eu querer estar entrelaçado com essas pessoas. Quem são os adolescentes, os meninos, os jovens de vinte anos de Juazeiro? Então, precisamos ter esse cuidado de estar entrelaçando não só a nossa pessoa, mas como a gente se relaciona com o meio.

Na minha obra, assim, além dessa memória, tem esse meu dia-a-dia aqui no centro de São Paulo e suas problemáticas, por exemplo, eu posso ir no mercado nesse tempo de pandemia e ser impactado com moradores de rua, que estão ali em baixo no minhocão e esse olhar triste pra essa situação pode influenciar, posso ficar muito mais preso a esse sentimento de como eu possa ajudar o mundo e eu tecer um tecido que é mais melancólico ou mais dolorido, um exemplo disso. Deixa-me ver como você coloca aqui, pra eu seguir.

*Tarcila: Alexandre, só pra falar, que assim, maravilhosa a sua fala, fez muito sentido, fiquei muito feliz, achei.*

Alexandre: Ai que bacana.

*Katherine: Foi incrível.*

Alexandre: Ai quando você coloca sentimentos que reverberam. O médico tem que ter sentimentos, o artista tem que ter sentimentos, quem está comprando no supermercado tem que ter sentimentos, aquela pessoa que está trabalhando doze horas. Acho que o meu têxtil tecido, fala muito sobre isso, de como, às vezes eu fico me perguntando porque é que eu teço? Então assim, eu posso ter várias respostas pra isso, eu teço para encantar o outro, eu teço para entreter o outro, eu teço porque é um modo de cura ou um modo de vida, eu teço para criar uma nova realidade. É trazendo a tecelagem manual como uma linguagem artística e dentro desse processo artístico e da arte tentando me entender como pessoa, dentro dessas reflexões que a gente faz aqui, de uma maneira acadêmica, que é muito legal. Espero ter respondido.

*(risadas)*

*Katherine: Respondeu sim, super bem e ainda trouxe outras reflexões.*

Alexandre: Eu vou fazer uma correção. Ou eu posso ter em algum momento me enganado, você coloca “Trilha do ouro”, eu chamo de “Caminho do Ouro”. Pode ser que eu tenha escrito em algum lugar “Trilha do Ouro”, no sentimento que o “Caminho do ouro”, acabou se transformando em três trabalhos específicos. Então tem o caminho do outro que é resultado da fazenda, da residência artística, tem o caminho do ouro dois que eu apresentei em Paraty e a trilogia encerra com. Tem um outro agora que me foge a memória, mas depois eu me lembro. Ai você coloca assim:

*Katherine: E Alexandre, eu vi com os dois nomes e era até uma coisa que eu ia te perguntar, quando você postou estava “Caminho do ouro” e em uma reportagem que eu li estava com o outro nome e eu acabei ficando nessa dúvida. Mas talvez tenha sido a reportagem.*

Alexandre: Porque assim, o *Caminho do Ouro*, a residência e Paraty, é muito engraçado eu ter feito duas exposições que esse caminho se perpassava, então lá na fazenda, vale do Paraíba, foi o primeiro trabalho de *Rural Scapes*, que eu teçi e

eu tinha levado, eu até comento na live que eu fiz, na última quinta-feira, então eu levei várias matérias primas, havia arame de bijuteria, fio de cobre, fio de ouro, mas não ouro legítimo, enfim, eu estava tecendo esse tecido com esse tom desse metal e a casa tinha umas madeiras de demolição, ela tinha passado por uma reforma. E esse trabalho em si, nessas madeiras, é muito legal e ficou em exposição no último dia, na exposição da residência e depois ela ficou dezembro de 2015, não janeiro, fevereiro e março de 2016 no MAC USP. Então foi muito legal. E o outro caminho do ouro, é uma obra que eu fiz pra TENET, quarta edição da TENET, que foi em 2016, que foi em Paraty, que aquela cidade é deslumbrante. Me deu um branco a onde começa o primeiro caminho do outro, onde começa essa trilogia, mas depois que respondo essa pergunta. Combinado?

*Katherine: Combinado.*

Alexandre: Ai sobre essa questão do Juazeiro do Norte, é muito legal que assim eu me sinto privilegiado, quando eu fiz faculdade, muitos poucos alunos, ou também quando eu fiz o curso técnico, muitos poucos alunos tinham nascido fora de São Paulo, era pessoas de São Paulo e a maioria, algumas pessoas já tinham viajado pelo Brasil, tinha noção de outras realidades, mas muita gente só tinha viajado por aqui, no estado de São Paulo. Então eu tenho a sorte de ter duas visões de dois Brasis, Juazeiro do Norte, Fortaleza e aqui, morando nesses dois lugares. E é muito importante, o Brasil é imenso. Sabe assim, eu ainda não conheço Belém do Pará, eu sei que vou amar porque é outra realidade, é, eu estou impregnado do Juazeiro, estou impregnado do Cariri e quando eu falo impregnado, é pela cultura que está viva naquela região, muito por conta do Padre Cícero, que eu comentei no nosso último encontro. Mas eu acredito que essa riqueza está em todo o Brasil, depende de como você olha para isso. Então quando eu falo que sou privilegiado, é porque eu tenho duas comparações, eu posso sempre estar com aquele meu olhar estrangeiro, tanto olhar estrangeiro para São Paulo como estrangeiro para Juazeiro e posso voltar e estar presente nos dois lugares, que é muito importante. Porque a gente pode pagar um preço, quando a gente não olha de fora onde a gente mora, por exemplo, o Padre Cícero, presente lá em Juazeiro conversando com um amigo meu, diz assim: “Ai Alexandre, eu não aguento mais ver o Padre Cícero, estátua do Padre Cícero, souvenir do Padre Cícero, todo mercado religioso”. Quando vou para



São Paulo, eu vejo Padre Cícero em todo lugar, eu vejo Padre Cícero no museu Afro, eu vejo Padre Cícero no museu A Casa, eu vejo o Padre Cícero em lojas finas de Artesanato, eu vejo design como Marcelo Rosenbaum indo a nossa região, eu vejo pesquisadores e estudiosos que todos os dias desembarcam lá em Juazeiro e as pessoas nem se dão conta do tanto de gente interessante que passa por aquele lugar e aí eu passo a olhar o Juazeiro com um outro olho ou eu já tinha essa sensibilidade de estar sempre ligado aos artistas da minha região por conta da minha irmã que me apresentava a eles.

Ou seja, nessa conversa com meu amigo, é exatamente como é que eu posso olhar para o Padre Cícero e olhar com outros olhos, olhar com um olhar contemporâneo. Como é que eu posso renovar meu olhar para isso que me entedia, onde é que está esse tédio, está em mim? Está nas minhas ações? Está no que eu faço? Como é isso?

Ai você pergunta: Você também atua na docência, não é? Eu acho que a dez anos eu fui fazer um curso com um casal de índios, no ateliê das meninas do grupo “meio fio”, e nós perguntamos pra eles como as crianças aprendiam tecelagem, e ela nos respondeu que a criança ficava aqui, nas costas, olhando e na idade certa já tecia. Então é o aprendizado visual, que é muito interessante isso.

Eu fiquei sabendo que décadas de sessenta e setenta, quando eu estava tecendo na rua, por exemplo, estava tecendo no mercado da lapa, tinha um senhor que chegou pra mim e disse “olha, eu aprendi isso quando eu era criança, no meu colégio aqui na lapa”. Mas assim, então, havia o ensino da tecelagem manual, em alguns colégios de São Paulo, isso foi perdido. A tecelagem manual, ela agrega, se eu posso dizer dessa forma.

Podemos imaginar que em tempos imemoriais, esse processo do ensino da tecelagem de tradição oral, era muito forte entre as pessoas, no tempo das guildas, os mestres tecelões, ele recebia o aluno com nove, dez, onze anos e ele saía com dezoito, dezenove, e passava por esse processo, não só nas guildas de tecelagem, mas nas outras guildas, cerâmica e etc. Essa coisa do segredo de ofício, nasce nessa época, porque uma guilda não queria ensinar como é a tecelagem a outra, então muitos pontos podem ser sidos perdidos.

A tecelagem ensinada nos mosteiros, na época das trevas, seguia os rigores dos mosteiros. A tecelagem manual, eu li uma tese muito interessante, um artigo, da Maria Isabel alguma coisa, depois posso mandar para você, ela pesquisa os

tecelões do século XVII e XVIII a partir da ficha da polícia deles, do fichário de alguns tecelões que foram presos e aí você percebe que assim, o tecelão não estava ali para aprender a tecer, o tecelão não estava ali para abrir sua porta do tear e estar tecendo livremente, o tecelão passava por um processo criterioso, como receber o alvará, a pessoa quer abrir uma loja, receber o alvará.

Então assim, de várias maneiras a tecelagem foi sendo ensinada e quando a gente pensa aqui no Brasil, os jesuítas trouxeram a tecelagem, eles ensinavam a tecelagem, os negros trouxeram a tecelagem, os índios já praticavam a tecelagem, tem essa mistura, mas assim, na nossa história, quando a gente estuda não se tem ainda uma história mais detalhada sobre isso, o que é que a gente tem? A gente tem a história sendo contada, a história da tecelagem manual em Brasília, a história da tecelagem manual em Carmo de Rio Claro. São teses de doutorado, tem a tecelagem e tapeçaria Gaúcha de Porto Alegre. A tecelagem tem aí essa cara de ser confundida como uma prática feminina e uma prática doméstica, confundida como arte menor. De qualquer maneira, eu caso já com essa história.

Eu começo a ensinar tecelagem manual, não de uma maneira tradicional, eu começo a ensinar a tecelagem manual a partir de um olhar da tecelagem contemporânea e das tramas experimentais lá na oficina no Parque Ibirapuera como eu contei para vocês, mas eu percebo que assim, quando eu chego para dar essa oficina eu já tinha passado pela Tiyoko Tomikawa, Silva Ribeiro e Bete Landmann, então com as três eu pude conhecer a tecelagem tradicional, os pontos tradicionais, que é aquela segurança de que assim, você só pode desconstruir a partir do momento que você tem a experiência dessa construção.

Então, é necessário que você tenha conhecimento das técnicas tradicionais, do ofício que você pratica, mas também eu percebo que muitas pessoas já chegam até mim e elas não vivenciam a tecelagem manual tradicional, elas vivenciam a tecelagem com a trama experimental e é sempre necessário que quando você quer se aprofundar, estude tudo.

Eu começo a dar essas oficinas, eu fui ser assistente do Renato Imbroisi, que lançou o desafio. Ele ia dar dez aulas, mas as primeiras duas aulas ele não estaria presente, então quem se inscreveu para ir fazer a oficina do Renato Imbroisi, queria já na primeira aula, encontrar o Renato Imbroisi e chega e se depara comigo e com a Tereza Garces. Então, de 2013 para essa oficina com o Renato Imbroisi em 2014, eu fui ganhando a segurança dos meus experimentos, que é tecer no suporte da

tela, tecer no arame, tecer na parede, tecer nos chassis, tecer com o papelão e tudo foi acontecendo, muito orgânico. Eu teci tanto nos primeiros anos, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, que cada trama ia me puxando, e agora se eu dobrar aqui nessa esquina, se eu subir nessa árvore, se eu descer nesse metrô eu vou parar numa estação que eu nunca vi. Então, novos nós, novas tramas, tudo isso foi sendo incorporado e a chegada da oficina e ter dado certo com Renato Imbroisi e depois ele também ter me recomendado para o SESC Pompéia e pedir para eu dar aula de tramas experimentais, e aí eu pedi também para o SESC Pompéia.

Bom eu também gosto da tecelagem, então o SESC pompeia também me disponibiliza cinco teares, seis teares ou as vezes mais, quando as alunas da Tyoko iam acabando os trabalhos, então era muito interessante levar a oficina tramas experimentais e tecelagem manual, que eu comecei a dar aula no SESC Pompeia em outubro de 2016, porque a cada nova turma. Era um barato ser professor, eu acho que você aprende mais do que você ensina, claro que você ensina e você trabalha, mas é porque eu descobri que a partir dos alunos e os caminhos que elas tomam nas tramas são caminhos tão interessantes que não daria tempo de eu também percorrer aqueles caminhos e já estou vendo ali nelas, ou caminhos que eu nunca tinha imaginado percorrer e elas me acenam. É como essa gostosura de ver um filme, de ler um livro, que você vai vivendo outras vidas na sua própria.

Semana passada eu recebi uma coisa, uma frase linda Mariana Guimarães que tem um site. Ela tem uma pesquisa linda do fio e ela disse “tecer, é tecer o outro”, adorei isso. E a cada nova oficina, a cada novo encontro, então assim, vou para a residência artística e dou aula para as crianças com necessidades especiais, vivo uma residência artística e de repente estou dando uma oficina dentro do MAC USP, Museu de Arte Contemporânea, fui tecer lá no Jockey Club, faço minha primeira exposição individual e eu faço o lab, o laboratório aberto, eu tecendo o tempo todo e as pessoa chegando lá, invento o tecido humano para colocar as pessoas para tecerem com as próprias mãos, que se torna também uma didática dentro das minhas oficinas.

Eu tive uma professora, que eu não vou citar o nome, que eu sentia ela parada no tempo, da mesma forma que ela começou a dar aula a trinta anos atrás, ela estava querendo dar aula hoje, então não sei se isso é possível se vai agradar todo mundo, me parece que o docente o professor, tem que estar o tempo todo

pesquisando e o tempo todo se renovando, é um super desafio, mas também pode ser estimulante.

E entra outra questão, como é essa relação artista professor, artista docente e quando é que o professor tem prática, tem hora livre de estar praticando. Então como eu não sou um professor de escola pública ou particular, eu não tenho que estar cumprindo uma regra de manhã, tarde e noite, para sobreviver e as minhas oficinas do SESC, eu já passei semanas trabalhando terça no SESC Ipiranga, quarta no Pompeia, quinta no Osasco, andando de trem e metrô. Tem esse outro lado que as pessoas não sabem, que eu desço do metrô numa estação que não tem elevador e você desce lances de escadas. Fico imaginando como é que uma pessoa cadeirante vai ali naquela estação, não vai. E eu ando dois quilômetros no sol, porque nem sempre dá para estar pegando o Uber, etc e tal. Mas também é muito gostoso a fortaleza de estar cumprindo com essa agenda e o contato com essas pessoas. E mesmo sendo três dias, não é só três dias, porque tem a preparação, você tem o antes, tem o depois. Como é que você encaixa tempo de malhar, de se alongar, de comer bem, de ler um livro, de pegar sol. Que é pra responder um pouco sobre sua pergunta sobre o sentido da vida.

A trama mais legal é que como é que eu concilio isso. Morando no centro de São Paulo, buscando ter qualidade de vida, ou estar o mais próximo disso e a partir da tecelagem manual que, é meio surreal isso, mas é muito gostoso também, um presente da vida. Consegui responder?

*Katherine: Achei super legal a questão que você falou dos alunos. Eu sou professora nova, né gente, faz um ano que eu estou dando aula. Mas eu tenho percebido que dando aula de Trabalhos Manuais, me chamou muita atenção a parte que você falou que a partir do trabalho deles, a gente vai vivenciando outras vidas, e isso é muito legal. Porque a arte traz muito disso, da gente vivenciar também, outros momentos, outras realidades. E é muito legal ver isso nos Trabalhos Manuais, na tecelagem, que a gente consegue encontrar isso. Foi um ponto que você trouxe, que eu gostei demais e fez muito sentido pra mim. Acho que a gente aprende muito com eles mesmo. E só uma dúvida, durante essas oficinas que você deu, essas aulas, o que você sente que a tecelagem traz para a vida dessas pessoas que estão participando desses momentos? O que você acha que ela pode desenvolver, trazer, sensibilizar, enfim.*

Alexandre: Então eu vou falar a partir da minha experiência enquanto docente professor. Das oficinas, principalmente das instituições SESC, embora eu também tenha passado pelo SENAC e centros culturais. Mas assim, não é um ensino formal, né. Vou começar com um exemplo muito interessante. Eu tive uma aluna, que ela não queria fazer nada, desde a primeira aula: “olha, vamos fazer com o papelão”, não, na segunda aula “vamos fazer a tela”, não. Mas um amor de pessoa. Ei, só na terceira aula eu entendi que ela só queria estar ali, porque dentre todos os ateliês que ela poderia estar, era naquele ateliê que ela queria ficar. Ela se inscreveu na minha oficina, né. Então assim, tem uma hora, em uma dinâmica, que eu coloco duas pessoas no tear, porque uma começa a observar os erros e acertos da outra e vice versa. Eu adoro essa dinâmica. E eu intuindo que ela só queria estar ali, eu precisei encontrar a parceira certa, que queria tecer muito e queria o tear só pra ela. E foi assim a oficina inteira, ela não fez nada, nenhuma produção, mas toda aula ela estava super feliz, no final ela disse “olha, sua oficina foi a que eu mais gostei de fazer”.

Ai, tem duas questões quando você trabalha nessas instituições. Tem ou tinha antes da pandemia, o público fiel do SESC, que tem um perfil específico, que faz várias oficinas, que se inscreve, você ouve pelas conversas delas nas aulas “ai, amanhã eu tenho a oficina tal, amanhã tem oficina tal, amanhã tem oficina tal” e pra muitas turmas eu fiz essa pergunta, porque é uma pergunta que me faço, “quando é que você vai ter tempo de praticar uma das técnicas que você escolheu?”. Porque no meu caso, mas assim eu tenho que, é particular.

Cada nova tecelagem, me fez mergulhar e ir mais longe. Então assim, eu faço esse nó, e é muitas vezes, então eu teço e teço muito, a prática. Parece que quanto mais você pratica, seu cérebro diz, vamos dar mais uma pitada de imaginação, vamos dar mais uma pitada criativa, vamos dar mais uma pitada de insight. Quando você começa e já diz que não é criativa, você já está dizendo para seu cérebro, me bloqueie, é metafísico, a neurociência está falando sobre isso. Então, eu ficava me perguntando, a pessoa tem a semana inteira cheia de atividades e tecer demanda tempo também. Quando que ela vai praticar?

Antigamente eu era mais rigoroso quando as pessoas me ligavam me perguntado “você dá aula de tecelagem manual?”, ai eu digo “dou”, mas a primeira pergunta que faço é “você tem tear em casa?”. Porque eu não estava interessado

em dar aula pra quem não tinha tear em casa, ia praticar como? Claro, eu estava sendo mais radical. Hoje em dia eu gosto de fazer essa vivência. Pode ser que a pessoa nunca mais vá tecer, mas talvez seja importante pra ela uma tarde tecendo. Agora estou mais light nessa questão.

Ai na sala de aula, você tem que estar atento a sua sensibilidade e a sua percepção. Na primeira aula, eu sempre dispenso apresentação, aquela roda que todo mundo diz o nome, pra que veio, o que eu digo é que, quando as pessoas vão chegando, eu já vou perguntando o nome, que ao longo da oficina a gente vai ter tempo suficiente de se apresentar, quem bater com o outro vai decorar o nome mais rápido e quem não bater vai esquecer. Eu mesmo, tem hora que estou com oitenta pessoas, como que eu vou estar decorando, é bem delicado essa questão do professor. Mas quando você vai tendo as relações, os nomes vão se colocando.

Então na primeira aula eu já coloco o exercício da tela para entender, fazer a leitura da mão da pessoa, para entender como aquela mão é flexível, o quanto aquela mente é flexível, e eu vou caçando pistas que me falem sobre aquela pessoa, se ela é mais solar, se ela é mais noite, se ela é cor quente, se ela é cor fria, como aquela pessoa se comunica, como ela tira suas dúvidas, e ela capta mais rápido o nó que dá volta ao mundo ou não. E cada aula é um processo de intimidade que vai acontecendo, então, na última aula é família já, já é amigo. Mas na primeira aula você já pode chegar com a leveza, com clareza, organizado, com um fio condutor, uma narrativa, que as pessoas estejam sabendo qual o caminho que pode ser percorrido, mas que esse caminho pode ser amplo.

Tem turmas que são mais legais, mais legal no aspecto que produz muito e há turmas mais preguiçosas e você tem que tá tudo bem. Por exemplo, eu dei aula no SESC Ipiranga pra uma turma do programa da terceira idade e foi engraçado que eu estava com outra turma no SESC Pompéia, e as senhoras do grupo terceira idade, elas arrasaram, foram maravilhosas, os trabalhos todos bem sacados, bem bonitinhos, uma super produção e a turma do SESC Pompéia dormindo. Não que não tenha sido legal no SESC Pompéia, porque também quando elas compreendem, quando a mão se solta, quando elas adquirem a confiança necessária, ai aparecem trabalhos deslumbrantes. E tem um registro de foto disso, lá no facebook você vai encontrar vários, tem um álbum que tem várias oficinas, registros disso.

Eu lembrei agora que desde a primeira vez que eu fui pro Minhocão, que se estabeleceu a conversa com as pessoas na rua, é troca, é conhecimento, é aprendizado. Eu acho que a educação precisa facilitar essa troca. Temos que pensar como é que a linguagem da educação pode facilitar esse entendimento. É muito gostoso, é muito inspirador, ver quando o aluno supera o mestre. Eu tenho casos Rute de Sousas, Isa, Glória, Andréia, Bruna, quando elas começam a fazer o ponto delas, a partir do ponto que eu forneci, que elas adaptaram. É maravilhoso, é demais. E isso mantém a técnica viva, e isso também transforma, porque assim, não recorro de ter aprendido com ninguém as tramas experimentais da renda Cariri, foi uma soma de coisas que aconteceram na minha cabeça. Só um momentinho que está chegando uma “águinha”.

*(Pausa para a água)*

Como é que o outro chega no nível que você quer contar, passar, como é que ela entende essa dança das mãos. Essas mãos que são parceiras, que faz agulha isso, que faz o nó, que vai trançando. Como é que eu escrevo isso? Como é que eu tento traduzir isso da melhor forma possível para o outro entender? Repetição, repetição, repetição. E você tem que estar muito disposto, e a pessoa tem que sentir isso no seu tom de voz. Você precisa abraçar o seu aluno, encantar o seu aluno. Eu sempre preciso estar bem pra ir trabalhar, eu não consigo passar a noite em claro e no outro dia ir trabalhar bem, eu acho que eu não rendo. Porque o outro sente seu estado de espírito, o outro sabe quando você está cem por cento ou não.

*Katherine: Muito interessante, você trouxe vários pontos que eu acho muito importantes e que eu tenho pensando muito nesse momento de poder estar dando aula de Trabalhos Manuais. E uma coisa que você falou é a questão de estar sempre se renovando. Eu sinto que eu quero e estou tentando trabalhar nisso e pesquisando e estando aqui com você, porque eu quero trazer pra eles, claro que foi isso que você falou, tem que começar pela técnica, tem que mostrar para eles essa base, mas eu quero trazer além, eu quero que eles consigam ir um pouquinho a mais, e às vezes a gente acaba ficando só nesse ponto. Eu gostaria de trazer novas experiências.*

Alexandre: Mas também é maneira como você leva a didática também, por exemplo, 2016, 2017 e 2018 foram tão intensos, todos os semestres, muitos e muitos SESC's, eu pude brincar, as pessoas podem não saber, mas uma oficina começava de um jeito, a outra oficina de outro, a outra de outro, para que eu pudesse também entender, qual era a dinâmica, que resposta, de repente já tinha que voltar para aquela do começo, pra entender, é pesquisa. Mas não qualquer tipo de pesquisa, porque tá valendo, tem um público ali com você

*Katherine: sim, com certeza.*

Alexandre: E ai, você vai entendendo, a inovação, não propriamente um produto novo, mas a inovação é um amadurecimento que você teve sobre aquela mesmo trabalho

*Katherine: Não, eu digo, porque lá eu fico um semestre só com cada turma, então a gente acaba ficando só nisso. E eu estava querendo trazer novas coisas, algo mais além é o que eu tenho buscado. A gente acabou tendo as aulas por vídeo, e fizemos no papelão e eu acabei ficando presa nisso. Como que eu vou fazer a mais nessa situação que a gente tá? Mas agora, na verdade, estudando e tendo um maior contato com seu trabalho, eu percebi o como poderia ter pedido para eles em um, segundo, terceiro, quarto momento, irem atrás de materiais diferentes, além dos que eu já mandava para eles. Ir aprofundando mais, tentando coisas novas. Foi uma reflexão que tive aqui*

*Tarcila: uma coisa que eu penso também Katherine e Alexandre. Nesse caso em específico entre Katherine e Alexandre, tem uma diferença entre o público, como Alexandre já mencionou, o contexto. É diferente de estar numa escola, com uma determinada faixa etária, com um semestre (barulho de carro) diferente de adolescentes e adultos que vão poder fazer esse trabalho de pesquisa em casa. Quando a gente está em sala de aula, nessa instituição escola, parece sempre que está faltando um pouco mais de espaço para você se dedicar mais aquilo e se você não vislumbrar um pouquinho mais de complexidade, a gente sempre quer apresentar um pouco mais, porque a gente sabe que no ano que vem, talvez ele tenha outro professor ou vai ver outras coisas e aquele conteúdo ali, vai ficar restrito*



*ao que você mostrou. Então se de repente você mostra de uma determinada maneira, mostra uma trama tradicional apenas e não mostra uma trama experimental, talvez eles não vejam isso nunca mais. Eu acho que é um pouco dessa ansiedade que você tá falando em sala de aula, né Katherine.*

*Katherine: Sim, tanto que eu passo pra eles um pouquinho da tecelagem tradicional e passo também um pouco sobre tecelagem contemporânea, aliás você é um dos artistas que eu passo também. Mas acabou faltando pro isso em prática.*

Alexandre: É, porque você pode levar a tecelagem como prática de dança, o movimento do fio em sala de aula, você pode levar a tecelagem como expressão desse fio na parede, lembrando da artista Edith Derdyk. Você pode levar essa tecelagem manual no corpo, elas criando o entrelaçamento da roupa no corpo do outro aluno. Isso é contemporâneo, experimental, é Hélio Oiticica, Lygia Clarke, é pegar a essência desses dois artistas. É um desafio ser professor. Às vezes eu sou voluntário.

*(Pausa pra água)*

Um amigo que trabalha na escola, zona sul de São Paulo, e ele tem um projeto chamado farol da moda, envolve várias escolas aqui de São Paulo, eu já participei três anos ou quatro anos. Tivemos a live em tempos de pandemia. Mas quando era presencial e eu ia até eles, estar com eles, é interessante ver com que velocidade esse público quer absorver a informação, que é completamente diferente do tempo que demanda a tecelagem, que você tem que ter paciência. Como é que você ganha esse público? Como é que você faz eles largarem o celular? para que eles possam se emaranhar no universo? Então, pode ser pelo visual, como modestamente já fiz trabalhos para o João Pimenta da São Paulo Fashion Week.

Eu uso essa técnica de primeiro apresentar os meus trabalhos, para que eles sintam, tenham confiança em mim e gostem, para depois fazê-los realmente terem essa vivência, e é muito curioso quebrar resistência, como é que se quebra essa resistência? E às vezes leva anos, ainda mais com a realidade das nossas escolas, quantas realidades absurdas.

*Katherine: Com certeza, eu percebo que tem uns que já mergulham, amam, fazem, ficam felizes, empolgados e tem outros que tem essa resistência. É aquilo que você falou, demanda muita paciência, demanda atenção, e as vezes eles não querem estar fazendo aquilo, naquele momento, e principalmente por vídeo, é um trabalho que a gente vai aos pouquinhos, vai conversando.*

Alexandre: Qual a idade deles?

*Katherine: Estou dando tecelagem pro oitavo e nono ano.*

Alexandre: Me veio o pensamento agora, que assim, que esses programas tecnológicos assim, do Windows. Para essas que não querem fazer no físico, mandar fazer as tramas no computador.

*Katherine: Sim, pelo menos pra despertar no início.*

Alexandre: Criar design, padrões têxteis. Porque a gente tem que encontrar soluções criativas para esse público, né. E casar tecnologia com técnicas ancestrais.

*Katherine: Mas é muito bonito, porque assim, às vezes eles ficam resistentes, mas na hora que eles fazem, é uma felicidade, que é um negócio absurdo. Eles ficam felizes de conseguir fazer. Eu estava dando tricô também, o menino quando conseguiu fazer a primeira carreira, veio aquela felicidade. Então é isso, usando instrumentos novos. Eu sempre tento trazer a questão das qualidades das cores, trago pelo cinema, filmes, filtros e a gente vai tentando fazer essas conexões com a tecnologia, que chama mais a atenção deles.*

Alexandre: E o mais legal também é que a gente percebe o movimento crescente dos últimos, dois, três, quatro anos de jovens, meninos e meninas, se envolvendo com a arte manual, com os fios, as fibras, é visível a força desse movimento. Janeiro de 2019 eu fui pra Fortaleza e quando eu vivia em Fortaleza eu não tinha um contato com o movimento têxtil. Chego, me deparo com uma juventude fazendo festival borda por toda a cidade. Então, não sinto que seja uma

moda, eu sinto que seja a força desse novo momento, de consumirmos com mais sabedoria, utilizando recursos naturais.

*Tarcila: retomada de alguns valores, como forma de resistência.*

Alexandre: A gente pode estar subestimando os nossos homens ancestrais memoriais, porque como não temos registros escritos e o tecido se perdeu, mas vai saber se esse povo não ousava nos tecidos, nos experimentos tecnológicos da época. Não tem como comprovar que já aconteceu, mas.

*Tarcila: se eu não me engano, a primeira agulha. Em São Paulo tem o museu de Arqueologia e Etnologia. Lá eu fiz um estágio e a primeira agulha, não me lembro se era dente ou osso de baleia e foi pra tecer rede de pesca. Então ali já dá pra pensar nessa relação do trabalho de se tecer.*

E o pensamento tecnológico atrelado a essa coisa coletiva. Não o coletivo terceirizado da indústria, que cada um faz uma parte, mas o trabalho coletivo que integra e não que separa. Acho que esse é o pensamento da tecelagem manual, é o texto que informa, se estamos falando da trama escrita. Mas também é a trama que dá forma ao tecido, seja para o que se destina.

*Tarcila: Alexandre, na nossa outra conversa, da semana passada, eu fiquei com uma dúvida. Depois que a gente desligou que me ocorreu. Você falou da tecelagem viva ou foi trama viva? Tear vivo?*

Alexandre: Eu acho que foi dentro do contexto do Museu vivo, que eu passei aquele meu *tempo*.

*Tarcila: quando você estava falando da performance.*

Alexandre: Mas vamos refletir sobre o tear vivo. O tear está vivo e vive quando não está jogado no canto, o tear vive quando eu transformo as pessoas nessa ferramenta, nesse instrumento de trabalho.

*Tarcila: era essa minha pergunta, se isso era uma ação performática ou um processo de arte educação?*

Alexandre: Os dois, depois que eu fiz essa ação, foi natural a reflexão de “gente, eu posso levar isso pra dentro da sala de aula, para que antes das pessoas chegarem no tear, elas já compreendam de fora o processo.

*Tarcila: e eu lembro de ter visto no facebook, que eu já te acompanho a um tempo, então não lembro em que momento eu vi. Se não me engano, em algum SESC, em uma área aberta, você com os fios esticados e as pessoas tramando. É esse? Elas passam por baixo.*

Alexandre: É, são várias maneiras. Já fiz essa ação na amostra de bordados poéticos em Paraty, em Teresópolis, em todo canto. Depois de 2016 nunca mais deixei de fazer essa ação performática ou ação educativa, não tem como separar.

*Tarcila: Eu tenho mais uma pergunta, que não é tanto da Katherine. Mas é que a minha linha de pesquisa e trabalho ela tem a ver com arte e a produção de cuidado e saúde, se aproximando da cura. E hoje na sua fala, você falou da tecelagem como cura. Você tem essa visão, você se coloca nesse processo da tecelagem como processo de cura?*

Alexandre: Sim, porque eu vivi isso. Então, eu compro meu tear aqui em São Paulo, num momento que estava muito fragilizado, que é o fundo do poço. Na verdade, eu já tinha chegado aquele lugar que é quando está no fundo e você tá naquele momento de dar um impulso pra subir. Era uma época que eu não tinha dinheiro, então eu fazia o curso de Turismo, curso do Oswald de Andrade e a noite ficava tecendo no quarto.

O ato repetitivo do tecer, descompromissadamente, tecer por tecer, que leva um tempo, foi organizando meu pensamento sem eu saber. Há relatos de vários outros tecelões e de várias outras técnicas, o meu relato só se soma a esses relatos. Tecelagem como um processo de cura para os corajosos que se dão tempo, porque o processo de cura não é do dia pra noite. Então como hobby, esse hobby me afetou de tal maneira, me deu um prazer em estar tecendo. Assim como eu

posso relacionar que as lives que eu fiz durante o tempo de pandemia, que foram muitas lives, tive muitos feedbacks “obrigada, você me livrou de uma depressão” ou “não me deixou entrar numa”. Relatos espontâneos, muitos. De várias faixas etárias e lugares. Então, mostra que há uma força.

O grande vilão do ser humano é o pensamento, a grande questão do que é que eu penso tanto, qual a qualidade desse pensamento. Quando eu teço, eu me ausento de pensamento. Mas é uma capacidade, assim como eu posso tecer também e já estar matutando algumas ideias. Eu posso estar tecendo também e pensando no próximo tecido ou eu posso estar tecendo e estar e descobrindo como se fosse um novo capítulo. Assim, eu estou dizendo eu estou lendo um capítulo de um livro e está muito interessante, então eu estou naquela escrita interessante e eu também estou mergulhado ali, estou pensando naquele processo.

Uma coisa que lembrei que era importante associar a meditação e o objetivo da meditação é que você não seja contaminado por nenhum pensamento. Você está meditando, concentrado só na respiração, vem o pensamento “quero fazer bolo”, e aí se você der corda, você vai pensar na receita toda, você vai pensar no supermercado, vai pensar na farinha que acabou a dois anos atrás. Quando o correto é você dizer “mente, eu não quero pensar nisso agora, eu quero só respirar”. Então trazendo esse pensamento da meditação, o quanto nós estamos corajosos, de dizer “ou eu encaro esse pensamento para eu me livrar dele ou ele vai se tornar repetitivo”.

A tecelagem manual, ela resgatou minha autoestima, ela me levou a caminhos profissionais que eu nunca tinha imaginado percorrer, me fez conhecer pessoas incríveis, fiz viagens especialíssimas. Mas eu não tinha certeza de nada quando eu comecei. Então quem quer passar por um processo de cura e quer garantia (*gesto de dúvida*). Respondi?

*Tarcila: Respondeu. E eu tava aqui lembrando que na semana passada você também comentou, não sei se com elas palavras, mas que houve um processo, uma construção, uma elaboração, enquanto você construía sua relação com a tecelagem, você também se construía como artista, vencendo uma espécie de timidez e assim por diante. Isso foi ampliando, ampliando, e uma coisa alimentando a outra. Quando você fala agora desse processo de cura, eu penso que é tudo*

*junto, né. Ao mesmo tempo você se cura e cresce, dá mais um passo, se alimenta, vai um pouco mais.*

Alexandre: Você vai se fortalecendo, né.

*Tarcila: e ai você pesquisa um pouco mais a tecelagem e fala “olha, da pra ir um pouco mais aqui”. À medida que a tecelagem vai ampliando de complexidade, você também. E assim por diante. Eu acho que é por ai, né. Eu percebi um pouco disso nas minhas pós-graduações, mestrado e doutorado foram um processo pra mim, muito mais rico como pessoa. O tanto que eu aprendi no mestrado e doutorado a ser mais eu e vencer essa espécie de timidez, colocando um limite na minha frente, do que a pesquisa em si. A pesquisa também é importante, mas o que aconteceu dentro de mim, foi muito maior. Eu fiz um paralelo com sua pesquisa de tecelagem e com esses processos todos de toca a vida e ir crescendo.*

Alexandre: O que é Natural. Por exemplo, pode um jovem de vinte anos ter tantas certezas? Porque, por exemplo, vou fazer uma comparação muito, eu vejo a cantora Anita, esses adolescentes com vinte, vinte e poucos anos, fazendo um trabalho tão legal, etc e tal. Mas nada garante que eles não têm todos os dilemas, dúvidas, incertezas. Que quando a gente passa a estudar, cada pessoa amadurecendo na sua arte e na sua trajetória, mas essa bagagem vai se fazer aos quarenta anos, quarenta e cinco.

*Tarcila: Exato.*

Alexandre: E talvez seja natural. Há pessoas que vão ser mais tímidas, inseguras, mais medrosas ou não. Talvez elas consigam compensar em outras esferas da vida dela. Eu tenho memórias que eu sempre quis ser artista. Eu imaginava que eu ia ser humorista, eu adorava imitar humoristas, ator. Eu lembrei agora, ser cantor, esses sonhos de menino do interior. E quando eu vou morar em Fortaleza, que me relaciono com o mundo da moda e me apaixono pelo mundo da moda, que é um universo incrível, mas também com suas problemáticas, talvez, e eu não relacionava essa paixão pela moda com a tecelagem manual. Está tudo conectado.

Então, o bom humor dos meus tecidos, meu tecido é solar, assim, eu posso fazer tecidos dramáticos? Posso. Mas meu tecido é solar, então tem o meu bom humor, o meu tecido me interpreta, num aspecto que ele conta uma história. Às vezes eu estou fazendo um tecido escutando uma música da Maria Bethânia e aquela música vai toda impregnada naquele momento, digamos assim, naquele texto. Tecitura, tecitura com “c” e com “s”, partitura, música e fio, então o tecido também é uma partitura (risadas). Eu estou viajando. Está tudo conectado, tudo entrelaçado.

*Katherine: é muito legal esse assunto. Eu conheci a tecelagem num processo de autoconhecimento. Mas na verdade, foi isso que você falou, essa cura ela vem da prática diária e enfim, mas eu conheci a tecelagem num biográfico, que é esse processo de autoconhecimento e eles usam a tecelagem para que a gente pense e reflita sobre a nossa vida. A gente vai tecendo os nossos períodos. E foi assim que eu conheci, nesse processo.*

*Tarcila: Antroposofia, né?*

*Katherine: É, sim. É muito legal isso. Esse fazer, você falou isso em um momento, esse fazer e esse fazer com prazer, com sentido, seja nas diversas áreas que esteja falando, não somente a tecelagem, mas também ela. Quando a gente faz isso com prazer e com sentido, ele traz talvez essa cura, esses pensamentos.*

Alexandre :Toda cura requer disciplina. É um comprometimento com o que você está fazendo.